

CAMILA POLON DONZELI

**A INTERPRETAÇÃO DE PIADAS POR AFÁSICOS:
ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E SÓCIO-COGNITIVOS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa Dr^a Edwiges Maria Morato

**CAMPINAS
2008**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

D719i Donzeli, Camila Polon.
A interpretação de piadas por afásicos: aspectos lingüísticos e sócio-cognitivos / Camila Polon Donzeli Feitosa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Edwiges Maria Morato.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Neurolingüística. 2. Afasia. 3. Piadas. 4. Sociocognitivismo. I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The interpretation of jokes by aphasics: linguistics and sócio-cognitivism aspects.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Neurolinguistic; Aphasia; Jokes; Socio-cognitivism.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (orientadora), Profa. Dra. Vanda Maria da Silva Elias e Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch.

Data da defesa: 26/02/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato

Edwiges Maria Morato

Ingedore Grunfeld Villça Koch

Ingedore Grunfeld Koch

Vanda Maria da Silva Elias

Vanda Maria da Silva Elias

João Wanderley Geraldi

Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran

IEL/UNICAMP

2008

Dedico este trabalho ao meu marido, Marcelo, e aos meus pais, pelo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dr^a Edwiges Morato pela orientação, estímulo e ensinamentos, essenciais para a realização deste trabalho.

Às Profas. Dras. Ingedore Koch e Vanda Elias, pelas importantes contribuições apresentadas durante o exame de qualificação.

À FAPESP, pela concessão da bolsa, e ao parecerista pelas preciosas sugestões.

Ao grupo do CCA, em especial aos sujeitos NS, MH, MH, MS, MN, pelo carinho e disposição em participar desta pesquisa.

Aos sujeitos não-afásicos HP, ML, PD, JJ, AF, pela ajuda e disposição.

Aos meus amigos do grupo de pesquisa, em especial à Sandra Cazelato, Rita de Cássia Silva e Heloisa Macedo, pela força e companheirismo.

À minha família e amigos, pelo carinho e incentivo.

RESUMO

Este estudo explora precisamente aspectos lingüístico-pragmáticos da manipulação enunciativa de piadas, assinalando sua importância para os estudos neurolingüísticos, em especial aqueles que se encontram ancorados numa perspectiva interacionista ou sócio-cognitiva dessa relação. O que se propõe no presente estudo é aprofundar a consideração de que o problema da afasia não pode ser reduzido a uma questão lingüística (*stricto sensu*), nem a de que o componente “meta”, importante para as ações reflexivas dos sujeitos, reduz-se à ordem cognitiva; por isso, a competência relativamente à linguagem (à qual se vinculam processos meta de várias ordens: lingüística, enunciativa, pragmática, discursiva) não estaria necessariamente destruída nas afasias.

Neste trabalho foram analisados dados lingüísticos de 5 sujeitos não-afásicos (grupo controle) e 5 sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), que é situado no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Através de entrevistas individuais, foi solicitado aos sujeitos que, após ouvir as piadas, explicassem ou comentassem seus efeitos de humor. Para a coleta de dados, elaborou-se um Protocolo de Estudos de Piadas com base na relevância de determinado nível lingüístico. Contudo, cumpre ressaltar que uma concepção enunciativa de língua pressupõe a mobilização de processos pragmáticos, contextuais, discursivos. Nesse sentido, ainda que determinados mecanismos léxico-sintático-semânticos fiquem em evidência, todo enunciado chistoso é da natureza dos fenômenos pragmáticos, intersubjetivos, sócio-culturais.

A partir da aplicação do Protocolo, observou-se a presença de processos meta relativamente à linguagem (lingüísticos, enunciativos, pragmáticos, discursivos), pois os sujeitos, na interpretação e manipulação das piadas, questionaram e reformularam o texto original, ou seja, produziram comentários, reformulações, recontagens, inserções (pedido de esclarecimentos ou exemplificações), paráfrases; além de terem reconhecido pré-construídos, pressupostos e/ou implícitos culturais envolvidos nas piadas, realizaram ajustes enunciativos sobre os sentidos veiculados, leis conversacionais e regras de etiqueta. Relevante, também, para análise dos dados foi observar diferentes aspectos do ponto de vista da construção e mesmo da explicitação do sentido: a interpretação; a explicação; os marcadores conversacionais; a presença de processos semiológicos co-ocorrentes, como o contexto, o gesto, a melodia *etc.*; e o riso.

Tendo em vista os dados obtidos na pesquisa, ressalta-se que as piadas se constituem, bem como outros fenômenos de ordem meta-enunciativa, em um interessante expediente para a análise da competência pragmático-textual dos sujeitos para produzir e interpretar linguagem. Observou-se essa competência através de manobras lingüísticas e sócio-cognitivas realizadas pelos sujeitos na busca ou na mobilização lingüístico-cognitiva da significação, do conhecimento enciclopédico, da memória cultural e discursiva, de um *savoir-faire* específico. Com isso, entende-se essa competência como uma espécie de conhecimento sócio-cognitivo dos objetos e estados de coisa no mundo que se constitui e se revela enunciativamente no decorrer das ações dos sujeitos.

Palavras-chave: neurolingüística, afasia, piadas, sócio-cognitivismo.

ABSTRACT

This study explores linguistic-pragmatic aspects of the enunciative manipulation of jokes, designating its importance for the neurolinguistics studies, in special those that were find anchored in an interactionist perspective. What is consider in the present study is to deepen the consideration that the problem of the aphasia cannot be reduced to a linguistic question (*stricto sensu*), nor of that the component “meta”, important for the reflexives actions of the individuals, reduce to the cognitive order; therefore, the competence relatively to the language (which is connect to “meta” processes of some orders: linguistics, enunciative, pragmatic, discursive) necessarily would not be destroyed in the aphasias.

In this work it had been analyzed linguistic data of 5 not-aphasics individuals (control group) and 5 aphasics individuals that frequent the “Centro de Convivência de Afásicos” (CCA), that is situated in the Institute of Studies of the Language (IEL/UNICAMP), by individual interviews. The proposal presented was that after hearing the joke, the individuals were requested to explained or commented the jokes. For the collection of data, a Protocol of Studies of Jokes was elaborated on the basis of the relevance of determined linguistic level. However, it fulfills to stand out that an enunciative conception of language estimates the mobilization of pragmatic processes, contextual, discursives. In this direction, despite lexic-syntactic-semantic mechanisms are in evidences, all jokes are a pragmatic, intersubjective, sociocultural phenomena.

From the application of the Protocol, it was observed the presence of “meta” processes relatively to the language (linguistic, enunciative, pragmatic, discursives), therefore the individuals, in the interpretation and manipulation of the jokes, had questioned and reformulated the original text, that is, had produced commentaries, reformularizations, recount, insertions (asked for of clarifications or exemplifications), paraphrase; beyond having recognized pre-constructed and/or implicit cultural involved in the jokes, carrying through enunciative adjustments about conversational laws and label rules. Also relevant, for data analysis it was to observe different aspects of the construction and explicitation of the sense: the interpretation, the explanation; the conversational markers; the presence of co-ocorrentes semiologics processes (as the context, the gesture, the melody) and the laugh.

With the data in the research, it was observe that the jokes are constitute, as well as other phenomena of meta-enunciative order, in an interesting expedient for the analysis of the pragmatic-textual competence of the individuals to produce and to interpret language. This competence through linguistic and socio-cognitives abilities carried through by the individuals in the search or in the linguistic-cognitive mobilization of the signification, the enciclopedic knowledge, the cultural and discursive memory, one specific *savoir-faire*. With this, the competence is understand as a socio-cognitive knowledge of objects and states of thing in the world that it constitutes and it reveals enunciatively in elapsing of the individuals actions.

Key-words: neurolinguistic, aphasia, jokes, socio-cognitivism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
A PIADA COMO FATO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO	8
Piada como forma meta-enunciativa	20
As estratégias lingüístico-discursivas implicadas nas piadas	22
Organização textual das piadas	23
Aspectos pragmático-cognitivos da piada	33
Piada e <i>Performance</i>	38
CAPÍTULO II	
O LUGAR RESERVADO ÀS PIADAS NA AFASIOLOGIA	40
Problematizando a definição da afasia como problema de metalinguagem	44
Ganhos teóricos do estudo das piadas	46
CAPÍTULO III	
METODOLOGIA DA PESQUISA	
Elaboração do Protocolo de Estudos de Piadas	49
Grade interpretativa do Protocolo de Estudos	51
A aplicação do protocolo	55
Notações de transcrição	55
Comentários gerais sobre o desempenho dos sujeitos do grupo controle (AF, ML, JJ, HP, PD)	60
Descrição neurolingüística dos sujeitos afásicos	60
Comentários gerais sobre o desempenho dos sujeitos afásicos (NS, MH, MN, MG, MS)	63

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

Comentários gerais sobre o desempenho dos sujeitos (afásicos e não-afásicos) em relação a cada uma das piadas integrantes do Protocolo de Estudos	67
Resultados gerais a respeito de cada sujeito afásico em relação à interpretação das piadas	83
Aspectos lingüístico-interpretativos observados nos dados	
1. A interpretação como uma questão sócio-cognitiva	92
2. Explicação	93
3. Fenômenos meta: inserções, reformulações, comentários, recontagens, repetições, paráfrases <i>etc</i>	95
4. Marcadores conversacionais	109
5. Aspectos de significação não-verbal	111
6. O estatuto do riso	116
Semelhanças e diferenças entre as duas populações	119

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relevância das piadas para o estudo das afasias	121
---	-----

REFERÊNCIAS	125
--------------------	-----

ANEXO I

Protocolo de Estudos I	138
Protocolo de Estudos II (suplentes): grade interpretativa	

ANEXO II

Protocolo de Estudo utilizado no Projeto de Iniciação Científica (1998)	143
---	-----

INTRODUÇÃO

No campo da Psicanálise, Freud (1905/1996) é pioneiro ao assinalar a importância da análise da linguagem para o entendimento de processos psicológicos e sociais encerrados nos sujeitos e constitutivos dos chistes:

[...] posso apelar para o fato de que há íntima conexão entre todos os eventos mentais, fato este que garante que uma descoberta psicológica, mesmo em campo remoto, repercutirá imprevisivelmente em outros campos. Podemos ter também em mente o encanto peculiar e fascinador exercido pelos chistes em nossa sociedade. Um novo chiste age quase como um acontecimento de interesse universal: passa de uma a outra pessoa como se fora a notícia da vitória mais recente (FREUD, 1996, p.23).

Em Lingüística, no terreno dos estudos discursivos, há autores que se dedicam à análise da piada para desvelar temas socialmente controversos e estereótipos. Neste caso, procura-se reconhecer diversas manifestações culturais e ideológicas no funcionamento discursivo. Como afirma Possenti (1998), que estuda a piada no âmbito da Análise do Discurso:

[...] as piadas são interessantes para os estudiosos porque praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos. Assim, sociólogos e antropólogos poderiam ter nelas excelente *corpus* para tentar reconhecer (ou confirmar) diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados (p. 25).

Outros estudos, afeitos também ao campo da Lingüística, possibilitam a compreensão da natureza dos mecanismos envolvidos na produção e interpretação dos chistes, salientando seus aspectos semânticos (Raskin, 1985). Contudo, são raros os estudos sobre as piadas que as abordam de forma sistemática a partir de processos ou estratégias pragmático-enunciativas. No âmbito deste trabalho, procuramos explorar precisamente aspectos lingüístico-pragmáticos da manipulação enunciativa de piadas, assinalando sua importância para os estudos neurolingüísticos, em especial, aqueles que postulam uma estreita relação entre linguagem e cognição, isto é, aqueles que se encontram ancorados numa perspectiva interacionista ou sócio-cognitiva dessa relação.

A perspectiva sócio-cognitiva entende que a cognição não está mais centrada no nível do indivíduo, e, sim, no social. Como salienta Marcuschi (2002a),

[...] a explicação caminha na direção das atividades lingüísticas situadas e não das estruturas da língua descarnadas de seus usuários. Esse é o caminho que vai do código para a cognição e, neste percurso, tudo indica que o conhecimento seja um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual. A cognição passa a ser vista como uma construção social e não individual, de modo que para uma boa teoria da cognição precisamos, além de uma teoria lingüística, também de uma teoria social (p.45).

Dentro desse contexto, as piadas se constituem, bem como outros fenômenos de ordem meta-enunciativa (como os provérbios e os idiomatismos), um interessante expediente para a análise da competência pragmática-textual dos sujeitos para produzir e interpretar linguagem. Observamos essa competência¹ através de manobras lingüísticas realizadas pelos sujeitos na busca ou na mobilização lingüístico-cognitiva da significação, do conhecimento enciclopédico, da memória cultural e discursiva, de um *savoir-faire* específico. Uma competência que tem a ver com uma espécie de conhecimento sócio-cognitivo dos objetos do mundo que se revela enunciativamente no decorrer das ações dos sujeitos.

Esta Dissertação, com os objetivos que apresenta, não deixa de recuperar, de forma

¹ Para Chomsky, a competência é uma faculdade. Os indivíduos são inconscientes dela, não a controlam e não a podem julgar, visto que é inata. A competência é o que explicaria a *performance*, isto é, a exibição em uso desse conhecimento tácito pelo falante. Dessa maneira, a *performance* tem com a competência uma relação causal, ela que acaba por explicar a ação. (*apud* MORATO, 2005). Contudo, outras teorias vão de encontro a essa noção: no campo da pragmática e da sociologia o que explica a competência é a intersubjetividade. Ainda, autores como Bourdieu e Boltanski, a concebem como prática social. Goodwin, por exemplo, critica a concepção de competência extraída do modelo fundador chomskiano, baseada na distinção competência *versus* performance, restrita a processos lógico-ontológicos internos e reduzida à forma gramatical e individual da expressão verbal. Em relação a essa visão, Albert Ogien (2001) afirma que dois problemas se colocam à hipótese inatista de Chomsky em sua teoria explicativa a respeito da linguagem: a) ausência de resposta convincente à questão da aprendizagem; b) excessivo intelectualismo do funcionamento cognitivo pressuposto por Chomsky, que prevê sofisticadas instruções e cálculos em sua teoria formal para explicar a maneira pela qual os indivíduos produzem os enunciados. (*apud* MORATO, 2005). A competência, para Morato (2005), pode ser entendida como um fenômeno sócio-cognitivo, por explicitar enunciativa, pragmática e inter-semioticamente os processos de significação nela envolvidos; por ser constituída por instâncias sócio-culturais que presidem a utilização da linguagem e demais situações humanas; por ser marcada pelos aspectos interacionais, intersubjetivos e sociais das condições de emergência que são próprias das ações na qual é requerida.

transformada e aprofundada, reflexões contidas em nossa pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “Análise de recontagem de piadas: um estudo de formas meta-enunciativas na linguagem de sujeitos afásicos”², realizada sob orientação da Profa. Edwiges M. Morato³.

O referido estudo teve como objetivo específico descrever processos lingüístico-cognitivos requeridos na recontagem de piadas. Essa pesquisa deixou evidente que o trabalho de interpretação de piadas realizado pelos sujeitos salienta uma competência de ordem pragmático-discursiva na qual o que está em jogo é não apenas a língua (o sistema lingüístico) ou a cognição (ou seja, um ou outro processo cognitivo em particular), mas, sim, um conjunto de processos “meta” (lingüístico-cognitivos) que coloca em relação dialética, recíproca, constitutiva o saber da língua e o saber do mundo.

O que se propõe no presente estudo é aprofundar a consideração de que o problema da afasia não pode ser reduzido a uma questão lingüística (*stricto sensu*), nem a de que o componente “meta”, importante para as ações reflexivas dos sujeitos, reduz-se à ordem cognitiva. Por isso, a competência relativamente à linguagem (à qual se vinculam processos meta de várias ordens: lingüística, enunciativa, pragmática, discursiva) não estaria necessariamente destruída nas afasias.

A partir desse arrazoador, torna-se fundamental observar empiricamente os movimentos de vários processos meta (metalingüísticos, meta-enunciativos, meta-discursivos, meta-pragmáticos) realizados por sujeitos afásicos em contextos que testemunhem a relação linguagem-mundo. Isso é possível através da investigação do trabalho textual-interativo de que o sujeito afásico lança mão para compreender e interpretar o texto chistoso, refletindo, assim, sobre a linguagem e seu funcionamento. É precisamente a análise dessas questões que constitui o problema teórico do presente estudo. A piada, assim como sua própria interpretação, mostra-se, portanto, altamente produtiva para o estudo da competência pragmática de sujeitos afásicos.

² Projeto financiado pela Fapesp, processo número 97/13803-6 (ano de conclusão: 1998).

³ Esse estudo fez parte de um projeto desenvolvido pela referida professora junto ao CNPq (processo n. 301396/96-5) sob o título “A construção meta-enunciativa no discurso de sujeitos com afasia e neurodegenerescência: Subsídios teórico-metodológicos para a elaboração de um protocolo de investigação neurolingüística”.

Tendo em vista esses objetivos, este estudo inscreve-se nas reflexões desenvolvidas pelo grupo de pesquisa coordenado por nossa orientadora, cujos aportes podem ser vistos no Relatório Final de Pesquisa finalizada em 2005 (financiada pela Fapesp) e no corpo de um projeto em andamento na mesma agência de fomento, intitulado *Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos*.

O objetivo do projeto finalizado em 2005, intitulado *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)*⁴, cumpre destacar, foi analisar a noção de competência relativamente à linguagem no âmbito das dinâmicas de funcionamento do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), em que estudos estreitamente relacionados entre si, focalizaram distintos aspectos da noção de competência enquanto prática sócio-cognitiva. O estudo a respeito de expressões formulaicas (CAZELATO e DONZELI, 2005) deixou evidente que há um trabalho lingüístico, no qual estão imbricadas estratégias enunciativas e pragmáticas, como a intertextualidade, a polifonia, a argumentação. Observou-se nesse estudo a capacidade de reflexividade enunciativa dos sujeitos sobre a língua e seu funcionamento, durante as práticas e rotinas do CCA. Concluiu-se que os sujeitos trabalham com e sobre a linguagem, o que mostra que problemas metalingüísticos *stricto sensu* não são capazes de destruir uma espécie de “postura meta-enunciativa” (Morato, 1999).

Entendemos, nesse contexto, competência pragmático-enunciativa como ações reflexivas realizadas pelos sujeitos sobre a linguagem e seu funcionamento na construção do sentido e na sua explicitação, tendo em vista efeitos de sentido pretendidos nas interações.

No campo neurolingüístico, analisar as piadas a partir de um enfoque sócio-cognitivo mostra-se capital não só para a reflexão acerca da relação entre linguagem, cognição e práticas sociais, mas também para a investigação mais pontual da inter-relação dos vários fatores de constituição do sentido nas práticas com a linguagem.

O Capítulo I da presente Dissertação trata das pesquisas realizadas em torno da piada, enfatizando seus aspectos lingüístico-discursivos. Nesse tópico, destacam-se estudos de autores como Freud, Bergson e Chiaro, que analisaram o humor, o riso ou a piada a

⁴ Projeto financiado pela Fapesp nº 03/02604-9, sob responsabilidade da Profa. Dra. Edwiges Maria Morato.

partir de tal perspectiva, por se mostrarem, de alguma maneira, importantes para o entendimento da cultura, da língua, do contexto *etc.* É importante para esta pesquisa, também, a análise dos vários processos meta que estão em jogo no entendimento de uma piada. Por isso, adensamos o trabalho a partir da consideração das estratégias metadiscursivas (*Cf.* Koch, 2004) implicadas nas piadas e sua forma meta-enunciativa.

Em seguida, realizamos, ainda no Capítulo I, um estudo dos aspectos gerais pragmático-cognitivos relativos à piada. Nesse estudo ganham relevância os elementos que parecem ser necessários para que um texto seja engraçado, além das teorias necessárias para a compreensão do humor: estudos que integram as estratégias cognitivas e mecanismos especiais de comunicação, a teoria do efeito surpresa, a teoria incongruência-resolução e a teoria semântica de Raskin sobre os *scripts* que compõem uma piada. Observamos, também, neste estudo, que a manipulação e interpretação das piadas exige do sujeito, além de uma competência textual e pragmática, uma *performance*, um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta.

Neste estudo procuramos também destacar a organização textual das piadas, pois é primordial para a pesquisa a análise do trabalho textual-interativo realizado pelo sujeito afásico para compreender e interpretar as piadas; salientamos também os processos envolvidos em uma piada e que poderão ser mais facilmente interpretados ou não a depender de sua forma textual, de suas características lingüísticas ou de seus implícitos culturais, discursivos *etc.* Ressaltamos, portanto, que os sujeitos, ao manipular e interpretar as piadas, as reconhecem como um gênero textual, isto é, reconhecem características que lhe são próprias, como por exemplo, o diálogo, o enredo, o “gatilho” *etc.* - o que revela uma competência textual para interpretá-la. Ainda no primeiro capítulo, procuramos evidenciar os aspectos sócio-cognitivos empenhados na construção do sentido da piada.

O Capítulo II trata de pesquisas na área da Afasiologia, as quais exploram, em sua maioria, a tese de que sujeitos com lesões cerebrais apresentam dificuldades em entender a linguagem não-literal, metafórica, como a ironia, a falácia, o humor. Além disso, esses estudos acabam por reduzir o problema da afasia a uma questão metalingüística (*stricto sensu*), e o componente “meta”, importante para as ações reflexivas dos sujeitos, à ordem cognitiva. Nesta pesquisa, o componente “meta” é visto como a capacidade de

reflexividade enunciativa dos sujeitos sobre a língua e seu funcionamento. A partir da análise de dados, como se verá, observamos que os sujeitos realizam ações reflexivas relativamente à linguagem e às práticas sócio-culturais a ela afeitas.

O Capítulo III trata da metodologia utilizada neste trabalho. São analisados dados lingüísticos de 5 sujeitos não afásicos e 5 sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA)⁵. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais, nas quais os sujeitos, após ouvir uma piada, deveriam explicitar ou comentar seus efeitos de humor.

As piadas contadas aos sujeitos foram adaptadas do Protocolo de Estudos de Piadas (Anexo I) elaborado nossa pesquisa de Iniciação Científica. O protocolo se volta para o estudo de processos lingüístico-discursivos envolvidos na interpretação e uso de piadas, a partir de níveis de análise lingüística. Na pesquisa anterior partiu-se da afirmação de Possenti (1998) de que é possível classificar as piadas com base no nível ou no mecanismo lingüístico que é posto em causa de maneira central. Apesar das piadas acionarem, em geral, mais de um mecanismo simultaneamente, é possível, sob tal perspectiva, distinguir os níveis lingüísticos que seriam mais relevantes para o entendimento da piada. Em outras palavras, busca-se classificar as piadas de acordo com a “chave” lingüística mais saliente, sendo o efeito do humor possível de ser acionado por um mecanismo morfológico, fonológico, sintático ou lexical.

A categorização das piadas que integram o Protocolo de Estudos foi feita com base na reflexão de que o contador e o ouvinte de piadas lidam com questões culturais ou conhecimento de mundo a todo o momento, e que a piada será sempre constituída de elementos pragmático-discursivos; porém, em algumas delas, tornar-se-ão mais ou menos relevantes certos níveis lingüísticos essenciais para sua compreensão.

Em relação à metodologia empregada nesta Dissertação, elaboramos duas versões do Protocolo de Estudos (composto por seis piadas cada um), as quais foram aplicadas à população que configurou o grupo controle, composto por 05 sujeitos não-afásicos. A partir

⁵ O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) é um espaço de interação de pessoas afásicas e não-afásicas, de pesquisa e de assistência terapêutica, situado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP.

dos resultados obtidos junto ao grupo controle, realizamos posterior reajuste que resultou nas piadas que integram o Protocolo Final (composto por sete piadas).

A análise de dados é desenvolvida no Capítulo IV, no qual evidenciamos, a partir da aplicação do protocolo, não só comentários mais gerais relativos a cada uma das piadas, mas também aspectos lingüísticos gerais. Os sujeitos, na interpretação e manipulação das piadas, questionam e reformulam o texto original, ou seja, produzem comentários, reformulações, recontagens, inserções (pedido de esclarecimentos ou exemplificações), paráfrases; reconhecem pré-construídos, pressupostos e/ou implícitos culturais envolvidos nas piadas; realizam ajustes enunciativos sobre os sentidos veiculados, leis conversacionais e regras de etiqueta.

Relevante, também, para a análise dos dados, é a observação de diferentes aspectos do ponto de vista da construção e mesmo da explicitação do sentido: a interpretação, a explicação, os marcadores conversacionais, a presença de processos semiológicos co-ocorrentes, tais como o contexto, o gesto e o riso. Por fim, mostramos as diferenças e semelhanças entre os sujeitos afásicos e não-afásicos. Observamos que, apesar das dificuldades próprias das afasias, no que diz respeito aos aspectos lingüísticos e pragmáticos, houve poucas diferenças entre as duas populações. Os sujeitos afásicos não deixaram de compreender as piadas, produzir linguagem e seu percurso sócio-cognitivo.

O Capítulo V trata das considerações finais desta pesquisa. Nele, descrevemos as implicações neurolingüísticas do presente estudo, apontando a relevância da análise de piadas para o entendimento dos processos que ocorrem nas afasias.

CAPÍTULO I

A PIADA COMO FATO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO

Estudos que tratam do humor são alvo de interesse das mais diversas áreas. Nestes, teóricos como Freud, Bergson e Chiaro analisaram o humor, o riso ou a piada por se mostrarem, de alguma maneira, importantes para o entendimento da cultura, da língua, da interação *etc.* Para Freud (1905/1996), cumpre observar, os chistes sempre foram de extrema relevância para seus estudos a respeito do inconsciente, merecendo mesmo uma obra só para si.

Freud (1996) analisa três técnicas ou estratégias que contribuem para a construção de um chiste: a técnica da condensação, do múltiplo uso do mesmo material e do duplo sentido. Embora não utilizemos a análise freudiana em relação aos nossos dados, ela nos fornece, de maneira geral, informações sobre o caráter psico-social da piada.

A primeira técnica pode ser realizada por modificação, como no seguinte exemplo: *Viajei com ele “tête-a-bête”*. O chiste significa o mesmo que: viajei com X “tête-a-tête” e X é uma besta. Ele emerge quando se omite “besta” e, em sua substituição, o “t” de uma das “tête” converte-se em “b”. Ou também, por formação de palavra composta: *É tão certo como Deus há de me prover todas as coisas boas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual - bastante “familiarmente”*. Aqui a palavra é constituída por dois componetes: ‘familiar’ e ‘millionär’.

A segunda técnica pode ser realizada como um todo e suas partes, como, por exemplo, no chiste: *Um jovem, parente do grande Jean-Jacques Rousseau, de quem ele trazia o nome, foi apresentado em um ‘salon’ de Paris. Tinha, além do mais, os cabelos vermelhos. Comportou-se, entretanto, de maneira tão desajeitada que a anfitriã comentou criticamente para o cavaleiro que o apresentou: “Vous m’avez fait connaître un jeune homme roux et sot, mais non pas un Rousseau”. E o professor riu-se novamente*. Neste chiste, o mesmo nome é usado duas vezes, uma vez como um todo (Rousseau) e outra vez segmentado em sílabas separadas (roux e sot), as quais têm, assim separadas, um outro sentido.

Esta técnica também pode ser realizada em ordem diferente, quando há alguma alteração no arranjo do chiste: *O Sr. e a Sra. X vivem em grande estilo. Alguns pensam que o esposo ganhou muito dinheiro e tem, portanto, economizado um pouco (dando pouco); outros, porém, pensam que a esposa tem dado um pouco, ganhando, portanto, muito dinheiro.*

Observamos, ainda, que a técnica pode ser feita com leve modificação, como no chiste a seguir: *Seu ant~~e~~-semitismo me é bem conhecido; o que é novo para mim é seu anti-semitismo.* Neste chiste uma única letra foi alterada, modificação dificilmente notada, significando: *sei que era antigamente um judeu; estou, pois, surpreso em ouvi-lo falar mal dos judeus.*

De acordo com Freud (1996), as palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas. Há palavras que, usadas em certas conexões, perdem todo seu sentido original, mas o recuperam em outras conexões. É o caso do chiste com sentido pleno e sentido esvaziado: - *Como você anda?*- *perguntou um cego a um coxo.* - *Como você vê* - *respondeu o coxo ao cego.*

Na terceira técnica utiliza-se o significado como um nome e como uma coisa, como, por exemplo, *Descarrega-te (desaparece) de nossa companhia, Pistola!*; significados metafórico e literal, como no exemplo: *Um médico disse certa vez a um dramaturgo: "Não me surpreendo que você tenha se tornado um grande escritor. Afinal seu pai susteve um espelho para seus contemporâneos."* (o espelho do pai do dramaturgo era um laringoscópio, a palavra alemã é *kehlkopfspiegel*, que significa literalmente "espelho da laringe"); o duplo sentido propriamente dito ou jogo de palavras, nestes não há a segmentação de sílabas, não é preciso sujeitá-las a modificações, como no exemplo: *Um médico, afastando-se do leito de uma dama enferma, diz ao seu marido: "não gosto da aparência dela". "Também não gosto e já há muito tempo", apressou-se o marido em concordar.);* o double entendre, são chistes similares ao de duplo sentido, nos quais o efeito do chiste depende, muito especialmente, do significado sexual, como no exemplo: *Alguns pensam que o esposo ganhou muito dinheiro e tem, portanto, dado pouco; outros, porém, pensam que a esposa tem dado pouco e tem, portanto, podido ganhar muito dinheiro.);* e o duplo sentido com uma alusão, que ocorre quando os dois significados não são óbvios da mesma maneira (seja porque um sentido é mais usual que o outro, seja porque salta ao

primeiro plano, devido a uma conexão com as outras partes da sentença), como no seguinte exemplo: *C'est Le premier vol de l' aigle!* (um jogo de palavras que era usado para se referir aos atos de Napoleão III, que significa: “Eis o primeiro vôo da águia”, sendo que “vol” em pode significar “vôo” ou “roubo”).

Segundo Freud, todas essas técnicas seriam dominadas por uma tendência à economia, sendo essa, portanto, a característica mais geral dos chistes. Mas ele afirma que nem toda economia expressiva é suficiente para dar conta do chiste. O autor afirma, ainda, que há um grande número de chistes, conhecido como *calembourgs* (ou trocadilhos), que passam a ser a forma mais econômica, ou seja, elaborada com menor dificuldade. Para um trocadilho basta que dois significados se evoquem um ao outro através de alguma vaga similaridade, seja de estrutura geral, ou assonância rítmica ou compartilhamento de algumas letras iniciais.

Além dessas três técnicas mencionadas acima, o autor afirma que existem, ainda, chistes com técnicas diferentes - são os chistes conceptuais. O primeiro destes chistes utiliza-se da técnica de deslocamento, que consiste no desvio do curso do pensamento, como no seguinte exemplo: *Um indivíduo empobrecido tomou emprestado 25 florins de um próspero conhecido seu, após muitas declarações sobre suas necessitadas circunstâncias. Exatamente neste mesmo dia seu benfeitor reencontrou-o em um restaurante com um prato de maionese de salmão à frente. O benfeitor repreendeu-o: “Como? Você me toma dinheiro emprestado e vem comer maionese de salmão em um restaurante? É nisso que você usou o meu dinheiro?”. “Não lhe compreendo”, retrucou o objeto deste ataque; “se não tenho dinheiro, ‘não posso’ comer maionese de salmão; se o tenho, ‘não devo’ comer maionese de salmão. Bem, quando ‘vou’ então comer maionese de salmão?”*

O absurdo ou nonsense também utiliza desvios em relação ao pensamento “normal”. Essa técnica consiste em apresentar no enunciado algo desconcertante e absurdo, como no exemplo: *Um afamado professor universitário, que tinha o hábito de temperar sua insípida matéria com numerosos chistes, recebia congratulações pelo nascimento de seu filho mais novo, ocorrido quando o mestre já alcançava uma idade avançada. “Bem”, respondeu ele a seus congratuladores, “é notável o que podem fazer as mãos humanas”.*

Na técnica do Automático ou raciocínio falho, a ação automática triunfa sobre a necessidade de adaptar-se a alguma situação, como no seguinte exemplo: *O noivo, ficando muito desagradavelmente surpreso quando a noiva lhe foi apresentada, chamou o agente a um canto e cochichou-lhe suas censuras: “por que você me trouxe aqui?”, perguntou recriminadoramente. “Ela é velha, vesga, tem maus dentes e olhos remelentos...”- “Não precisa abaixar a voz”, interrompeu o agente, “ela é surda também.”* (no episódio, o agente está tão fascinado pela enumeração dos defeitos que acaba por completar a lista, embora não fosse seu propósito).

A técnica da unificação agencia novas e inesperadas entidades, inter-relações de idéias, definições efetuadas mutuamente ou por referência a um terceiro elemento comum, como no chiste: *Janeiro é o mês que fazemos votos de felicidade aos nossos entes queridos e os meses restantes são aqueles em que estes votos não se cumprem.* O mês de janeiro e os meses que com este contrastam são caracterizados por uma relação com um terceiro elemento: os votos de felicidade, recebidos no primeiro mês e não cumpridos nos demais.

A técnica da representação pelo oposto pode ser observada no seguinte exemplo: *Esta dama se assemelha em muitos aspectos à Vênus de Milo: ela é, também, extraordinariamente velha, não tem dentes e há manchas brancas na superfície amarelada de seu corpo.*

A exageração é a técnica que usa a negativa como um substituto para uma confirmação exagerada: *O rei condescendeu em visitar uma clínica cirúrgica, lá deparando com um professor que executava a amputação de uma perna. Acompanhou todos os estágios com altas expressões de sua real satisfação: “Bravo! bravo! meu caro professor!” Quando a operação terminou, o professor aproximou-se dele e perguntou-lhe com uma profunda reverência: “Vossa majestade ordena que eu ampute também a outra perna?”*

A técnica da representação por algo correlacionado ou conexo representa alguma coisa que não pode ser expressa diretamente, como no chiste *Novos balneários tratam bem*, que evoca o provérbio *Novas vassouras varrem limpo*. As duas expressões partilham a palavra inicial e algumas mediais, tanto quanto a estrutura inteira da sentença.

Na técnica da omissão, o processo dedutivo leva à alusão, como no chiste: *Uma esposa é como um guarda-chuva. Mais cedo ou mais tarde toma-se um táxi.* (o que se

omite é que um guarda-chuva não é proteção contra a chuva, “mais cedo” só pode significar “se a chuva aumenta” e o “táxi” é um “veículo público”, levando a idéia de que em um casamento, mais cedo ou mais tarde, o homem acaba por procurar uma mulher que é disponível a troco de dinheiro).

A respeito dos propósitos dos chistes, Freud separa os chistes tendenciosos e os inocentes. Um chiste é inocente quando não serve a um objeto particular, colocando-nos o problema em sua forma mais pura. Vejamos um exemplo abaixo:

Uma garota a quem se anunciou um visitante enquanto achava-se no toucador queixou-se: “Oh, que vergonha, alguém não poder deixar-se ver logo quando se está mais ‘anziehend’!” (anziehend significa tanto “vestindo-se” como “atraente”).

Por sua vez, os chistes tendenciosos podem servir a dois propósitos: será um chiste hostil (servindo ao propósito da agressividade, sátira ou defesa) ou será um chiste obsceno (servindo ao propósito do desnudamento). De um modo geral, um chiste tendencioso requer três pessoas: além da que faz o chiste, deve haver uma segunda pessoa que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual, e uma terceira, o ouvinte. Segundo o autor, os ouvintes conseguem extrair prazer de algo, que antes era inacessível, devido a um obstáculo. No caso de um chiste obsceno, esse obstáculo nada mais é do que a repressão, que dificulta ou impossibilita as mulheres de desfrutarem a obscenidade sem disfarce.

O chiste hostil nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar abertamente ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho. Tornamos nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, e, por outros caminhos, conseguimos vencê-lo. Além disso, o chiste hostil pode, muitas vezes, representar uma rebelião contra uma autoridade, possibilitando, assim, a agressividade ou a crítica contra pessoas em posições elevadas. Mas o objeto de ataque pode ser igualmente instituições, pessoas representativas de instituições, dogmas morais ou religiosos, concepções de vida que desfrutam de tanto respeito que só sofrem objeções sob a máscara do chiste.

Os chistes tendenciosos podem, ainda, se distinguir dos chistes cínicos (blasfemos, críticos) e dos chistes cétricos, que atacam não uma pessoa ou instituição, mas a própria certeza de nosso conhecimento.

Freud explica também em sua análise o mecanismo do efeito de prazer dos chistes. Segundo o autor, o prazer emerge quando houver: a economia na despesa relativa à inibição ou à supressão; o reconhecimento, a descoberta do que é familiar; a rememoração, ou seja, o ato de recordar; o fator da atualidade (chistes baseados nos novos interesses do dia-a-dia, pois um chiste pode ser hoje irresistível, mas, em curto prazo, perderá nossa estima, até que por fim, entrará em decadência, perdendo seu efeito); a unificação (repetição na esfera das conexões materiais); o nonsense, que atua como restabelecimento de velhas liberdades, como, por exemplo, o caso do chiste tendencioso, que libera prazer pelo descarte das inibições.

Refletindo, ainda, sobre a função simbólica que as piadas podem exercer, é interessante observar estudos, como o de Travaglia (1990), segundo o qual o humor ultrapassa a função de fazer rir; ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico, uma forma de revelar visões de mundo e realidades culturais que nos cercam. Além disso, o humor, para ele, é um fenômeno complexo e multifacetado, razão pela qual sua pesquisa se estabelece de modo multi e interdisciplinar.

Bergson (1983) tenta determinar os processos de produção do cômico. Primeiramente, ele observa que não há comicidade fora do que é propriamente humano; também mostra que o riso pode vir quando alguém mostra piedade ou afeição, sendo uma espécie de anestesia momentânea; e que o riso corresponde a certas exigências da vida em comum, ou seja, ele tem uma função social, nasce em um contexto histórico-social que o justifica.

Para o autor, rimos quando nossa atenção é desviada para o aspecto físico da pessoa, ou quando está em causa um aspecto moral. Quando fala a respeito da linguagem escrita, o autor apresenta também outras características: para se tornar cômica, uma frase deve obedecer à característica da inversão, se ainda tiver sentido, mesmo invertida; da interferência, se exprimir diferentemente dois sistemas de idéias totalmente independentes; ou da transposição, se for obtida com a transposição da idéia para uma tonalidade que não é a sua.

Propp (1976) afirma que a língua traz instrumentos ricos para a comicidade. Para ele, os mais importantes são: o trocadilho, um jogo de palavras em que o interlocutor compreende a palavra em seu sentido mais amplo e o outro substitui esse significado por aquele mais restrito ou literal; os paradoxos, aquelas sentenças em que o predicado contradiz o sujeito; e algumas formas de ironia, em que se afirma com as palavras algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo.

O humor e o riso são também discutidos por Raskin (1985). Esse autor afirma que as pessoas riem, acham graça, independentemente da idade, sexo, *status* social ou econômico, cultura ou época. O humor é universal, apesar de haver diferenças entre os indivíduos naquilo que se considera engraçado. Segundo o autor, é necessário levar em consideração certos aspectos que são importantes para a realização do ato de humor (*humor act*): a experiência de vida do indivíduo; as características psicológicas dos indivíduos; o contexto em que ocorre a piada; a ocorrência do humor em uma determinada cultura ou sociedade.

A partir dessa abordagem semântica para o humor, Raskin formula a seguinte equação:

$$PV [(F, O, E, Ex(f), Ex(o), Ex(f,o), P(f), P(o), S, So(f,o))] = En$$

Onde:

PV: piada verbal

F: falante

O: ouvinte

E: estímulo

Ex: experiência

P: psicológico

S: situação

So: social

En: ato de humor bem sucedido

Partindo da definição de Bakhtin de humor como transgressão de regras, Dolisky (*apud* Muniz, 2004) classifica as piadas como lingüísticas, baseadas na ambigüidade e no

desvio semântico, aquelas que transgridem as regras conversacionais de cooperação, de Grice (1967); pragmáticas, que se baseiam na relação entre palavra e o mundo, transgredindo as leis sobre como nós acreditamos que o mundo funciona; e sociais, que se baseiam na transgressão de regras instituídas socialmente, institucionalmente, e têm geralmente como tema o tabu.

De acordo com Chiaro (1992), os temas das piadas tendem a ser universais, como a degradação, a deficiência, os grupos étnicos, os grupos minoritários *etc.* Porém, para ter sucesso, a piada deve apresentar um conhecimento partilhado entre o contador e o ouvinte. O ouvinte deve entender o código, ou seja, além de reconhecer a linguagem, deve reconhecer uma grande quantidade de informações socioculturais; deve ter um conhecimento extremamente variado, desde experiências comuns do dia-a-dia até a cultura da linguagem, o conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo.

Ainda segundo a autora, três sistemas interagem para formar as várias competências requeridas para a compreensão de uma piada: o lingüístico, o sociocultural e o poético. Esse último é definido por Richard Alexander (1982) como a habilidade de reconhecer os caminhos ou manobras para criar um efeito desejado. Nesse caso, o ouvinte pode ser comparado com o leitor de um poema, visto que ambos precisam apreciar como o poeta/cômico “brinca” com a linguagem. Para reforçar essa idéia, Chiaro cita o exemplo do falante não-nativo, que apresenta dificuldades na compreensão de uma piada por causa do jogo lingüístico e do conhecimento de mundo.

Para a autora, vale lembrar, qualquer piada é baseada na linguagem, explorando fatores lingüísticos e culturais. Por isso ela critica Hocket (1977), que considera o contador de piadas um sujeito que dispõe de uma variedade de opções na linguagem para criar um certo efeito. Para este autor, as piadas podem ser divididas em *prosaic jokes*, aquelas que demandam um conhecimento de mundo, um conteúdo específico sócio-cultural; e *poetry jokes*, aquelas que exploram fatores lingüísticos. Chiaro, em sua crítica, toma como exemplo uma piada que Hocket considera *prosaic* por se basear em elementos culturais, mas que, por outro lado, também explora fatores lingüísticos. Além disso, ela assinala a importância da entonação, ou mesmo das ações não-verbais, como o gesto, bem como do

contexto em que vive o interlocutor, da subjetividade e das visões de mundo para a concretização ou não do efeito humorístico em uma piada.

Um outro aspecto relevante que Chiaro (1992) destaca são os fatores ou níveis lingüísticos necessários para que se dê o humor em textos como as piadas, trocadilhos ou adivinhas, dentre eles os lapsos de linguagem, os ícones, os anagramas *etc.* Destacaremos alguns destes fatores por serem especiais para o entendimento de piadas, como a transposição de sons ou sílabas, em que o contador de piadas deve saber pronunciar de maneira um pouco diferente; a formação de palavras (morfologia); o léxico, caso em que o contador trabalha com a duplicidade das palavras, utilizando os homofones (mesmo som com diferentes significados), os homônimos (mesma forma, mas diferentes significados), ou a polissemia (mesma forma e som com diferentes significados); a sintaxe, caso em que o contador evidencia a ambigüidade de uma sentença; as regras de conversação (pragmática).

Possenti (1998) também afirma que as piadas podem ser explicadas a partir de mecanismos lingüísticos, envolvendo vários níveis como, por exemplo, o fonológico, o morfológico, o lexical, a dêixis, além de outros ligados aos elementos de coerência textual, como pressuposição, inferência, conhecimento prévio, ou ainda, questões de variação lingüística ou de tradução. Para este autor, as piadas são ótimos exemplos para explicitar princípios da análise lingüística e fornecem também excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas, particularmente para a Análise do Discurso, pois ocorrem dentro da história da sociedade.

Em relação à Fonologia, a partir da qual sabemos que o som lingüístico pode ser descrito sob o ponto de vista de sua composição, de sua distribuição, ou de sua função, o que interessa nas piadas é a possibilidade de evocar diferentes pronúncias, como por exemplo: maior duração num caso e menor no outro; possibilidade de pausa num, impossibilidade noutro. Assim, a acentuação seria a “chave” para o entendimento da piada, sendo a maneira como se lê o recurso que predomina nas piadas fonológicas.

Cabe à Morfologia o estudo das construções cujos constituintes mínimos sejam palavras ou partes de palavras (sufixos, raízes *etc.*). Possenti (1998) assinala que os significados dos morfemas, ou a própria segmentação da palavra são motivos suficientes para a criação de uma piada; portanto, o efeito humorístico de piadas assim constituído

está na percepção da segmentação da palavra e, conseqüentemente, na formação de palavras diferentes.

No nível lexical observamos a relação estabelecida entre as palavras e seus referentes, a qual, nas piadas, é, geralmente, de ambigüidade. As palavras podem ter significações diferentes para cada pessoa quando admitem duas interpretações diferentes. O efeito do humor se dá quando o sujeito entende o duplo sentido de uma palavra e “escolhe” aquele sentido que seria o menos provável numa dada situação comunicativa.

A construção sintática em uma piada pode traduzir uma intenção já esperada, pois, geralmente, o uso da construção utilizada é freqüente no dia a dia do destinatário; então, o ouvinte espera um certo resultado, uma certa significação, que, na verdade, não condiz com a piada.

Podemos observar também nas piadas aspectos pragmáticos, já que elas envolvem pressupostos interpretativos, implicações e manipulações de leis discursivas ou conversacionais; observamos que, em um texto, de maneira geral, e nas piadas, em particular, nada é dado “diretamente”. Há, por exemplo, piadas em que o pressuposto está na relação entre pais e filhos, quando as crianças sabem o que se supõe que não saibam, e também fazem o que se supõe que não façam. Para que se dê o efeito do humor, é necessário que o sujeito subentenda o que está “escondido” na piada. Para tanto, ele deve produzir uma inferência quando as informações não estão explícitas. A “inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação semântica dada em um determinado contexto” (RICKHEIT, SCHNOTZ E STROHNER, 1985, p. 8). Nas piadas, como também em outros textos, a informação dada não é totalmente clara, mas pode ser compreendida.

O conhecimento de mundo ou o conhecimento enciclopédico são também fatores importantes para a compreensão das piadas, uma vez que o sujeito deve levar em conta fatos atuais ou até mesmo relativos à história do mundo em que vivemos. Sem esses conhecimentos prévios, ou mesmo sem os discursos dos “outros” (discursos pré-construídos), ele não poderá deduzir aquilo que é relevante para o entendimento da piada.

O implícito ocorre quando as pessoas têm a necessidade de, ao mesmo tempo, dizer certas coisas e de poder fazer como se não as tivessem dito, isto é, uma maneira de

recusar a responsabilidade de tê-los dito (DUCROT, 1972). A implicação diz respeito, primeiramente, ao fato de que há, em toda coletividade, mesmo nas aparentemente mais liberais, um conjunto não-negligenciável de tabus lingüísticos. Os temas são proibidos, o que pode humilhar o interlocutor ou feri-lo, por isso as pessoas, de algum modo, se “servem” da piada, se permitem deixar entender sem acarretar a responsabilidade de dizer explicitamente.

Ducrot afirma que uma maneira para deixar (sub)entender os fatos que não queremos assinalar de modo explícito é apresentar, em seu lugar, outros fatos que podem aparecer como causa ou consequência necessária dos primeiros. Em compensação, nada impede que as pessoas captem a significação literal sem ter reconhecido a significação implícita. A relação entre os dois elementos é, pois, uma espécie de dependência unilateral. Nesse sentido, uma das significações, e apenas uma, faz-se necessária para a apreensão da outra. É nesse ponto, em que o interlocutor capta a significação implícita, que está a “chave”, o efeito do humor da piada.

Grice (1967) distingue o sentido natural (literal) e o sentido não-natural. Para Grice, significar o sentido não natural é ter a intenção de fazer crer algo ao ouvinte em virtude do reconhecimento desta intenção. A questão está em saber como as intenções se dão a conhecer ao ouvinte. E o problema se põe porque as palavras ou as frases não dizem uma única coisa em todas as situações em que são usadas. Grice constrói um esquema do que seria o raciocínio do ouvinte a partir do enunciado dito pelo locutor, e estabelece um conjunto de regras, as máximas conversacionais, de inspiração kantiana (DASCAL, 1982, p. 86 seq.):

- Quantidade: “1. Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito da conversação). 2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.”

- Qualidade: “1. Não diga o que você acredita ser falso. 2. Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada.”

- Relação: “Seja relevante.”

- Modo: “Seja claro”. “1. Evite obscuridade de expressão. 2. Evite ambigüidades. 3. Seja breve. 4. Seja ordenado.”

Ao interpretar o sentido das piadas, observamos que o ouvinte, no seu raciocínio, segue algumas destas regras e transgride outras.

Ressaltamos, também, que as piadas envolvem essencialmente fatores histórico-culturais. Elas indicam como as pessoas se comportam e como pensam, levando em conta processos culturais, inconscientes e ideológicos. É necessário conhecer traços da cultura para entender certas piadas; seu efeito humorístico consiste justamente no (re)conhecimento de certos fatores culturais. Isso ocorre, por exemplo, nas piadas que se referem a gaúchos, mineiros ou a portugueses, que têm ingredientes culturais que os contadores e ouvintes de piadas devem de alguma forma conhecer para que as piadas “funcionem” em sua configuração textual particular (isto é, um texto chistoso).

A existência do racismo como ideologia, por exemplo, produz, como um dos efeitos, variados gêneros textuais, que veiculam um complexo discurso racista. Um desses textos é a piada, em que se pode observar um discurso que sofre algum tipo de controle, de forma escondida, reprimida, controlada.

Essa mesma observação, de acordo com Possenti (1998), pode ser feita também em piadas que tematizam a etnia ou as diferenças regionais. Nesses casos, a linguagem focaliza tópicos relacionados com a organização social do “comportamento” lingüístico, incluindo o uso da língua, bem como as atitudes lingüísticas e comportamentos manifestos em relação à língua e aos seus usuários. As piadas não só colocam em relação esse “comportamento” e a língua, como também as diferenças, contradições e disputas que cada comunidade discursiva ou complexo social apresenta. No que tange ao aspecto discursivo, observamos que as piadas constituem-se de interdiscursos, ou seja, de discursos prévios, de um outro que antecede o locutor e seu dizer. Podemos afirmar, dessa maneira, que há nas piadas o reconhecimento de diferentes universos discursivos ou sistemas de referências culturais através dos quais agimos no mundo.

A questão acima assinala o primado do interdiscurso na constituição de todo e qualquer discurso. Brandão (1993) afirma que um discurso nunca é autônomo, já que ele se remete a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas. A noção de formação discursiva, emprestada de Foucault (1926/1986), implica uma relação com o interdiscurso a partir do qual ela se define:

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida (...) a incorporar elementos pré-construídos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação. (*op. cit.*p.74).

Segundo Maingueneau (1989), contrariamente às representações espontâneas dos sujeitos, a formação discursiva aparece como o lugar de um trabalho no interdiscurso: é um conjunto formado por um certo número de enunciados, conceitos, escolhas temáticas, que descreve sistemas de dispersões e busca verificar como o discurso se organiza em uma ordem, quais as correlações, as posições, os funcionamentos, as transformações (FOUCAULT, 1986).

É importante assinalar também que, no nível da intertextualidade interna, a toda formação discursiva (FD) se associa uma memória discursiva. Brandão afirma que, a partir desta, torna-se possível a toda FD fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma FD, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a FDs historicamente contíguas. Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas de uma memória que supõe que o enunciado é inscrito historicamente.

Piada como forma meta-enunciativa

Para Authier-Révuz (1990), a meta-enunciação, da qual a recontagem é um dos exemplos, é caracterizada como um modo de dizer “dobrado”. A atividade configura-se como um real da enunciação, vinculado à propriedade de reflexividade da linguagem. Segundo a autora, toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito, e este seria “mais falado do que fala”. Este “de fora” estaria num exterior ao sujeito, ou seja, no discurso, como condição constitutiva de sua existência. (p.25-42). A idéia de distância enunciativa implica que o sujeito, quando opera sobre a língua, obriga-se a considerá-la a partir de um domínio de interpretação. Para que o sujeito continue sendo “sujeito na/da linguagem”, ele deve continuar a produzir e interpretar, relacionando recursos lingüísticos de expressão a

um universo discursivo.

Observamos que o estudo das formas meta-enunciativas, um dos focos de nosso interesse, é importante não só por ser fator de constituição de sentido, numa relação complexa com o discurso do outro ou enunciados pré-construídos, mas também por permitir a observação do funcionamento lingüístico-cognitivo em questão nos gestos interpretativos de sujeitos afásicos.

A partir dessas considerações, podemos dizer que a reflexividade da linguagem não é mais remetida somente a uma visão de sentido restrita às relações internas do sistema, mas que ela se encontra no domínio semântico-pragmático constituído pela enunciação e suas diferentes instâncias, nas quais o lingüístico está amparado ou constituído por múltiplas práticas humanas, simbólicas e sócio-cognitivas.

Nosso projeto de Iniciação Científica, como mencionado anteriormente, teve como objetivo analisar os processos lingüístico-cognitivos implicados na recontagem de piadas por sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Foi possível, nesse estudo, observar a presença de processos enunciativos em jogo na interpretação e recontagem de piadas: a construção parafrástica, as formulações interdiscursivas (que colocam em relação a língua e seu exterior discursivo), os mecanismos de implicação (inferências, subentendidos, pressupostos *etc.*), a diferenciação de posições enunciativas assumidas pelos sujeitos, as marcas de subjetividade na linguagem (dêiticos, pronomes, escolhas lexicais) *etc.*

Acompanhando algumas reflexões de Possenti (1991) sobre o funcionamento lingüístico-discursivo de piadas, consideramos, nesse estudo anterior, que situar o trabalho com piadas no contexto da análise lingüístico-discursiva implica a consideração de diferentes atividades que os sujeitos fazem com a linguagem e seu funcionamento em diferentes situações enunciativas, sob diversas “regras” de ordem pragmática que presidem a utilização da linguagem (e cuja gestão é social), tendo em vista múltiplos fatores co-ocorrentes de constituição da significação, verbais e não-verbais.

Nas piadas, segmenta-se alternativamente a cadeia sonora, acionam-se ambigüidades lexicais e estruturais, põem-se em jogo uso e menção, infere-se, pressupõe-se, leva-se em conta o conhecimento prévio e/ou partilhado, considera-se as leis

conversacionais *etc.* As piadas são, assim, especiais pelo fato de que um dos enunciados diz respeito à própria língua. Neste caso, a noção de metalinguagem⁶ pode ser ampliada dentro de uma visão de linguagem enquanto trabalho intersubjetivo, enquanto processo textual-interativo, enquanto evocação e construção conjunta de uma memória discursiva. Além disso, sendo uma espécie de construção parafrástica (como o comentário ou o discurso relatado), a recontagem de piadas sempre coloca em discussão as relações entre as heterogeneidades enunciativas “mostradas”, como as glosas, os provérbios, as aspas, por exemplo (*cf.* Authier-Révuz, 1982; Maingueneau, 1987/1989), e o interdiscurso (heterogeneidade “constitutiva”).

As estratégias lingüístico-discursivas implicadas nas piadas

Tal como se observa na recontagem, tanto a interpretação, quanto a “manipulação” lingüística de piadas dependem de alguma maneira de uma competência de ordem pragmático-discursiva dos sujeitos (*cf.* Morato, 1999, 2001, 2002). O que parece estar em jogo nessa competência não é apenas ou isoladamente a língua (o sistema lingüístico) ou a cognição (ou seja, um ou outro processo cognitivo), mas, sim, um conjunto de processos “meta” que coloca enunciativamente em relação a língua e o mundo. “No limite, as afasias, perturbando um e outro, deixam ‘entrever’, por assim dizer, uma relação que é, ontologicamente, de solidariedade.” (MORATO, 2001, p.69).

Tendo em vista os objetivos deste projeto, torna-se necessário descrever e explicitar as condições textuais e enunciativas desses processos “meta”. Para tanto, apoiaremos-nos nos estudos recentes de Koch (2004) a respeito das estratégias de compreensão e de (re)negociação de sentidos que os sujeitos realizam na interlocução. De acordo com a

⁶ Morato (2003) ressalta que, em Lingüística, a idéia de “meta”, em geral, diz respeito tanto à atividade reflexiva da linguagem, isto é, a ação de tomar a si mesma como objeto, quanto ao caráter (seja instrumental e psicotécnico, seja construtivo) de sua ação sobre outros domínios cognitivos, como a percepção, a memória ou os processos de julgamento. A dificuldade de se prognosticar qualquer acordo acerca do conceito de metalinguagem no campo da ciência da linguagem relaciona-se com a existência de diferentes formas de se predicar o termo meta. (*cf.* p.589).

autora, na interlocução há a exigência não só o domínio de habilidades lingüísticas, mas também de uma série de estratégias e atividades de ordem sócio-cognitiva, interacional.

Uma dessas estratégias, outro foco do presente estudo, é a chamada metadiscursiva, que toma por objeto o próprio ato de dizer. O locutor, então, avalia, corrige, ajusta, comenta a forma de dizer ou reflete sobre sua enunciação (expressando sua posição, grau de adesão, de conhecimento, juízos de valor *etc*), tanto em relação ao que está para dizer como em relação ao outros “ditos”.

Koch (2004) considera os seguintes tipos de estratégias metadiscursivas: as metaformativas, as modalizadoras e as metaenunciativas. Segundo a autora, as estratégias metaformativas são aquelas por meio das quais o locutor opera sobre os enunciados que produz, fazendo reformulações, refletindo sobre as adequações de termos que ele mesmo empregou, retomando um segmento para dar-lhe nova formulação, melhorando-o ou sanando alguma deficiência. As estratégias modalizadoras ou metapragmáticas preservam o enunciado do locutor, por meio da introdução no texto de atenuações ou ressalvas, marcando o grau de comprometimento e de engajamento do locutor com seu dizer, o grau de certeza com relação ao já dito. Já as estratégias metaenunciativas ocorrem quando o “enunciador duplica-se em auto-comentador de suas palavras”, quando o enunciador “reflete sobre o dizer-enquanto-se diz”. Essas estratégias, aqui brevemente evocadas, salientam enunciativamente o trabalho dos sujeitos em relação às piadas enquanto configuração textual e enquanto forma meta-enunciativa. (p.120-121).

Organização textual das piadas

A análise do trabalho textual-interativo de que o sujeito afásico lança mão para compreender e interpretar as piadas mostra-se primordial para esta pesquisa, pois os processos envolvidos em uma piada podem ser mais facilmente detectados ou não a depender de sua forma textual, de suas características lingüísticas e/ou de seus implícitos culturais, discursivos *etc*.

Não existe uma definição muito clara do que seja a piada dentro de uma abordagem lingüística. De acordo com Muniz (2004), geralmente, a definição de humor é aplicada a

diferentes tipos de textos. As piadas podem vir sob diferentes formas: sentenças, na forma de pergunta-resposta, adivinhas, dicionários ou complexas estruturas narrativas.

Muniz (2004) afirma que o gênero narrativo está muito presente nas piadas; estas se enquadram nos requisitos necessários para que possamos considerar um texto como tendo características predominantemente narrativas, como a contextualização, os personagens, a complicação e a resolução. A diferença é que o ponto alto do texto - o clímax - ocorre no final da piada, na resolução, quando há o desfecho, que é algo inesperado, para que o riso possa ocorrer.

Para Muniz, o narrador da piada, assim como o narrador de um romance, por exemplo, põe em evidência as diversas perspectivas de um texto. Sua presença é importante, pois à medida que narra pode fazer avaliações, não apenas da narrativa como um todo, mas também dos personagens. Além desse ponto de vista, entendemos também, no plano ideológico, que o texto da piada é perpassado por discursos implícitos, marcados por vozes e pontos de vista outros, que não apenas do narrador.

De acordo com Attardo (1994), as piadas são constituídas de 2 partes: a narração/apresentação, que tem a função de estabelecer a primeira isotopia; e o diálogo, que “quebra” essa primeira isotopia, opondo uma segunda. Isso é feito a partir de um termo que conecta essas duas isotopias.

Segundo o autor, a piada é o resultado da concatenação das três funções narrativas (*cf.* p.62-63):

Função 1 : Seqüência textual-narrativa, que introduz os personagens, determina a situação e, geralmente, estabelece o contexto dos eventos narrados no texto;

Função 2 : Estabelece o problema a ser resolvido, ou a questão. Apresenta-se, geralmente, na forma de diálogo, que cria a expectativa, introduz a necessidade de uma resolução na história. Contém também o conector, que permite a troca entre os dois sentidos da piada;

Função 3 : Aparece no final da piada e conclui a narrativa. Contém o disjuntor, o elemento que causa a passagem do sentido sério para o humorístico, e é responsável pelo efeito do humor. A função 3 é geralmente breve e imediata.

Exemplo de piada:

Função 1: Numa festa sofisticada, dois convidados conversam lá fora:

Função 2: “Ah”, fala o primeiro, “é uma satisfação, uma noite agradável, não é?

Comida maravilhosa, e lindos *toilettes*, não são?”

Função 3: “Eu não saberia dizer”, respondeu o segundo. “O que você quer dizer?”

“Eu não precisei ir.”

Ruch, Attardo e Raskin (1993:124-125) por seu turno, mostram os pontos comuns na maioria das piadas:

- Linguagem: componentes lingüísticos do texto, em todos os níveis;
- estratégia narrativa: qualquer piada deve ser estruturada numa forma de organização narrativa, seja ela uma simples narrativa, uma charada ou um diálogo (pergunta-resposta);
- alvo: aciona a chave da piada;
- situação: qualquer piada introduz um evento ou situação, a situação é o “suporte” da piada, em que conhecemos os objetos, os participantes, os instrumentos, as atividades *etc*;
- mecanismo lógico: é o caminho em que os dois sentidos das piadas são trazidos juntos;
- oposição dos *scripts*.

Attardo e Chabanne (1992) destacam os diferentes tipos de textos chistosos, entre os quais, dois interessam especificamente para análise, pois estarão presentes neste trabalho (*cf.* p.166-167):

Textos narrativos: esses tipos de piadas, geralmente, acabam com o diálogo, que é atribuído a personagens. O número de personagens raramente passa de dois, o diálogo é também mínimo, duas linhas, ou simplesmente uma. Ele é precedido de uma ou várias sentenças que têm a função narrativa de dar a informação necessária para definir a situação, o lugar e o tempo a que se refere, e, principalmente, as identificações sociais dos personagens. Do ponto de vista cultural, pode-se somar o tipo dos personagens, a circunstância e ações, que são estereotipadas. Do ponto de vista semântico, os temas

recorrentes, com típicos personagens, típicas situações e típicas referências (sexualidade, racismo *etc.*) são freqüentemente enfatizadas.

Estrutura pergunta-resposta: esse tipo de piada não traz nenhuma referência a personagens ficcionais, é reduzida ao modelo de diálogo. A pergunta feita não é uma pergunta real porque o locutor não espera uma resposta; ao invés disso, é esperado um silêncio do ouvinte ou uma resposta do tipo “não sei”. É, portanto, um diálogo ficcional, uma encenação.

Chiaro (1992: p.50) também ressalta que a piada pode ser vista como uma forma narrativa. Normalmente, o texto segue a seguinte estrutura:

Situação



Problema



Resposta



Resultado/Avaliação

Para a autora, diferentes textos podem ser imaginados de acordo com esse critério, como propagandas, contos, novelas, inclusive as piadas. O que diferencia a piada de outros textos é o que ela traz de implícito, o elemento escondido que é apresentado no *punchline*.

O ouvinte tem o conhecimento dessa estrutura narrativa que, freqüentemente, parece ser longa e desnecessária para o enredo, ainda assim, ele ouve e “entra no jogo”, pois a informação supérflua ou redundante é vital para a *performance*. Essa informação serve para tecer a história; quando o gatilho se apresenta, o que foi posto anteriormente será rapidamente contrastado e retraído para formar a piada. Portanto, a duração da piada é

importante e faz parte de prazer do ouvinte; as irrelevâncias são interessantes, pois quanto mais informação incluída, melhor o efeito final.

As piadas apresentam diferentes formatos e tamanhos, variam de longas a curtas estruturas. Dependendo da duração da piada, a atenção do ouvinte é requerida por minutos para ouvir um complexo enredo, antes que a narrativa “exploda”, criando um efeito humorístico. Não importa o tipo de piada, mas, para qualificá-la como tal, o gatilho (*punchline*) deve estar sempre presente. É o ponto em que o ouvinte ouve e vê alguma coisa que, de certa maneira, é incongruente com o meio lingüístico ou semântico em que ocorre, mas que à primeira vista não é aparente. O gatilho é o pivô que rodeia a piada; os ouvintes, sabendo que estão ouvindo uma piada, esperam que ele aconteça a qualquer momento. Mesmo se a piada não for particularmente boa, ela criará um imprevisto ou expectativa, já que o anti-climax do gatilho é suficiente para criar esse sentimento de surpresa.

Chiaro (1992) assinala, ainda, que a piada pode vir em forma de versos, onde são explorados o ritmo e a rima, ou na forma de fórmulas, em que a situação e o diálogo são simplesmente recitados. A piada pode, também, ser estruturada em termos de uma única sentença (em que é apresentada uma definição, um conselho ou comentário) ou baseada em *slogans*. De acordo com Chiaro, a piada pode, ainda, ser vista como um ritual. Nesse caso, as piadas não dependem somente do narrador, mas também requerem uma participação maior por parte dos ouvintes, que têm que colaborar e dizer algo. É o caso, por exemplo, das adivinhas, que podem vir na forma de versos ou em fórmulas prontas como “Qual a diferença entre...”, “Por que ...”, “Quando...” etc.

Marini (1999), em seu estudo a respeito das adivinhas, também mostra que elas têm uma estrutura fixa: “*O que acontece se...*”; “*Quando um...não é um ...?*”; “*Qual a diferença entre....?*”; “*Qual a semelhança entre...?*” etc. Além disso, procura identificar as diferenças entre uma adivinha e uma piada, salientando algumas características das adivinhas. Segundo a autora, estas têm a função de instituir um desafio, uma competição, e não a de provocar riso; são consideradas um jogo verbal, ou seja, estabelecem uma pergunta com o intuito de atestar a incapacidade do oponente de formular uma resposta, diferentemente da piada, que não exige uma competição. A autora mostra, portanto, que o elemento lúdico dos

dois é diferente: na piada, o elemento principal é a chacota com relação a determinado grupo social; já a adivinha diverte pelo prazer do desafio do jogo.

A participação do interlocutor nos dois referidos grupos também é diferente. As adivinhas exigem a participação do interlocutor não só como ouvinte, mas também como participante. Ele deve dar uma resposta, mesmo que afirme que não saiba, chacoalhando negativamente a cabeça.

Além disso, Marini observa que a piada possui um tema recorrente. É sempre contra alguém, contra alguma instituição. Sempre há um grupo social sendo satirizado, como as loiras, os homens, os negros, os portugueses *etc.* Nas adivinhas, os referentes são pertencentes ao conhecimento, ao cotidiano, ao lugar-comum.

Observamos, portanto, que algumas piadas possuem a mesma estrutura formal das adivinhas, mas não demais traços característicos das adivinhas, principalmente no que se refere a sua função textual e sócio-cognitiva.

Um outro recurso utilizado na produção do humor, mas que não apresenta a mesma estrutura textual da piada, é o trocadilho (ou *calembur*), o qual é definido, de acordo com o dicionário de figuras de linguagem, “como sendo um arranjo de palavras semelhantes no som e cuja sequência propicia equívocos de sentidos diversos” (DEL RÉ, 2003). O trocadilho, assim como a adivinha, é um jogo verbal, um jogo de/com palavras, revelando um trabalho lingüístico, já que, para “jogar”, é necessário o conhecimento de regras que propiciem a exploração das ambigüidades e a criatividade da língua.

Em suma, como citado anteriormente, utilizaremos neste trabalho piadas cuja estrutura se assemelha a textos narrativos e à estrutura pergunta-resposta, como a adivinha. Nelas, observaremos a articulação dos fenômenos narrativos, como o enredo, o problema, os personagens, a resolução do problema *etc.*, o que exige dos sujeitos uma competência textual para manipular e interpretar as piadas. Além disso, esse tipo de piada possui narrativas curtas e diálogos, o que possibilita a análise de níveis lingüísticos e a consideração das estratégias meta, sem que outros fatores inibam os sujeitos durante a aplicação do protocolo, dificultando a compreensão das piadas.

Um outro fenômeno lingüístico importante são os fatores de textualização, descritos por Koch (2004). A autora aborda os principais critérios usados na construção textual do

sentido. Esses fatores de textualização serão importantes em termos de comparação com os mecanismos lingüísticos utilizados nas piadas. Além disso, estes mecanismos serão primordiais para observarmos a competência textual dos sujeitos, requerida para compreender e recontar uma piada.

1- Coesão textual: é a forma como os elementos lingüísticos presentes no texto se conectam, se interligam, por meio de recursos lingüísticos. São cinco as formas de coesão, segundo Halliday/Hasan (1976): a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical; depois, passou-se a classificar os recursos coesivos em dois grupos: coesão remissiva ou referencial (remissão ou referência a termos anteriores, como a elipse, a substituição e a referencia) e a coesão sequencial (que garante a continuidade de sentido, como a conexão). (*apud* KOCH, 2004, p.35).

Koch explica em sua obra de 2004 que entre os recursos capazes de criar coesão referencial estão os elementos de ordem gramatical, como os pronomes, os numerais, o artigo definido e alguns advérbios locativos; elementos de ordem lexical, como os sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e formas nominais; elipses; anáforas associativas e indiretas. Por sua vez, a coesão sequencial é realizada através de diversos mecanismos que garantem uma interdependência entre enunciados, partes de enunciados, parágrafos ou seqüências textuais, estabelecendo relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, como a progressão tópica e a articulação tema/remã.

A progressão tópica pode ser contínua, quando ocorre a manutenção do segmento tópico, ou descontínua, quando há uma quebra, uma ruptura antes do fechamento do segmento tópico. O tópico se caracteriza pela centração, que abrange traços de concernência (relação de interdependência semântica entre os enunciados); relevância (proeminência desse conjunto de referentes em determinado segmento textual); pontualização ou delimitabilidade (possibilidade de localização desse conjunto, tido como focal em determinado ponto do texto), e pela organicidade, em que o tópico é concebido como unidade que pode se relacionar com outros tópicos de maneiras diversas.

A progressão temática acontece no interior de um enunciado em que as relações se dão através da articulação tema/remã. A informação temática é normalmente dada e a remática refere-se à informação nova. A progressão temática realiza-se de diversas

maneiras: progressão com tema constante, progressão linear, progressão com tema derivado, progressão por subdivisão do rema, progressão com salto temático.

2- Coerência: diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual entram numa configuração veiculadora de sentidos. De acordo com Koch (2004), a coerência se constrói por meio de processos cognitivos operantes na mente dos usuários, desencadeados pelo texto e seu contexto. Dentro de uma abordagem sociocognitiva e interacionista, a coerência é vista como uma construção “situada” dos interlocutores.

3- Situcionalidade: pode-se pensá-la no sentido da situação para o texto ou vice-versa. No primeiro caso, determina-se em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto, determina-se, portanto, escolhas, como, por exemplo, o grau de formalidade, as regras de polidez, a variedade lingüística a ser empregada, o tratamento a ser dado ao tema *etc.* No segundo caso, observa-se que o produtor do texto reconstrói o mundo a partir de suas experiências, seus objetivos, propósitos, convicções, crenças, ou seja, seu modo de ver o mundo, da mesma maneira que o interlocutor interpreta o texto conforme a sua perspectiva.

4- Informatividade: diz respeito à distribuição da informação e ao grau de previsibilidade ou redundância veiculada. A autora ressalta que, no primeiro caso, é necessário que haja um equilíbrio entre os movimentos de retroação, responsável pela retomada de informação anteriormente introduzida, servindo de ancoragem, e de progressão, responsável pela introdução de informações novas. No segundo caso, um texto será tanto menos informativo quanto mais previsível (redundante) for a informação que traz, e terá grau máximo de informatividade se toda a informação for dada de forma imprevisível. Um texto apresenta, portanto, graus de informatividade, o que pode provocar estranheza ou até mesmo o humor, no caso das piadas.

5- Intertextualidade: observa-se que um texto depende, de diversas maneiras, de outros textos por parte dos interlocutores, para a construção do sentido. A intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade. A intertextualidade pode, ainda, de acordo com Koch (2004), ser explícita ou implícita. Será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto. Por outro lado, será implícita quando se

introduz o intertexto sem qualquer menção à fonte, com o objetivo de seguir-lhe sua orientação ou com o objetivo de colocá-lo em questão, seja para ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário. Nesse caso, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, através da memória discursiva. Se isso não acontecer, estará prejudicada a construção do sentido.

6- Intencionalidade: os sujeitos podem, através de recursos adequados, usar um texto para realizar suas intenções comunicativas. Em sentido restrito, refere-se à intenção do locutor de produzir uma manifestação lingüística coesa e coerente, ainda que esta intenção não se realize integralmente. Koch afirma que o produtor do texto pode, ainda, deliberadamente, afrouxar a coerência com a finalidade de obter efeitos específicos como, por exemplo, parecer embriagado, desmemoriado *etc*.

7- Aceitabilidade: refere-se à concordância do parceiro em entrar no “jogo de atuação comunicativa” e agir de acordo com suas regras, como postula Grice (1975) no Princípio de Cooperação.

8- Fatores de contextualização: responsáveis pela ancoragem do texto em dada situação comunicativa. Podem ser decisivos na interpretação do texto e são divididos em contextualizadores (data, local, assinatura, recursos gráficos *etc*) e prospectivos (título, nome do autor, início do texto). (Marchuschi, 1983, *apud* KOCH, 2004).

9- Consistência ou relevância: para que seja coerente, o texto deve apresentar a condição de consistência, de que os enunciados de um texto possam ser verdadeiros, não-contraditórios; e o critério de relevância, de que o conjunto de enunciados seja relevante para um mesmo tópico discursivo. (Giora, 1985, *apud* KOCH, 2004).

10- Focalização: refere-se à concentração do usuário em apenas parte de seu conhecimento, bem como à perspectiva sob a qual são vistos os componentes do mundo real. Portanto, dependendo da focalização, o interlocutor interpretará de maneiras diferentes o significado de um texto, de uma palavra ou expressões.

11- Conhecimento compartilhado: responsável pelo balanceamento do que precisa ser explicitado e o que pode ficar implícito entre os interlocutores. Segundo Koch (2004), pressuposições falsas de conhecimento partilhado podem levar ao processamento inadequado do texto por parte do interlocutor, acarretando mal-entendidos.

Em suma, observamos, pelo exposto até aqui, que, assim como nos textos em geral, nos textos humorísticos também são requeridas estratégias textuais, como as descritas acima. Entendemos, portanto, que a piada configura-se como um gênero textual determinado, já que possui características próprias. Koch (2002) afirma que os gêneros são marcados sócio-historicamente, visto que estão diretamente relacionados às diferentes situações sociais: “É cada uma dessas situações que determina, pois, um gênero, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias” (p.54). Do mesmo modo, Marcuschi (2002b) define a noção de gênero textual para se referir a textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Os gêneros são, desse modo, heterogêneos; por tal motivo, um gênero pode incluir dentro de si características de outros gêneros. No caso das piadas, observamos que possuem características narrativas (como o diálogo, o enredo, a resolução *etc*), a presença de fatores de textualização, como os descritos por Koch (2004), além de outras características próprias, como o “gatilho”.

Koch comenta a importância da competência textual, a partir do qual os sujeitos produzem e interpretam diferentes textos, diferentes formas textuais; essa competência que permite a um falante distinguir um gênero textual de outro, de acordo com sua experiência de mundo. Portanto, para que os sujeitos possam interpretar uma piada é necessário o reconhecimento do gênero, é preciso uma “competência metagenérica”. (*cf.* BENTES, KOCH, NOGUEIRA, 2003, p. 279).

Aspectos pragmático-cognitivos da piada

Em um estudo a respeito da estrutura das piadas, Giora (1991) tenta explicar, através de uma perspectiva semântica, o que parece ser um ponto em comum necessário nas piadas - o efeito surpresa. Para constatar o efeito surpresa causado somente pela ambigüidade semântica (e não sintática ou pragmática), Giora assinala que os princípios de

organização textual devem ser vistos a partir de um conceito de formação; por isso, a autora apresenta as condições necessárias para um “texto bem-formado” (*cf.* p. 466-467).

Textos não-narrativos/informativos são bem formados, segundo Giora, se:

1- comecem com o mínimo de informação, com o tópico discursivo. Nesse caso, uma generalização governa o resto das mensagens no texto;

2- processarem a informação de forma gradativa, ou seja, a mensagem deve ser mais informativa na medida em que o texto se desenvolve.

Giora afirma que a informatividade é geralmente determinada pelo valor de surpresa. Uma mensagem é mais informativa relativamente ao número de incertezas que reduz ou elimina de uma questão. O número de incertezas envolvidas numa questão corresponde ao número de alternativas respostas. Então, para uma mensagem ser informativa, deve reduzir a quantidade de questões alternativas pela metade.

Se a piada for menos informativa, será mais prototípica, pois é representada pelos elementos não-marcados, que são mais acessíveis. Se ela for mais informativa, será menos acessível, menos típica (mais marginal), por ser representada pelos elementos marcados, e maior será a surpresa. Nas piadas marcadamente informativas, a mensagem informativa final é marcada e está muito distante, em termos de características similares, das mensagens procedidas por ela.

Sendo assim, segundo a autora, as piadas são bem formadas se (*cf.* p. 470):

1- obedecem ao requerimento de relevância. Essa condição de relevância requer que o elemento prototípico (tópico discursivo) faça o máximo de intersecções conceituais com os outros elementos do conjunto lingüístico; o constituinte marcado da piada é o menos relevante, mas não é irrelevante, ou seja, não é totalmente distante ou não-relacionado.

2- violam o requerimento de informatividade. O último constituinte da piada é marcado no conjunto dado, sendo também um elemento extremamente marginal do conjunto evocado no texto, ou raramente acessível. A piada não progride gradualmente do elemento menos marcadamente informativo para o mais marcadamente informativo; a passagem acontece abruptamente. Em termos de distância cognitiva, o último constituinte da piada (o gatilho, a chave) é mais distanciado, dividindo a última quantidade de características comuns com os constituintes prévios.

3- causam no leitor uma mudança linear, ou seja, o leitor é levado a cancelar a primeira interpretação não-marcada enquanto processa a segunda informação marcada.

A piada a seguir exemplifica as características acima mencionadas:

-O doutor está em casa?- pergunta o paciente com um sussurro bronquial.

-Não – A jovem e bonita esposa do médico responde suspirando - Entre, então.

Nesse caso, no contexto paciente-médico, o sussurro bronquial é o protótipo não-marcado; já a baixa voz de uma amante é marcada informativamente.

Se os constituintes da piada não estivessem suficientemente distantes, ela não funcionaria:

-O doutor está em casa?- pergunta o paciente com um sussurro bronquial.

-Não, mas, sendo você um homem tão bonito, eu acho que posso te ajudar em alguma coisa. Você não me acha fantástica? Entre.

Nesse caso, a piada não viola a expectativa e conseqüentemente não é engraçada. A distância entre os constituintes é completada gradualmente com mensagens cada vez mais informativas. O estímulo muito diferente, que é cognitivamente inacessível, também não resulta numa resposta engraçada. Para ser engraçado, um constituinte deve ser altamente informativo, contanto que não quebre o requerimento de relevância.

Grasser *et al.* (1989) discutem o que faz um texto ser engraçado, e para isso elencam várias teorias que se mostram necessárias no que diz respeito à compreensão do humor. Esse estudo está relacionado às teorias das ciências cognitivas e tenta integrar os seguintes sistemas, que formam o humor: o cognitivo, a partir do qual os textos invocam estratégias e mecanismos especiais de comunicação quando o significado é compreendido; o social, a partir do qual as mensagens humorísticas estabelecem ou reforçam membros pertencentes a certos grupos, *status* de grupos ou ataques entre grupos; o emocional, a partir do qual a hostilidade e a ansiedade são liberadas quando os indivíduos produzem ou compreendem textos humorísticos e o psicológico.

Os autores primeiramente apresentam alguns componentes, atributos e processos de comunicação, os quais são expostos em um texto humorístico (*cf.* p. 146-147):

1- contextualismo: o texto é construído e compreendido num contexto comunicativo. Esse contexto inclui os interlocutores (quem conta e quem ouve a piada), a audiência, o tópico, a hora e o local, a modalidade (oral, escrita), o dialeto, o gênero textual e os objetivos do contador.

2- múltiplos níveis de códigos: fonologia, prosódia, sintaxe, semântica, pragmática e vários aspectos do contexto comunicativo.

3- construtivismo: o contador/autor constrói mensagens de maneira que satisfaça objetivos e restrições e, por outro lado, o ouvinte constrói um significado que explica elementos de uma mensagem. O significado leva em conta o contexto da mensagem, o conhecimento de mundo, as estratégias de processamento e estado mental do ouvinte.

4- conhecimento mútuo: o conhecimento que o autor acredita estar dividindo com o ouvinte.

5- objetivos e planos comunicativos: as mensagens são construídas de maneira que satisfaça os objetivos do autor, por exemplo, ser coerente, transmitir novas informações, convencer o ouvinte de que o argumento é correto *etc.*

6- conhecimento de mundo e inferências: incluem informações sobre o que motiva as pessoas, estereótipos, normas sociais e práticas *etc.* Sem esse conhecimento seria impossível gerar importantes inferências quando o texto é compreendido.

7- capacidade e limitações: a memória de curto prazo é limitada em capacidade, e a memória a longo prazo tem estoque ilimitado de conhecimento de mundo e estratégias cognitivas. Portanto, se a piada contiver, por exemplo, informações ocorridas há muito tempo, o ouvinte pode não compreendê-la.

É fácil ilustrar o quanto a manipulação inadequada desses componentes pode ser prejudicial para a compreensão de um texto humorístico. Por exemplo, a piada pode não ser compreendida se faltar a ele um importante conhecimento de mundo ou se ele não construir um significado coerente.

Outra teoria que os autores descrevem é a que define um número de participantes e códigos que fazem parte da maioria dos textos humorísticos (*cf.* p. 148):

1- participantes do diálogo principal: o contador, o ouvinte (ao qual o contador se remete diretamente) e a audiência (real ou imaginária), que testemunha a troca.

- 2- participantes do diálogo na piada: os personagens da piada.
- 3- o alvo da piada *versus* quem ataca: o alvo, que será ridicularizado na piada, pode ser um indivíduo, um grupo, uma instituição ou um ideal.
- 4- *status* daqueles que compreendem a piada *versus* daqueles que não compreendem: aqueles que entendem uma piada manifestam um sorriso ou risada.
- 5- *punchline*: a sentença que marca o final da piada, quando o “ponto da piada” pode ser interpretado.
- 6- ponto da piada: representa a essência da piada, a mensagem que o contador quer que o ouvinte compreenda. Normalmente, especifica o alvo e a atitude do contador.
- 7- estilo/pistas: normalmente o contador avisa que irá contar uma piada, fornece pistas que podem ser fonológicas, prosódicas ou semânticas.
- 8- estratégias comunicativas: uma piada pode envolver um mecanismo em nível lingüístico, semântico ou conceitual, como a ironia e o sarcasmo.

Outra teoria do humor no campo psicológico que Grasser *et al.* apresentam é a descrita por Suls (1972/1977), que enfatiza o processo semântico-conceitual na compreensão do humor. A teoria incongruência-resolução (*incongruity-resolution*) é composta por dois estágios. No primeiro, o sujeito constrói e elabora uma representação textual para cada sentença da piada; esse processo continua até o sujeito encontrar uma incongruência, uma discrepância entre o que se espera que aconteça e o que realmente acontece. No segundo estágio, o sujeito tem de resolver o problema causado pela incongruência, encontrando uma explicação que envolve a reinterpretação de vários elementos do texto para uma nova perspectiva.

Evoquemos, por fim, a teoria de Raskin (1985), que diferencia uma piada de uma não-piada. De acordo com Raskin, uma piada ativa dois grupos de conhecimento de mundo, que ele chama de *scripts*. Um *script* define-se como um feixe de informações sobre um determinado assunto ou situação, como rotinas consagradas e modos difundidos de realizar atividades, constituindo uma estrutura cognitiva internalizada pelo falante, que lhe permite saber como o mundo se organiza e funciona.

Cada *script* é acessado por uma palavra específica no texto ou por uma combinação de palavras. Quando o sujeito identifica um *script*, há uma série de expectativas sobre

pessoas, espaços, eventos e ações. O começo da piada leva o sujeito a construir o texto do ponto de vista de um *script*; quando o *punchline* se apresenta, há palavras e idéias que não participam do *script* original. A informação incompatível “puxa” o segundo *script* e apresenta toda uma nova perspectiva. Essa teoria se diferencia da teoria da incongruência no que diz respeito aos tipos de *scripts* que podem ser pareados, já que, para Raskin, os *scripts* devem envolver algum tipo de oposição.

Na tentativa de os sujeitos compreenderem e interpretarem as piadas, é importante ressaltar aspectos que atuam na construção do sentido: a memória discursiva, os aspectos lingüísticos, as semioses não-verbais, o reconhecimento de leis conversacionais e inferências semântico-pragmáticas, as crenças e opiniões que mobilizam os pressupostos culturais *etc.* Tais processos, verbais e não-verbais, podemos chamar sócio-cognitivos.

Nesse sentido, há aqui a superação de uma visão internalista da linguagem, segundo a qual o sujeito administra consciente e isoladamente os sentidos. A linguagem é entendida como uma ação compartilhada e a interação é apreendida como a base da construção do conhecimento e da linguagem, que é ao mesmo tempo cognitiva e social.

De acordo com Mondada (2002), o conhecimento partilhado é constantemente mantido, garantido e transformado pelos interlocutores. Então, podemos dizer que a cognição não se manifesta como uma função autônoma e preexistente, mas, é constituída na interação, de procedimentos que permitem o estabelecimento da intersubjetividade na ação.

Marcuschi (2002a) afirma que a cognição – e, portanto, a linguagem - é também vista como um fenômeno essencialmente social. Ao analisar as atividades de construção, o autor observou como emergem as propriedades de cognição e o dinamismo dos processos que dão origem a estruturas conceituais complexas, como as metáforas, metonímias, ironias, idiomatismos *etc.* De acordo com o autor, a maneira como dizemos as coisas aos outros é decorrência de nossa atuação lingüística sobre o mundo com a língua, de nossa inserção sócio-cognitiva no mundo e de componentes culturais e conhecimentos diversos.

Também a partir de uma perspectiva sócio-cognitiva, Salomão (1999) afirma que “fazer sentido (ou interpretar) é necessariamente uma operação social na medida em que o sujeito nunca constrói o sentido-em-si, mas sempre para alguém” (p.71). Para a autora, o

signo deve ser entendido apenas como uma pista que leva ao sentido, contando com a participação ativa do interlocutor neste percurso, com seus conhecimentos prévios e estratégias interpretativas que são disparadas pelas pistas de contextualização.

Koch e Cunha-Lima (2004), em perspectiva semelhante, afirmam que as pistas contextuais (pistas fornecidas, por exemplo, pelo uso de determinadas formas lingüísticas, de determinado registro, de certas escolhas lexicais) são usadas para estabelecer o enquadre relevante para um dado evento focal. O contexto passa a ser algo criado pelos próprios atos de fala. A cada momento da interação, o locutor projeta e prevê as interpretações possíveis dos ouvintes.

Piada e *Performance*

É interessante ressaltar para este trabalho o papel do *performer*, pois, para que o ouvinte, no caso, o sujeito afásico, entenda uma piada ou perceba suas propriedades é fundamental o ato performativo do contador. Observamos que a contagem de piadas por parte da investigadora, e eventuais recontagens ou interpretações dos sujeitos afásicos, exigem, além de uma competência textual e pragmática, uma *performance*.

Segundo Zumthor (2000), a *performance* implica competência, que é, à primeira vista, um *savoir-faire*, ou seja, um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta. A *performance* realiza, concretiza, passa da virtualidade à realidade, situando-se num contexto, ao mesmo tempo, cultural e situacional. Para o autor, o homem participa de três atividades: o *behavior*, que é o comportamento, isto é, tudo que é produzido por uma ação qualquer; a conduta, relativo ao comportamento referente às normas socioculturais; e a *performance*, que é uma conduta na qual o sujeito assume aberta e funcionalmente a responsabilidade.

O papel do *performer* é muito importante pois, como assinala Zumthor (2000), é a partir de seu desempenho que propiciará na audiência reações auditivas, corporais e emocionais. O contador de piadas deve saber usar, por exemplo, a entonação correta, a pausa, ou o sotaque, para que a piada seja compreendida pelo ouvinte.

Em sua Dissertação sobre a arte verbal do grupo pernambucano “Cordel do Fogo Encantado”, Farias Junior (2004) entende a *performance* como reconhecimento, pois modifica o conhecimento. Para o autor, a *performance* e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados, seja por meio da recitação de uma poesia, da cantoria de uma música *etc.* A *performance* não é, portanto, simplesmente um meio de comunicação; ela modifica o conhecimento; comunicando, ela o marca.

Deve-se considerar também que, ao contar uma piada, o ouvinte e a audiência estão preparados, sabem que irão ouvir uma piada e que a qualquer momento serão surpreendidos. Há uma certa expectativa em jogo, pois, de alguma maneira, através de pistas lingüísticas, o contador de piadas prepara a sua audiência, avisando que uma piada será contada. Zumthor (2000) afirma que a *performance* se refere a um acontecimento oral e gestual, ligando-se ao corpo, mas não só, porque também se liga ao espaço, a uma noção de teatralidade: “o corpo do ator não é um elemento único, nem mesmo o critério absoluto da ‘teatralidade’; o que mais conta é o reconhecimento de um espaço de ficção” (p.47). Nesse espaço, há a encenação, um ato performativo de quem contempla e de quem desempenha.

Tendo exposto, neste capítulo, o tratamento lingüístico-discursivo das piadas, passemos à análise afasiológica, em que destacamos estudos que afirmam, em sua maioria, que sujeitos com lesões cerebrais apresentam dificuldades em compreender piadas.

CAPÍTULO II

O LUGAR RESERVADO ÀS PIADAS NA AFASIOLOGIA

Estudos no campo da Afasiologia, como, por exemplo, os de Goel e Dolan (2001), Martin e McDonald (2005), tendem a explorar a tese de que sujeitos com lesões cerebrais apresentam dificuldades em entender a linguagem não-literal, como a ironia, a falácia, o humor.

Winner e Karolyi (1998) discutem a importância de estudos que visam não só a sintaxe, a semântica ou a fonologia, mas a habilidade que vai além do que é literal, como a metáfora, a ironia e o humor, assim como a habilidade de reconhecer uma história, compreender as regras de uma estrutura narrativa e a fronteira entre o fato e a ficção.

O estudo desses autores relata que sujeitos com lesões no hemisfério esquerdo têm dificuldades de explicar significados metafóricos, mas isso só ocorre porque eles teriam dificuldades de se expressar, de “colocar em palavras sua compreensão”. Ou seja, teriam dificuldade de realizar operações metalingüísticas. Segundo tais estudos, os afásicos têm a capacidade, por exemplo, de apontar uma figura e relacioná-la com uma expressão metafórica ou idiomática, ou com um final de história. Já sujeitos com lesões no hemisfério direito aparentemente têm a linguagem preservada, mas observa-se que não conseguem compreender o sentido metafórico e, ao mostrar uma figura, entendem somente seu sentido literal. As autoras afirmam que esses sujeitos apresentam dificuldades de entender uma ironia ou uma piada porque não entendem o significado não-literal. Além disso, apresentam dificuldades para entender o contexto; histórias ficcionais; a mudança abrupta do discurso; dar tema ou simplificar uma história, porque são incapazes de revisar a sua interpretação da história. Sujeitos com lesão no lobo frontal, que apresentam fala desorganizada, confabulações ou irrelevâncias, são incapazes também de compreender ironias.

Brownell *et al.* (1983) sugerem que há dois componentes narrativos nas piadas: a surpresa e a coerência. O indivíduo deve possuir um esquema, ou *script*, que cubra o curso normal dos eventos e, também, deve ser capaz de detectar discrepâncias do curso normal, deve, dessa forma, perceber a surpresa. Entretanto, para apreciar a piada, deve também ser

capaz de entender a relação entre os elementos no corpo da piada, manter isso em mente para que ele possa relacioná-los com o gatilho (*punchline*), tendo, portanto, um entendimento em relação à coerência. Então, esse modelo sugere dois estágios: primeiro, o ouvinte constrói expectativas que serão desconfirmadas com o gatilho surpresa; depois, ele reconcilia a incongruência com um segundo nível de interpretação, que liga o gatilho coerentemente com o corpo da piada. Os autores concluem que sujeitos com lesões no hemisfério direito são capazes de reconhecer e entender o elemento de surpresa - o “gatilho” no final da piada - mas não conseguem relacioná-lo com o corpo da piada, de forma a ter uma interpretação coerente, suficiente para permitir a apreciação normal do humor.

O estudo de Coulson e Williams (2005) com pacientes com lesões cerebrais sugere que os dois hemisférios diferem marcadamente na sua importância no processamento da linguagem. Indivíduos com lesões no hemisfério direito, segundo o estudo, exibem um número de déficits de processamento semântico e pragmático, como a dificuldade de nomear frases idiomáticas, metáforas e pedidos indiretos. Esses achados sugerem que o hemisfério esquerdo é crucial nos aspectos fundamentais da produção e compreensão da linguagem, enquanto que o direito é importante para tarefas lingüísticas que requerem do ouvinte um conhecimento anterior, conceitual. Um exemplo disso seria a compreensão de piadas, porque estas pressupõem a habilidade do ouvinte em interpretar linguagem em oposição a um conhecimento “anterior”. Tomemos a seguinte piada: - *Eu deixei meu contador fazer meu imposto porque com isso economizo tempo: na última primavera, me economizou dez anos*. Com a inserção da palavra *anos* no final da piada, o ouvinte tem que voltar e reinterpretar a palavra *tempo* como *tempo na prisão*, e o personagem como sendo um profissional corrupto. A piada reflete a operação de um processo de re-análise semântica que reorganiza uma informação dada em um novo esquema, anteriormente memorizado. A razão de suspeitar que a dificuldade de compreensão de piadas está ligada ao hemisfério direito está relacionada com a exigência de um modelo de reinterpretação (*frame-shifting*) de ordem não lingüística, na concepção dos autores.

Heath e Blonder (2003), em seu estudo a respeito do humor conversacional entre afásicos, revelam que o humor pode ser entendido como uma percepção da incongruência e

que também estaria relacionado ao absurdo e sua resolução. Para os autores, o humor ajuda a aliviar o *stress* causado pelas mudanças no estilo de vida, ou seja, ele facilita as interações do dia-a-dia, apesar dos *deficits* cognitivos.

Segundo os autores, o humor emerge do emparelhamento de eventos ou idéias incongruentes; então, para entender uma piada, o sujeito deve detectar a relação entre duas idéias. É na segunda idéia que se constitui a incongruência, pois apresenta um cenário diferente e modifica o significado da primeira idéia. Os autores concluem que os participantes demonstraram capacidades cognitivas e afetivas requeridas no humor colaborativo, incluindo a habilidade de acompanhar uma narrativa e decodificar o “teor” emocional da conversação para acessar se uma piada é socialmente apropriada num dado momento.

Wapner *et al.* (1981) relatam o estudo em que os sujeitos deveriam ler histórias (ou piadas) e depois tentar gravar o máximo de detalhes possíveis. Em seguida, faziam-se perguntas a eles a respeito da história. A pesquisa procura mostrar que sujeitos com lesão no hemisfério direito têm dificuldades para construir narrativas coerentes ou entender a mensagem geral da narrativa ou da piada.

Já o estudo de Shammi e Stuss (1999) mostra que o lobo frontal direito tem o papel principal na mediação do humor. Neste estudo, os autores aplicam um teste de apreciação de uma piada (verbal) e uma apreciação de um *cartoon* (não verbal). Dessa maneira, acessam as funções cognitivas relativas ao humor, como a memória, a abstração verbal e o ‘shifting’ mental e observam as respostas espontâneas dos participantes ao estímulo. Os autores concluem que indivíduos com lesão no lobo frontal direito têm menor apreciação do humor e uma diminuição de respostas afetivas espontâneas ao humor.

De acordo com estes estudos, os dois hemisférios possuem diferentes funções, especialmente, no que diz respeito à compreensão e produção da linguagem. O hemisfério esquerdo seria responsável pelos aspectos considerados básicos na produção e compreensão da linguagem. Mais especificamente, de acordo com Raimundo (2004), sujeitos com a afasia de Broca, cuja lesão está localizada no lobo frontal inferior, apresentam dificuldades na produção da fala, na articulação das palavras, na estrutura gramatical. Indivíduos com afasia de Wernicke, localizada numa área específica do lobo temporal, apresentam

dificuldades de compreensão, embora ainda tenham preservado a habilidade de falar fluentemente, mesmo que seja uma comunicação confusa.

O hemisfério direito é tradicionalmente considerado o responsável pela compreensão de significados secundários, ou seja, significados alternativos, como ocorre na compreensão de piadas. Esses sujeitos parecem ser insensíveis ao contexto em que as unidades lingüísticas são produzidas e utilizadas, apresentam *déficits* mais pragmáticos, além de dificuldades de compreensão de sentidos não-literais, mesmo que seja em relação a uma única palavra. Já uma lesão no lobo frontal está associada, tradicionalmente, a dificuldades no pensamento abstrato. Estudiosos argumentam que a abstração e o pensamento metafórico dependem de um mecanismo comum, de uma relação parte-todo. (CHOBOR e SCHWEIGER, 1998).

Paradis (1998) assinala que tradicionalmente lesões em áreas específicas do hemisfério esquerdo dificultariam a compreensão e/ou a produção de vários aspectos da fonologia, morfologia, sintaxe e léxico. Já as lesões no hemisfério direito afetariam a compreensão e produção do humor e vários aspectos da interpretação de contextos não-literais. Em suma, para o autor, lesões no hemisfério esquerdo causam *déficits* na compreensão lingüística implícita e lesões no hemisfério direito causam *déficits* em vários aspectos da competência pragmática. Entretanto, o autor afirma que a linguagem não é apenas o sistema lingüístico, é produto de uma competência lingüística e também pragmática. Em seu estudo, Paradis (1998) conclui que o sujeito precisa interpretar significados literais, mas, também precisa realizar inferências do contexto discursivo e situacional para compreender uma sentença gramatical. Portanto, de acordo com o autor, ambos os hemisférios fornecem uma contribuição específica: nenhum é suficiente, os dois são necessários ao processamento da linguagem.

Observamos, dessa maneira, que ambos os hemisférios possuem diferentes funções no processamento da linguagem, portanto, ambos são necessários nas demandas cognitivas requeridas pelo texto chistoso. Além disso, para a interpretação ou compreensão de uma piada será necessário, não só uma competência lingüística ou pragmática do sujeito, mas também o envolvimento de aspectos sociolingüísticos, discursivos e paralingüísticos (como a compreensão e uso da entonação, gestos, expressão facial *etc*).

Problematizando a definição da afasia como problema de metalinguagem

A afasia é *grosso modo* definida como uma alteração de linguagem e processos afeitos a ela, decorrente de uma lesão cerebral adquirida (em geral, no hemisfério esquerdo) (Morato, 2005). Mais especificamente, em autores como Lebrun (1983) e Jakobson (1960/1981), a afasia pode ser definida como a perda da capacidade de realizar operações metalingüísticas.

Para Jakobson (1954/1981), se a afasia é uma perturbação da linguagem, deve-se saber quais aspectos da linguagem são prejudicados e quais estão alterados; para isso, deve-se compreender a natureza e a estrutura da comunicação que cessou de funcionar. O autor se baseia nas idéias de Saussure, ao evocar a tese de que a língua se articula em dois eixos, o paradigmático e o sintagmático, resultado do pensamento sobre as relações que o sujeito faz com a linguagem. Sendo assim, de acordo com Jakobson, falar implica a seleção (de certas unidades lingüísticas) e sua combinação (em unidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade).

A seleção implica a possibilidade de substituir um termo pelo outro, portanto, seleção seria o mesmo que substituição; concerne às entidades associadas ao código, mas não na mensagem dada. Já no processo de combinação, qualquer unidade lingüística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade mais complexa. A combinação está ligada ao contexto; as entidades estão associadas no código e na mensagem ou somente na mensagem efetiva. Sendo assim, a mensagem é uma combinação de partes constituintes (frases, palavras, fonemas) selecionadas do repertório de todas as partes possíveis (código).

Segundo Jakobson (1954/1981), a seleção está relacionada ao eixo paradigmático, os signos estão ligados por diferentes graus de similaridade; dito de outra forma, as unidades possuem traços em comum, são similares em algum ponto. A seleção mostra-se mais como uma questão acerca da metalinguagem, pois o sujeito reflete sobre a linguagem, sobre o simbólico. Já a combinação está relacionada ao eixo sintagmático, em que há o estatuto de contigüidade, isto é, o sujeito faz uso da linguagem, nomeia, evoca, flexiona,

estrutura sintaticamente *etc*; é, portanto, assim como a seleção, uma questão metalingüística.

A partir dessa abordagem, Jakobson descreve dois tipos de afasia: o distúrbio da similaridade e o distúrbio da contigüidade. Os afásicos com distúrbio da similaridade apresentam deficiência na seleção. Nesse caso, para o autor, o contexto (situacional) constitui fator indispensável e decisivo. Assim, a palavra só significa pelo contexto, como, por exemplo, a palavra “chove”, só poderia ser dita se aquele que a pronuncia realmente perceber que está chovendo. Por sua vez, o afásico com distúrbio da contigüidade apresenta dificuldade de combinar entidades lingüísticas mais simples em unidades mais complexas. Nesse caso, o contexto é a dificuldade, o que se caracteriza na fala do sujeito é o estilo telegráfico: a extensão das frases diminui; não há ordem; não há conjunções, preposições, pronomes ou artigos. Além disso, o afásico é incapaz de decompor a palavra em seus elementos fonológicos. Reconhece, compreende, repete e enuncia a palavra “café”, por exemplo, mas não consegue entender e distinguir seqüências fônicas desprovidas de sentido.

Segundo Jakobson (1960), a metalinguagem seria deficiente nos afásicos que apresentam uma desordem de similaridade, chamada “perturbação sensorial”. Apesar das instruções, esses sujeitos não podem responder à palavra estímulo do examinador com uma palavra ou uma expressão equivalente e carecem da capacidade de construir proposições equacionais. Desse modo, o contexto mostra-se decisivo para enfrentar esse distúrbio, pois o sujeito pode apoiar-se no eixo de contigüidade para contornar seus problemas relativos ao processo de decodificação. Assim, para o lingüista russo, “metalinguagem e função metalingüística seriam duas operações distintas, ficando a questão da metalinguagem, de alguma forma, reduzida às operações metalingüísticas” (*cf.* Arrivé, 1994).

Ainda que calcada na antiga distinção linguagem x língua (presente na formulação saussuriana e, de alguma forma, também em Jakobson), a distinção entre linguagem e metalinguagem tem, em autores como Lebrun⁷, a expectativa de produzir um deslocamento

⁷ Para Lebrun (1983), o termo metalinguagem jogaria luzes sobre o que estaria alterado nas afasias, definidas ao longo do século XIX como um problema essencialmente de linguagem interna (*Cf.* Françoze, 1987), isto é, como um problema relativo à representação mental, algo vago e impreciso segundo o neurolingüista belga. Aludindo à distinção linguagem x metalinguagem (uso x menção), Lebrun propõe nesse

das explicações sobre os distúrbios afásicos, tirando-os de um domínio essencialmente mental e trazendo-os para a esfera da linguagem. Entretanto, o autor não promove mudanças na base explicativa da afasia, pois a conceituação de metalinguagem na qual se apóia está comprometida basicamente com o domínio lógico-perceptivo, mental, e não com a língua e seu funcionamento. A relação pensamento-linguagem continua sendo, pois, de exterioridade. Nesta, a linguagem (e, naturalmente, a metalinguagem natural) permanece subordinada aos conteúdos cognitivos.

Além do problema da conceituação tradicional das afasias, as pesquisas da área da Afasiologia que enfatizam fenômenos que evocam implícitos como as metáforas, provérbios ou piadas e, conseqüentemente, as baterias de testes-padrão evidenciam uma incoerência entre o que os autores propõem, como, por exemplo, tentar explicar a organização da linguagem e seu funcionamento em termos meramente mentais. Nessa abordagem, a linguagem não é vista como um fenômeno em que estão envolvidos aspectos lingüístico-pragmáticos e discursivos, pois reduz-se ao sistema lingüístico.

Ganhos teóricos do estudo das piadas

Observamos que, em geral, no campo da Afasiologia, os fenômenos relativos à compreensão são considerados de ordem essencialmente cognitiva (mental), excluindo elementos fundamentais para a compreensão: os sujeitos e suas ações, o contexto histórico-cultural no qual estão inscritos e o universo discursivo a que pertencem os gestos significativos humanos.

A linguagem, nos estudos sobre a afasia, é concebida de maneira altamente idealizada, como se ela fosse sempre exata, clara e objetiva. Nossa sociedade sempre vigiou e condicionou as formas de dizer e falar, sobretudo através de métodos tradicionais de ensino e das práticas médicas e terapêuticas normativas. Hoje, porém, vemos a linguagem de forma menos idealizada e constituída de outros fenômenos. Observamos, ainda, que nem sempre controlamos o sentido do que estamos a dizer ou a interpretar, mas mesmo assim,

seu texto substituir, para fins de clareza conceitual, que a afasia seja entendida como alteração de metalinguagem, e não mais como distúrbio da linguagem enquanto representação mental.

conseguimos nos comunicar, interagir, significar, sendo assim, não somos falantes ideais a todo o momento, mas somos criaturas voltadas para a linguagem, para o diálogo e para a interação verbal. (MORATO, *mimeo*).

A partir dessa discussão, ressaltamos que, com o Protocolo de Estudos desta Pesquisa, podemos considerar as piadas a partir de um enfoque enunciativo-pragmático, analisando, dessa maneira, como o sujeito “se move na linguagem”. Portanto, estamos privilegiando essa abordagem, abandonando as baterias de teste como fonte exclusiva das informações e explicações sobre as afasias.

Em suma, o Protocolo de Piadas nos dá condições de analisar dados que têm relação com o funcionamento da língua e com as suas condições de produção, bem como os processos que o mobilizam. Além disso, a partir da aplicação do Protocolo de Piadas podemos observar a presença de processos meta relativamente à linguagem (lingüísticos, enunciativos, pragmáticos, discursivos), o que está em jogo, nesse caso, são as ações reflexivas dos sujeitos relativamente à linguagem e às práticas sócio-culturais a ela afeitas.

Para Morato, 2003:

[...] é possível destacarmos duas posições básicas em relação à metalinguagem, e elas são capazes de levar a implicações epistemológicas distintas e relevantes para os estudos neurolingüísticos:

- a) o componente meta existe, e existe independentemente da linguagem (na medida em que seria tributário de conteúdos cognitivos). Essa tem sido a posição – ancorada em parâmetros logicistas - de Hjelmslev, Chomsky, Lyons, Jakobson, Rey-Debove, Ducrot, Culioli, Danon- Boileau e Lebrun , dentre outros;
- b) o meta não existe, ou existe de forma integrada e constitutiva à linguagem e ao lingüístico. Essa tem sido a posição de Benveniste, Authier-Révuz, Arrivé, Possenti, dentre outros. (p.584).

Morato (2001) afirma que os modos de funcionamento do componente “meta” (lingüísticos, pragmáticos, discursivos, enunciativos) não são subsumidos pela língua ou pela cognição; antes, eles são de responsabilidade de uma competência que articula enunciativamente um saber da língua e um saber do mundo. A partir dessas considerações, podemos dizer que a reflexividade da linguagem não é mais remetida somente a uma visão de sentido restrita às relações internas do sistema, mas que ela se encontra no domínio

semântico-pragmático constituído pela enunciação e suas diferentes instâncias, nas quais o lingüístico está amparado por práticas humanas, simbólicas e sociais.

Tendo em vista esse ponto de partida, nossa hipótese é a de que é possível observar o modo de funcionamento de vários processos “meta” (lingüísticos, discursivos, pragmáticos, enunciativos) constitutivos da interpretação de piadas, observando ao mesmo tempo a maneira como eles estão interligados e são manipulados enunciativamente pelos sujeitos. A partir daí, podemos discutir a afirmação corrente de que, por terem dificuldades de realizar operações metalingüísticas, os sujeitos afásicos não seriam mais capazes de interpretar sentidos veiculados nas piadas; nossa hipótese é a de que, como veremos nos capítulos subseqüentes, que afásicos podem interpretá-las não apenas a partir dos recursos lingüísticos, mas também através de risos, de comentários ou do uso de gestos corporais ou expressão facial.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DA PESQUISA

Elaboração do protocolo

Como já foi exposto anteriormente, ao elaborar o Protocolo de Estudos para esta pesquisa, retomamos as reflexões contidas em nossa pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “Análise de recontagem de piadas: um estudo de formas meta-enunciativas na linguagem de sujeitos afásicos”, voltada para o estudo de processos lingüístico-discursivos envolvidos na recontagem de piadas, elaborado a partir da consideração de níveis de análise lingüística nelas implicados. Nesse estudo, o protocolo foi dividido e classificado com base no nível ou no mecanismo lingüístico que é posto em causa de maneira central: fonético-fonológico, morfológico, lexical, sintático, pragmático e interdiscursivo.

Levamos em conta, contudo, já naquela ocasião, que todas as piadas podem ser consideradas como pragmático-discursivas, pois elas implicam diferentes atividades que os sujeitos fazem com a linguagem e seu funcionamento em diferentes situações ou práticas, sob diversas regras de ordem sócio-cultural. As piadas também dependem, além da identificação de um universo cultural, da saliência de certos processos de significação lingüística, bem como de certos níveis lingüísticos que parecem mais relevantes para sua compreensão (ou seja, a chave interpretativa pode estar ligada à saliência de um ou outro trabalho ou processo lingüístico, tornando uma piada “mais fonológica”, “mais sintática” *etc.*).

Na presente pesquisa, decidimos classificar as piadas com base na saliência (ou relevância) de determinado nível lingüístico, ainda que consideremos que a língua se constitui na articulação de vários níveis ou processos lingüístico inter-atuantes e inter-dependentes (*cf.* Benveniste, 1991). Levamos em conta a ênfase dada a determinado(s) nível(s) lingüístico(s) na manipulação da “chave” (*cf.* Raskin, 1987) interpretativa do texto chistoso, tendo a consideração que é possível acionar mais de um mecanismo

simultaneamente, distinguindo dessa forma o(s) que seria(m) mais relevante(s) para o entendimento da piada.

No que diz respeito à pesquisa empreendida nesta Dissertação, elaboramos um Protocolo de Estudos em duas versões, que se encontram no Anexo I (Protocolo de Estudos I e II). Ambas as versões – primeira e segunda - foram aplicadas à população que configurou o grupo controle, composto por 05 sujeitos não-afásicos: 2 homens e 3 mulheres na faixa etária da população-alvo (sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos). A partir dos resultados obtidos junto ao grupo controle, realizamos posterior reajuste e apresentação das piadas que integram o Protocolo Final. Esta versão final do Protocolo de estudos foi aplicada somente ao grupo de sujeitos afásicos, composto por 4 mulheres e 1 homem. Os sujeitos afásicos foram selecionados com base no perfil neurolingüístico, na disponibilidade e interesse para participar da pesquisa e na realidade do próprio grupo, composto atualmente mais por mulheres.

Constituíram as duas primeiras versões do Protocolo um rol de 6 piadas em cada um, sendo que a segunda versão continha o que chamamos de piadas suplementares. Selecionamos para a versão definitiva aquelas piadas que funcionaram melhor do ponto de vista do que era requerido em termos de trabalho lingüístico-pragmático. Sendo assim, selecionamos ao final 7 piadas que nos possibilitassem a análise dos níveis lingüísticos (e sua articulação), bem como a consideração das estratégias meta próprias de sua manipulação enunciativa (a partir da evocação produtiva de comentários, recontagem, explicação, argumentação) e familiaridade sócio-cultural.

No que diz respeito às primeiras versões, somente uma das piadas do Protocolo I, categorizada como pragmático-discursiva (piada 6), causou certo estranhamento e foi de difícil compreensão para todos os sujeitos entrevistados. Por esse motivo, incluímos uma piada similar do ponto de vista lingüístico-pragmático, presente no Protocolo II (piada 5), no Protocolo Final. Resolvemos manter a piada 6 do Protocolo I porque apresenta características discursivas relevantes, além de aspectos lingüístico-pragmáticos, como questões sintáticas e semânticas, que não foram observados em nenhuma outra piada - e também porque, apesar de causar dificuldade de compreensão, ao longo das entrevistas,

quando comentada e explicada, os sujeitos do grupo controle conseguiram, de alguma maneira, interpretá-la.

Para a elaboração da versão final do Protocolo de Estudos levamos em consideração que as piadas selecionadas foram as mais próximas do universo sócio-cultural dos sujeitos, e, também, as que se constituem de curtas narrativas. Além disso, salientamos que a análise dos dados não teve como objetivo qualificar os sujeitos como bons ou maus contadores de piadas; dessa maneira, a análise não incidiu sobre a *performance* dos sujeitos e sim sobre os mecanismos lingüísticos que devem lançar mão para compreender e recontar uma piada.

Uma vez composto o Protocolo Final com sete piadas, não foram usadas piadas sobressalentes, pois não foram necessárias. Assim, julgamos que a escolha das piadas foi relevante para a Pesquisa, uma vez que houve uma compreensão geral da proposta e engajamento à atividade por parte de todos os sujeitos.

Grade interpretativa do Protocolo de Estudos de Piadas

Abaixo, apresentamos a grade interpretativa que explicita nossa expectativa com relação à interpretação das piadas que integram o Protocolo, categorizando-as de acordo com seu aspecto lingüístico-pragmático mais saliente:

1- Fonético-morfológica:

Por que a vaca foi para o espaço?

R: Para se encontrar com o vácuo.

Para interpretar esta piada o sujeito deve ter o conhecimento do que é o vácuo, compreender seu significado. O vácuo é o “vazio”, o “espaço não ocupado por coisa alguma”. Então, o sujeito deve fazer a relação entre “espaço” e “vácuo”.

Além disso, deve fazer a relação entre “vaca” e “vaco” e vácuo e “vaco”. Para isso, deve compreender a regra morfológica segundo a qual, geralmente, para substantivos do gênero feminino acrescentamos o sufixo *-a* e para o gênero masculino o sufixo *-o*. Nesse

caso, porém, essa regra não se aplica, já que o masculino de *vaca* não é “*vaco*” e sim *boi*. Observa-se, também, uma questão fonético-fonológica, que é a “chave” humorística da piada, pois, ao dizer “vácuo”, geralmente, não pronunciamos o “u” e o “o”; o que ocorre é uma gradiência fônica, isto é, pronunciamos sutilmente essas vogais. Conseqüentemente, temos a semelhança com a palavra “vaco”.

2- Morfo-fonológica:

- Qual a diferença entre uma criança e um carpinteiro?

- É que a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira.

Nesta piada, “mamadeira” e “má madeira” se distinguem pela diferença possível de acento na primeira das sílabas que se repetem: “mà - madéira”, “má - madéira”. Além disso, essa diferença só é possível em razão da organização prosódica, ou seja, através de uma manipulação das fronteiras de palavra e das proeminências silábicas envolvidas nas segmentações alternativas da cadeia sonora (TENANI, 2001). Portanto, é a diferença de acento e a prosódia que permitem dizer que se pode ter uma palavra ou duas palavras diferentes, criando pela segmentação da palavra o efeito humorístico. A questão pragmática também deve ser levada em consideração, pois o sujeito deve compreender o que faz um carpinteiro em seu trabalho, isto é, deve acionar um conhecimento de mundo.

3-Lexical:

A tia vira-se para a Mariazinha e pergunta:

-O que você vai fazer quando for grandona como a titia?

-Um regime!

Primeiramente, devemos perceber a comparação feita entre a frase: “O que você vai fazer quando for grandona como a titia?”, e a frase já cristalizada em nossa cultura: “O que você vai fazer quando crescer?”. A troca feita entre as palavras “grandona” e “crescer”

pode ser feita, é compreensível, mas, nesse caso a substituição não dá certo, porque “grandona”, para Mariazinha, significou “gorda”. A inferência é feita a partir de sua resposta “um regime!”. Observamos, então, que a “chave” humorística dessa piada está centrada no léxico, isto é, na ambigüidade da palavra “grandona”, que pode significar “muito grande”, “alta”, “crescida”, “adulta” ou “gorda”. O que está em jogo no efeito de humor é também o conhecimento de que crianças geralmente falam o que pensam e falam a verdade, quebrando toda a expectativa gerada pelo enunciado da tia.

4- Sintática

Um amigo do Manuel chegou e perguntou a ele:

-Você vai à festa de quinze anos de minha filha?

-Eu irei, mas ficarei no máximo dois anos...

Esta piada veicula a idéia, o estereótipo, de que os portugueses são burros. Então, por “festa de quinze anos” o personagem entende se tratar da duração da festa, e não o tema da festa. A ambigüidade é gerada pela preposição “de”, que pode tanto se referir a um ou a outro complemento; então, a expressão “festa de quinze anos” pode ter a função de causa ou de duração.

5- Pragmática

A visita está saindo. A mãe pergunta para o filho, que está por perto:

-E o que é que a gente diz quando a visita vai embora?

-“Graças a Deus”!

Esta piada trata da regra (conversacional, discursiva) segundo a qual certas verdades não se dizem, ou, alternativamente, certas opiniões não se explicitam, basicamente porque elas são contrárias às pessoas envolvidas. Pessoas bem educadas nunca dizem às mães (ou a outras pessoas) o que todo mundo diz. Sabemos que os adultos falam mal de seus

vizinhos ou amigos pelas costas, tratam as visitas muito bem, mas depois que se vão, praguejam contra sua chatice, lamentam o tempo perdido, a bebida consumida *etc.* Já as crianças podem ser sinceras, dizer coisas proibidas; nesse caso, violam-se regras de etiqueta e regras de boa educação, pela enunciação de opiniões.

6- Semântica

O sujeito encontra o colega e desabafa:

- **A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.**
- **Caramba! Quem é o cara? - pergunta o outro, indignado.**
- **Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!**

Para compreender esta piada o sujeito deve reinterpretar o sentido inicial gerado pela frase “A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo”. A impressão é a de que se fala de seu amigo de longa data, mas, com a inserção do advérbio de tempo “agora”, na última frase, percebemos que ele só se tornou seu melhor amigo depois que fugiu com sua mulher. A expressão “melhor amigo” leva o ouvinte a perceber o feixe de significações que ela evoca, o melhor amigo é o preferido dos amigos, e nunca o deixaria numa situação como esta. Ao mesmo tempo, o ouvinte deve perceber os fatores sócio-culturais e pré-construídos aí veiculados na forma de estereótipos: primeiramente observamos a idéia de que, em um casamento, geralmente a mulher foge com o melhor amigo do marido; e, segundo, de que ele não é feliz no casamento, e que não suporta mais sua mulher, por isso é agradecido ao homem que fugiu com ela, a ponto de se tornar seu melhor amigo.

7- Semântico-sintática

Um amigo para outro:

- **Eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por 20 anos.**
- **E então, o que aconteceu?**
- **Bem, nós nos conhecemos e casamos.**

Esta piada é marcada pela incorporação de determinados elementos pré-construídos, explicitando-se aí uma rede de formulações interdiscursiva. Nela confrontam-se duas versões (e daí vem o efeito obtido com a quebra de expectativa) a respeito do casamento: uma que o identifica com a forma canônica dos “contos de fada” (na qual as pessoas se conhecem, se casam e vivem felizes para sempre); outra que veicula a idéia de que as pessoas acabam tornando-se infelizes com o casamento (ou seja, após se conhecerem e se casarem).

Além disso, é importante observar, no que diz respeito ao escopo sintático-semântico do verbo (“fomos”), que o primeiro interlocutor nos leva a pensar de uma maneira e, no final, altera toda a expectativa criada. Primeiramente, lemos “eu e minha mulher” como um casal, como “duas pessoas que vivem juntas”, mas podemos ler também “duas pessoas separadamente”; nesse sentido, a ambigüidade de “fomos” tanto nos remete à idéia de um casal, à idéia de duas pessoas vivendo juntas por vinte anos, quanto à idéia de duas pessoas vivendo (separadamente, não necessariamente como um casal) felizes por vinte anos (até que se conhecem e se casam, dando fim à felicidade). Nesta piada, quando o primeiro interlocutor diz: “Eu e minha mulher fomos muito felizes por vinte anos”, cria uma espécie de “armadilha interpretativa”, ou seja, uma expectativa “padrão” que logo a seguir será frustrada, criando o efeito chistoso. Quando o segundo interlocutor pergunta: “E então, o que aconteceu?”, na certa, poderá estar imaginando uma situação na qual o efeito da versão da fábula foi quebrado, ou seja, espera-se que haja algum motivo para que o casal tenha se separado após vinte anos de “felicidade”. Finalmente, vale observar que a segunda versão transgride o pré-construído admitido em nossa sociedade, segundo o qual o casamento traz felicidade: “A gente se conheceu e se casou”. Aqui se encontra, implícita, a idéia de que não se pode ser feliz sendo/estando casado. O tempo, demarcado em “fomos felizes por vinte anos”, equivale ao período em que ambos estiveram solteiros.

A aplicação do protocolo

O protocolo foi apresentado aos sujeitos em entrevistas individuais, vídeo-gravadas e posteriormente transcritas para a realização das análises. Aos sujeitos foi solicitado que

comentassem cada piada e que explicassem os efeitos de humor ou outros sentidos veiculados nas piadas. Nestas entrevistas, conseguimos observar como os sujeitos reagiram ao texto chistoso, se compreenderam, como lidaram com a questão dos sentidos indiretos, se lançaram mão na sua interpretação e manipulação dos vários processos meta (metalingüísticos, metapragmáticos, meta-enunciativos, metadiscursivos).

Durante a coleta de dados, houve a preocupação de eles não se sentissem cansados ou desinteressados, assegurando os resultados e o bem estar dos sujeitos. Nas entrevistas individuais, que duraram em média vinte minutos cada uma, as piadas que integram o Protocolo Final foram apresentadas oralmente uma a uma. Imediatamente depois de contá-la ou ao longo da entrevista, alguns sujeitos, que tinham maior facilidade com a leitura, puderam ler a piada. Em seguida, foi solicitado que comentassem, que explicassem o efeito chistoso, a fala de um personagem ou algum outro aspecto da linguagem presente nas piadas.

A explicação para as piadas, solicitadas aos afásicos, configurou-se como um aspecto bastante relevante nas entrevistas, já que isto os levava à tentativa de compreender a razão das piadas serem engraçadas, constituindo-se como tal. Para tanto, os sujeitos tinham que explicar os diálogos e justificar ou definir palavras ou expressões presentes nas piadas.

Durante os encontros nos quais o Protocolo foi aplicado, realizados no período de quatro meses, houve adesão total por parte dos sujeitos aos propósitos da pesquisa. Eles compreenderam a proposta e se mostraram receptivos ao estudo. Do ponto de vista metodológico, as sessões nas quais aplicamos o Protocolo funcionaram de acordo com o esperado.

Notações de transcrição

As transcrições seguiram as convenções do sistema de notação utilizado pelo nosso Grupo de Pesquisa “Cognição, Interação e Significação”. Esse sistema se dispõe a exibir e analisar aspectos concernentes ao contexto não-verbal e mesmo aos movimentos feitos pelo pesquisador ao captar a imagem.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	AfaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	Eu (5s) tirava <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros

		coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----□* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *--- ---□* ((aponta com o dedo))

(Morato *et alli*, 2005)

Na transcrição dos dados foi importante não só gravar as entrevistas em áudio, mas também em vídeo, pois o que se mostra ainda relevante para a pesquisa são os aspectos não-verbais e interativos da construção do sentido. Sendo assim, foi fundamental observar como o sujeito refletiu sobre a linguagem por meio de semioses não-verbais (como a expressão facial, a direção do olhar, a postura corporal, a gestualidade), bem como seus parâmetros prosódicos (como entonação, intensidade, duração, volume). Dessa maneira, conseguimos identificar o que e como o sujeito enfatiza certos aspectos da linguagem presentes nas piadas, importantes para sua compreensão e constitutivos do processo de significação na interpretação, explicação ou recontagem.

O contexto conversacional e a entrevista livre caracterizaram o contexto interacional de aplicação do Protocolo.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1996), a conversação é constituída de diferentes sistemas semióticos: *a)* o material verbal, que são as unidades fonológicas, lexicais, morfossintáticas; *b)* o material paraverbal, que são as prosódias e as vocalizações (entonação, intensidade articulatória, particularidades da pronúncia, características da voz) e *c)* o material não-verbal, que são os signos estáticos (aparência física, características pessoais), as cinéticas lentas (distância, atitudes e posturas) e as cinéticas rápidas (olhar e gestos). O riso e o soluço estariam nas categorias b e c, sendo de natureza auditiva e visual.

Segundo a autora, os mecanismos paraverbal e não-verbal têm um importante papel na comunicação, pois permitem tomar, manter ou passar a palavra; vocalizações como “euh”, “hein”, “hum” são marcas de hesitação, mas também reguladores da conversação; as entonações e gestos facilitam a cognição, intervêm na determinação de significações implícitas, como as alusões, ironias e atos de linguagem indiretos, além de indicar estados afetivos dos participantes e exprimir as emoções.

Levando em conta as considerações acima, uma transcrição complementar a respeito das curvas entoacionais realizadas pelos sujeitos afásicos foi necessária para destacar os elementos que constituem a prosódia, a qual atua junto aos outros processos, lingüísticos ou não, de construção do sentido. Para isso, utilizamos parte do sistema de notação de Viscardi (2005), que teve como objetivo, em sua Dissertação de Mestrado, descrever e postular as características lingüísticas do automatismo⁸, a partir de uma perspectiva enunciativa.

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Subida na curva entoacional	↑
Descida na curva entoacional	↓
Neutralidade na curva entoacional	→

De acordo com Viscardi, é através da conjunção de três fatores, reconhecidos como atuantes na constituição da prosódia, a duração, a intensidade e a curva entoacional, que se dá o processamento das formas lingüísticas, trazendo, assim, a possibilidade de produzir significação.

⁸ O automatismo é definido, em linhas gerais, como a emissão repetitiva do mesmo segmento lingüístico – uma sílaba, uma palavra ou uma sentença – podendo constituir a única emissão verbal produzida pelo sujeito. Sua ocorrência é tida como não-contextualizada, de caráter automático e constante na fala (VISCARDI, 2005, p.26).

Comentários gerais sobre o desempenho dos sujeitos do grupo controle (AF, ML, JJ, HP, PD)

As entrevistas com os sujeitos não-afásicos (Grupo Controle), nas quais foram apresentados os Protocolos I e II (que originaram o Protocolo Final), duraram em média 30 minutos cada uma delas. No início, os sujeitos ficaram um pouco apreensivos, pois se tratava de uma entrevista gravada, na qual teriam que explicar ou comentar algumas piadas. Porém, no decorrer das entrevistas, eles se mostraram engajados no procedimento, não havendo necessidade de lhes explicar ou questionar algo a respeito da piada a todo o momento. Eles mesmos, depois de ouvirem a piada, comentavam e explicavam o efeito chistoso de cada uma das piadas apresentadas.

Um aspecto relevante que diferenciou a maneira como os sujeitos não-afásicos reagiram às piadas foram os distintos conhecimentos lingüístico-culturais, pois, alguns sujeitos apresentaram dificuldades na explicitação do efeito humorístico de determinadas piadas em função do pouco contato com esse tipo de texto, constituído de determinados fatores (tais como situacionalidade, intertextualidade, conhecimento enciclopédico e partilhado, informatividade *etc.*) relativos ao conhecimento lingüístico-cultural exigido para justificar, exemplificar, argumentar, explicar *etc.* Nestes momentos foi necessário, portanto, comentar conjuntamente a piada com o sujeito – situação na qual os sentidos vão se explicitando - para que ela fosse compreendida.

Descrição neurolingüística dos sujeitos afásicos

1. Sujeito NS

É uma senhora brasileira, destra, nascida em dezembro de 1959 no interior de São Paulo. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental, e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Segundo anotações encontradas em arquivo do CCA, teve derrame em 14/03/2001. Antes de ter o AVC trabalhava como empregada doméstica e faxineira. É casada, tem duas filhas e três netos.

De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural. NS apresenta ainda um déficit motor à direita.

Em termos neurolingüísticos, caracterizam o quadro afásico de NS, dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

2. Sujeito MH

Brasileira, destra, nascida em 1959, separada, tem uma filha. Coursou o segundo grau, era contadora/caixa. MH sofreu AVC isquêmico em julho de 2004 e, de acordo com prontuário médico, apresenta como seqüela hemiparesia espástica à direita, afasia motora e síndrome piramidal à direita. Quanto à linguagem, logo após o AVC, MH apresentava dificuldade de repetição e de evocação de palavras, com compreensão preservada. Como queixa principal, MH à época referia dificuldade de encontrar as palavras e fala lentificada.

3. Sujeito MN

É uma senhora portuguesa, destra, nascida em setembro de 1927, viúva, dona de casa, com dois filhos.

Em junho de 1999 MN apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia completa, à direita, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com exame neurológico, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias.

4. Sujeito MG

É uma senhora brasileira, destra, nascida em abril de 1948, solteira, agente de turismo já aposentada, com curso de contabilidade. Em 31/12/1999, de acordo com o exame de tomografia computadorizada de crânio, MG sofreu um AVC que atingiu a região têmporo-parietal à esquerda. No exame, foram reveladas: seqüelas de AVC isquêmico lacunar na região sub-cortical de transição têmporo-parietal à direita, de que resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita, apraxia oro-facial e dispraxia construcional, bem como seqüelas de AVC isquêmico no tálamo e no lobo frontal.

Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de abundantes parafasias (fonológicas, em especial). MG apresenta um quadro afásico de predomínio motor, fazendo com que sua produção verbal seja muitas vezes laboriosa, com perseveração e produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). Embora proceda a operações epilingüísticas, por vezes, MG demonstrou, em seu quadro inicial, dificuldades de proceder a processos inferenciais.

5. Sujeito MS

É um senhor brasileiro, destro, nascido em janeiro de 1946. Atuou como jornalista e ator de teatro. Na época do AVC era professor de inglês em curso pré-vestibular. MS frequenta cinemas, teatros e apresentações musicais e costuma viajar com frequência, inclusive para o exterior.

Após o AVC, MS apresenta, como seqüela, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foi diagnosticado: afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia D com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski, à direita).

Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, os mais variados gêneros textuais; após o evento neurológico, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além de hemiparesia à direita.

Comentários gerais sobre o desempenho dos sujeitos afásicos (NS, MH, MN, MG, MS)

A maneira de os sujeitos ouvirem e manipularem enunciativamente as piadas foi diferente, em relação aos contextos espontâneos, pois eles sabiam que teriam que comentá-las ou explicá-las posteriormente. Na maioria das vezes, os sujeitos, para melhor compreensão, pediam para que a investigadora as recontasse. Alguns nada diziam depois de ouvir as piadas, mas, quase sempre, houve uma espécie de processamento lingüístico-cognitivo por parte dos sujeitos, dando a perceber todo um trabalho interpretativo no qual eles se lançavam para compreender e tratar o material chistoso.

Um fator que interferiu na maneira de os sujeitos se portarem foi a “situação de teste” que o procedimento metodológico inevitavelmente evoca, já que foram interpelados a todo o momento para explicar a piada. Apesar de termos feito o possível para minimizar essa situação, dando-lhes tanto quanto possível todas as informações e criando um contexto interativo “distenso”, houve ainda assim uma certa tensão em alguns momentos, devido à inibição – os sujeitos não conheciam previamente a investigadora, por exemplo – como também problemas de compreensão ou desconhecimento de determinados aspectos (conhecimento metalingüístico, conhecimento de mundo, reconhecimento de implícitos ou regras culturais *etc.*) importantes para a compreensão da piada, que pode ter interferido na sua interpretação.

Uma outra variável que vale ressaltar diz respeito aos quadros afásicos dos sujeitos da pesquisa; tentamos selecionar aqueles com quadros diferenciados, mais fluentes e menos fluentes. Os sujeitos com problemas de fluência, geralmente, apresentam agramatismos, sintagmas isolados, supressão de elementos lingüísticos, porém não apresentam problemas de compreensão. Já os sujeitos mais fluentes apresentam maiores dificuldades em relação a processos semânticos, ao sentido implícito; em sua fala apresentam, geralmente, perífrases, circunlóquios, digressões *etc.*, mas não possuem um impedimento fono-articulatório e não apresentam alterações fonético-fonológicas ou morfológicas.

Por esse motivo, a maneira como reagiram depois de ouvir a piada foi diferente: uns comentavam mais, exemplificavam seu ponto de vista *etc.*; outros não falavam muito, não respondiam sempre as questões levantadas pela investigadora, o que demandava de nossa

parte maiores explicações, reformulações ou comentários a respeito das piadas.

Os sujeitos também tiveram que lidar com as diferenças entre as adivinhas e as piadas. Na maioria das vezes, a pesquisadora anunciava que iria contar uma adivinha. Alguns sujeitos compreenderam o “jogo” que ela estabelece, sendo a participação do interlocutor de fundamental importância, pois deve dar uma resposta, ou afirmar que não sabe. Alguns outros sujeitos não seguiram esse ritual, pareciam realmente tentar descobrir uma resposta “lógica” e/ou não tinham uma expectativa em relação à resposta correta da adivinha para o efeito chistoso.

Vale ainda salientar que, depois de ouvirem as piadas, os sujeitos riram, fizeram comentários, críticas do que ali percebiam veiculado *etc.* Tudo isso faz parte da elaboração dos processos meta, pois refletiram, questionaram e reformularam o texto original.

A seguir, apresentamos **quadros comparativos** relativos aos dados obtidos num dos contextos de aplicação do Protocolo, isto é, aquele relativo aos sujeitos afásicos.

Quadro 1 – Necessidade de repetição da piada por parte da investigadora.

	Piada 1	Piada 2	Piada 3	Piada 4	Piada 5	Piada 6	Piada 7
NS	X	X	X		X	X	X
MH	X		X	X	X	X	X
MN	X			X			X
MG				X			
MS		X					

No quadro 1, observamos que a maioria dos sujeitos afásicos pediu que a investigadora recontasse as piadas. Dessa maneira, puderam compreendê-la melhor e organizar seus aspectos mais importantes, pois sabiam que deveriam explicitá-los depois de ouvir a piada.

Quadro 2 – Sujeitos que optaram por também ler as piadas contadas pela investigadora.

	Piada 1	Piada 2	Piada 3	Piada 4	Piada 5	Piada 6	Piada 7
NS							
MH							
MN	X			X	X	X	X
MG	X						
MS							

No quadro 2, observamos que MN é a única que opta pela leitura de quase todas as piadas. Isso ocorreu porque, no grupo, ela é a que tem maior facilidade e disposição para ler, promovendo um melhor entendimento das piadas.

Quadro 3 – Ocorrência do riso em relação à investigadora: se o sujeito riu, em que momento **(a)** antes, **(d)** depois ou **(s)** simultaneamente a ela.

	Piada 1			Piada 2			Piada 3			Piada 4			Piada 5			Piada 6			Piada 7		
	a	s	d	a	s	d	a	s	d	a	s	d	a	s	d	a	s	d	a	s	d
NS	X									X					X					X	
MH				X			X						X			X			X		
MN				X			X						X			X					
MG	X			X			X			X			X			X			X		
MS	X							X										X			

O quadro 3 trata da ocorrência do riso. Observamos que a maioria dos sujeitos riu antes da investigadora, o que caracteriza que os sujeitos realmente entenderam a piada e acharam graça, ou que simplesmente compreenderam o caráter textual da piada, reconhecendo o *punchline*, não se deixando influenciar pela investigadora.

Quadro 4 – Ocorrência do riso em relação à piada: o sujeito riu logo após ouvir a piada, **(c)** no começo; **(m)** no meio da explicação ou comentário a respeito da piada; ou **(f)** ao final da explicação.

	Piada 1			Piada 2			Piada 3			Piada 4			Piada 5			Piada 6			Piada 7		
	c	m	f	c	m	f	c	m	f	c	m	f	c	m	f	c	m	f	c	m	f
NS			X	X		X					X	X									X
MH				X				X					X	X	X		X				X
MN				X			X						X	X		X					
MG	X				X				X			X	X		X	X		X	X		X
MS	X	X					X											X			

Ao final de cada piada, a investigadora pedia que os sujeitos explicassem o efeito chistoso da piada, ou fazia algum comentário ou pergunta a ela relacionada, tentando de alguma maneira explicitar seu efeito humorístico. O quadro 4 mostra a ocorrência do riso em relação a essas explicitações. Observamos que os sujeitos riram logo após ouvir a piada, o que caracteriza que a compreenderam e a reconheceram como tal. A ocorrência do riso no meio do comentário ou explicação da investigadora foi realizada poucas vezes, geralmente, ao final da explicação, o que evidencia que os comentários, explicações, explicitações feitos pela investigadora ajudaram na compreensão das piadas.

Quadro 5 – Dificuldade de manipulação enunciativa (expressiva e interpretativa) da piada, por um conjunto de fatores: **(meta)** dificuldades de ordem metalingüística, como, por exemplo, reconhecimento do significado de palavras, nomeação, acesso lexical; **(ind)** dificuldades com sentido mais indireto dos enunciados, como metáfora, implícitos, subentendidos *etc.*

	Piada 1		Piada 2		Piada 3		Piada 4		Piada 5		Piada 6		Piada 7	
	meta	ind	meta	ind	meta	ind	meta	ind	meta	ind	meta	ind	meta	ind
NS				X								X		
MH	X													
MN								X						
MG														
MS						X								

A partir do quadro 5, observamos que, com exceção da piada 1, as dificuldades encontradas nas piadas foram as relativas aos sentidos indiretos. Os sujeitos NS, MS, MN foram os que apresentaram um grau maior de dificuldade para interpretar certas piadas.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

Comentários gerais do desempenho dos sujeitos (afásicos e não-afásicos) em relação a cada uma das piadas integrantes do Protocolo de Estudos

Piada 1

Esta piada se mostrou uma das mais complicadas, pois envolve uma complexidade que tem relação com as diferenças lingüístico-culturais inerentes à história de cada sujeito. Sua interpretação exige que o sujeito conheça questões relativas ao conhecimento da gramática, mais especificamente, a respeito do gênero feminino e masculino e do significado da palavra *vácuo*.

Sujeitos afásicos:

Observamos que a dificuldade que os sujeitos afásicos apresentaram foi mais uma questão metalingüística, do desconhecimento específico da palavra *vácuo*, do que relativa à complexidade fonético-fonológica que a palavra evoca; vejamos, a propósito, os exemplos a seguir:

(01)

CD-então o que...o que que é *vácuo*?

NS-vacu?...vaco...vaco...vaco...

(02)

CD-o que que é *vácuo*?

MH-*vácuo*...((balança a cabeça negativamente))

CD-tem a vaca...aí ela foi se encontrar com o *vácuo*

MH-o que que é *vácuo*?...mas eu não entendo

(03)

CD-por quê?...o que que é o vácuo?...que que significa vácuo?

MG-vaco...pré...pra...mulher do vaco

Sujeitos não-afásicos:

Para alguns sujeitos não-afásicos, os quais apresentam o conhecimento enciclopédico relativo ao significado da palavra *vácuo*, a piada 1 não se apresentou como um problema:

(04)

PD-ah...por que que essa piada é engraçada?

CD-é

PD-porque é um trocadilho né?

CD-hum hum

PD-entre vaca e vácuo...que é...é a falta...ausência...falta de gravidade...de ar...de gravidade

(05)

CD-e aí...o que é engraçado nessa piada?

HP-o engraçado?...é o ...o engraçado é a semelhança da...do nome vaca com vacUO

Piada 2

Nesta piada, a maioria dos sujeitos (afásicos e não-afásicos) conseguiu compreender a saliência do componente fonológico, criado pela diferença de acento e o elemento morfológico, realizado com a segmentação da palavra; além disso, os sujeitos acionaram o conhecimento de mundo a respeito do carpinteiro e seu trabalho.

Sujeitos afásicos:

(06)

CD-então a criança adora a mamadeira e o carpinteiro não gosta...detesta a má madeira

[MN-madeira...mamadeira...dá na mesma...ma-ma-deira ...é a mesma coisa...é a mesma coisa

(...)

CD-mas...é outra palavra....outro significado...qual é o significado...da primeira?...adora uma mamadeira...o que é a mamadeira?

MN-a mamadeira é mamar..é mamar

CD-é...e a má madeira...do carpinteiro?

MN-...(5s)... é mamadeira...é a madeira ruim

CD-isso

MN- é madeira....ruim pra trabalhar

(07)

MG- o ...ca...

CD-carpinteiro

MG-trabalha...faz...faz...((gesto indicando a mesa e os armários))

CD-móvel

MG-movél

Sujeitos não-afásicos:

(08)

CD-a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira

ML-ah...hum hum...ta explicado né?...uma madeira ruim...uma má madeira

(09)

JJ-ah...má madeira...mãmadeira agora que eu entendi...mãmadeira...e ele a má madeira

Somente um dos sujeitos afásicos e um não-afásico parecem não ter compreendido a questão morfo-fonológica evocada pela expressão *má madeira*:

Sujeito afásico:

(10)

CD-então...o que que é a má madeira

NS-mamadeira?...mamadeira é mamar

CD-isso...da criança...de mamar...mamar o leite...e o carpinteiro?

NS-é...não gosta mamadeira

CD-então é má madeira

[NS- má madeira...má madeira ...ah...má madeira é...ai...como chama?...esqueci...ai...((leva as mãos ao rosto e abaixa a cabeça))

CD-a madeira...o que que é a má madeira

NS-mamadeira

CD-a madeira

NS-mamadeira...o homem não gosta de mamadeira...ele gosta é....carpinteiro...neném...é menina...mulher...não sei...gosta mamadeira...mamadeira é chupar a mamadeira

CD-isso...já o carpinteiro é má madeira...é a madeira ruim...ele não gosta de trabalhar com a madeira ruim...com a MÁ madeira...a madeira que é ruim

Sujeito não-afásico:

(11)

AF- que a criança ama uma mamadeira e o carpinteiro...é...não ama a mamadeira

CD-é

AF-não ama a mamadeira

CD-o senhor entendeu?

AF-é entendi

CD- a má madeira

AF- a má madeira

CD- que é a madeira ruim

AF- a madeira ruim..é a ma madeira

CD-a má madeira

AF-a má madeira éentão eu não tinha observado isso

Piada 3

A maioria dos sujeitos conseguiu perceber a similaridade da frase *O que você vai fazer quando for grandona como a titia?*, com o enunciado já cristalizado em nossa cultura, *O que você vai fazer quando crescer?*:

Sujeitos afásicos:

(12)

NS-ah...que nem...eu penso...eu penso...o Vitor...Vitor é
neto...Vitor...ce...ce...pequeno...um dia ce vai...ce vai...é....grande...o que?...o que ce
vai...é...aí...vai...vou trabalhar

Sujeitos não-afásicos:

(13)

AF-(...) bom...tem uma coisa...bom eu não sei se aqui é uma piada porque aqui ela ta
comentando uma coisa que a filha tá perguntando...o que ela vai fazer quando ela fosse
ficar adulta

Os sujeitos perceberam também, que a palavra *grandona* significou, para Mariazinha (personagem da piada), *gorda*, a partir da inferência feita pela sua resposta, *um regime!*:

Sujeitos afásicos:

(14)

CD-então como que a tia deve ser?...pra ela ter respondido isso...um regime

MN-é...deve ser grande

CD-deve ser grande...((risos))...deve ser gorda...né?

MN-é

(15)

CD- a outra é assim...a tia ela vira pra Mariazinha e pergunta...Mariazinha o que você vai fazer quando for grandona como a titia?...aí ela responde...um regime↑

MG-ah...é...é...ce...ce...apo...ela...cheg...ela xingo...não↑...ela vai deixar...porque a outra é gigante ↑

-----→ ((gesto de uma pessoa gorda))

CD-gigante ((risos))

Sujeitos não-afásicos:

(16)

CD-o que ela quis dizer...quando ela perguntou...o que você vai fazer quando for grandona que nem a titia?...o que ela gostaria que a Mariazinha respondesse?

ML-ah...queria...quero ser igual a você

CD-é...pode ser

ML- pode ser...porque ela é gorda então ela já falou que ela ia fazer um regime...porque a tia com certeza é gorda e ela não queira ser igual a tia né

Piada 4

Alguns sujeitos perceberam que se tratava de um português, veiculando o estereótipo de que não entendem (daí o porquê da escolha adverbial errada, de causa por duração):

Sujeitos afásicos:

(17)

CD-vai ficar no máximo

MS-dois anos

CD-dois anos...que que ele entendeu

MS-((ri))...não...ah...Manuel...português

CD-portugues...que significa que ele não entendeu...que é burro

[MS- ((aponta a cabeça))

Sujeitos não-afásicos:

(18)

HP- (risos)...bem de português mesmo...ta então ele entendeu que era pra ficar quinze anos lá né?

Perceberam, também, que por *festa de quinze anos* o personagem entendeu o que seria a duração da festa, e não o tema da festa.

Sujeitos afásicos:

(19)

CD-aí ele fala assim...eu irei...mas ficarei no máximo dois anos

NS-dois anos...essa aqui quinze anos...quinze anos muito↑...essa aqui ((risos))

(20)

CD-porque ele achou...ele falou você vai a festa de quinze anos de minha filha?...que que o Manuel achou...que ele tava perguntando?...o que é uma festa de quinze anos?

MG-ah...são...uma... começa às dez e termina... às quatro

CD-isso...o normal seria assim

((MG balança a cabeça afirmativamente))

(...)

CD-agora ele achou o quê?...pra ele responder...vou ficar no máximo dois anos?

MG-ah...vou ficar um tiquinho só

----->

Sujeitos não-afásicos:

(21)

PD-quer que eu interprete né?...o ..o Manuel....o amigo do Manuel perguntou a ele se ele iria a festa de...de quinze anos da filha dele...então ele achou que a festa ia durar quinze anos

Já outros sujeitos não conseguiram compreender essa ambigüidade, gerada pela preposição *de*.

Sujeitos afásicos:

(22)

CD-ele entendeu que a festa ia durar quinze anos uma festa

MN-bom...mas é porque ele só tinha treze...então ele ia ficar...e depois...como ia ficar...ia ficar com quinze também

(23)

CD-não...ele falou que podia só ficar durante dois anos...na festa...como se a festa fosse durar mais que isso...por que ele fala assim...festa DE quinze anos

MH-eu não

CD-quinze anos...DE quinze anos

MH-não consigo

CD-por que quando ele fala isso...ele ta falando...sei lá...o nome da festa né?...mas o outro entendeu o que?...que ia durar quinze anos

MH-mas mesmo assim não deu pra entender

Sujeitos não-afásicos:

(24)

CD-não...ele ia só ficar na festa durante dois anos

JJ- durante dois anos

CD- SÓ durante dois anos

JJ-ah...então ele queria só quando ele tivesse dezessete anos...então...não né?

CD-não...ele ia ficar na festa...

JJ-ah

CD-ah é...quinze anos

JJ-é...com dezessete anos ele poderia ir na festa

CD-ele falou assim...festa DE quinze anos

Alguns sujeitos não compreenderam de imediato essa piada, precisaram de algum tempo para sua elaboração e comentário em conjunto com a pesquisadora para conseguir interpretar:

Sujeitos afásicos:

(25)

CD-então porque ele falou só posso ficar dois anos?...uma festa dura tanto tempo?

ML-não dura...festa só dura um dia

CD-por que que ele falou então...ah então eu só posso ficar dois anos

ML-...não entendi porque ele falou que só ia ficar dois anos...em Portugal...por causa do visto?

CD-não...ó...você vai a festa DE QUINZE ANOS?

ML-...festa de quinze anos?

CD-DE quinze anos

ML-então por que ele respondeu então que ia ficar dois anos...não entendi...(4s)...festa de quinze anos... ah...((risos))...ele achou que ia ficar quinze anos...((risos))

Sujeitos não-afásicos:

(26)

CD- aí ele perguntou você vai a festa de quinze anos de minha filha?... aí ele falou eu vou mas eu só posso ficar dois anos

AF-...então a festa...não compreendi

CD-não? por que ele falou que só podia ficar dois anos?

AF-por que...por..então

CD-por que quanto tempo dura uma festa de quinze anos?

AF- então eu num por que que ele falou?

CD- por que ele falou?... por que festa DE quinze anos

AF-(...)

CD- ele entendeu errado

[AF- aaah... ele entendeu que a festa ia ser QUINZE ANOS de festa e ele só pode ficar dois anos?...ah...vai tomar banho

((risos))

Piada 5

Esta piada se mostrou como uma das que mais fácil ou prontamente foi identificada, do ponto de vista do sentido, pelos sujeitos, já que todos conseguiram compreendê-la. Ela evoca determinados aspectos pragmáticos e exigiu que os sujeitos explicitassem a violação de regras conversacionais a respeito da etiqueta e da boa educação. Isso foi demonstrado pelos sujeitos quando enunciaram o que normalmente se diz neste tipo de situação discursiva.

Sujeitos afásicos:

(27)

CD-aí a mãe pergunta pra filha...que que a gente fala quando a visita ta indo embora?...aí a filhinha...graças a Deus↑

NS-aí a mãe não pode...ah...eu penso...ah...ta cedo...eu penso...ta cedo↑

(28)

CD- por que que ele respondeu isso?...o que a senhora acha?

MN-já estava cheio dela

CD-((risos))...só que...ninguém diz isso pra visita né?...pode até ta...ta cheio...mas

MN-é

CD-uma questão de educação né?

MN-mas ele...ele tinha coragem de falar

Sujeitos não-afásicos:

(29)

CD-aí a mãe querendo educar a filha...então filha o que a gente diz né...pra visita?

ML-não...nós vamos embora...ainda é cedo...fica mais...

CD-aí ela graças a Deus

ML-aí ela deu graças a Deus porque a visita era sacal né?...((risos))

(30)

CD-porque normalmente como que a gente fala assim...a visita tá indo embora da sua casa...que que a gente fala né

JJ- a gente fala tá cedo né?

CD-é...tá cedo...fica mais um pouco

JJ-aí ...as vezes ele ouviu a mãe falando graças a Deus...né

CD-é ((risos))

JJ-porque as vezes ele viu a mãe falando graças a Deus...né?...pode ser que foi também...ela ter falado...aí ele achou que era assim também né

Piada 6

Todos os sujeitos não-afásicos e a maioria dos afásicos conseguiram interpretar a piada; fizeram comentários a respeito da relação amorosa dos personagens, mostraram que o marido achou bom a mulher ter fugido, evidenciando fatores sócio-culturais e pré-construídos aí veiculados na forma de estereótipos:

Sujeitos afásicos:

(31)

MG-ah...ele...graças a deus que foi embora... e ficou só o colega ((risos))

(32)

MS-é...dupla interpretação

(...)

CD-ah...tá↑ entendi...dupla interpretação...sim...porque ele fala é o meu melhor amigo

MS-é

CD-então você acha que é o amigo dele...quem que é esse seu melhor amigo?...nossa↑

[**MS-** maravilha↑

CD-por que que ele respondeu isso?...que ele se tornou o melhor amigo...agora ele é o melhor amigo

MS-não...é...agora...((gesto de positivo))...maravilha

CD-como era o relacionamento do casal?

MS-péssimo...péssimo

Sujeitos não-afásicos:

(33)

PD-hum...então...é...aí o indivíduo...é...achou bom que o cara levou a mulher dele

(34)

CD-como era então...com a mulher dele...a relação?...pra ele falar isso...ele gostava da mulher dele?

JJ-péssima...ah...não era boa a relação dele

(35)

HP-((risos))...queria ver a mulher longe...

(36)

AF-...daí ele falou ...puxa quem é esse cara né...que fez isso né...aí ele falou que num sabia né...digo...mas considerava ele agora o melhor amigo daqui pra frente porque a mulher.... não era fácil né?

Poucos **sujeitos afásicos** não conseguiram interpretar esta piada:

(37)

NS-a mulher foi embora tal...é amigo...não gosta...ele gos...ai como chama?...amigo sabe?...ai

CD-conhecido?...não?

NS-conhecido...conversando aqui...a mulher foi embora tal...eu não conheço

CD-isso

NS-a moça....também não conheço...ele não gosta...é gosta....ele gosta...não...é...fugiu...ai como chama...é ami...como chama....é amigo...amigo...amigo

CD-é mas ele não sabe quem é

NS-não sabe...não sabe....mas conhece....conhece

Piada 7

Alguns sujeitos não conseguiram interpretar a piada de imediato, só o fizeram depois de algumas explicações, elaborações e comentários, em conjunto, a respeito da piada. Tanto sujeitos afásicos como não afásicos interpretaram somente parte da piada, sem entendê-la completamente, pois evidenciaram que os personagens namoraram por vinte anos e depois que casaram ficaram infelizes; e não o correto, que eram felizes separados. Os sujeitos perceberam os elementos pré-construídos, por meio dos quais se veicula a idéia de que as pessoas acabam tornando-se infelizes com o casamento.

Sujeitos afásicos:

(38)

NS-ah...depois que...ah...eu penso...vinte anos...solteiro...gosta...depois casou...não gosta...eu penso

(39)

CD-é...não foram mais amigos...não foram mais felizes...então quando que eles eram felizes?

MN-quando eram solteiros

(...)

MN-foram solteiros enquanto não tavam ca...foram amigos enquanto não se conheciam...depois casaram...e não foram mais amigos

(40)

MG-é...ele casou...e continuou aquela mesma porcaria...((risos))...aquela mesma coisa...num...sa...sabe...casou e ficou aquele negócio...ele pego...passou...ai

-----→ ((gesto de circularidade))

CD-por que quando que eles foram felizes...por vinte anos?

MG-quando eles...antes deles...antes de

CD-antes de?

MG-de casar

CD-antes de casar...de conhecer...até né?

Sujeitos não-afásicos:

(41)

ML-um amigo...namoraram vinte anos

CD-não...ele falou assim pro amigo...eu e minha mulher

[ML-ah

CD-fomos felizes por vinte anos

ML-hum

CD-aí o amigo...ah ta..foram felizes...e o que aconteceu então?...a gente se conheceu e se casou

(...)

ML-se conheceu e casou...e ficou ruim?

CD-hum hum

((risos))

ML-tava bom enquanto era...namorava só né?

(42)

HP-ele ficou conhecendo a mulher durante vinte anos pra se casar?...((risos))

CD-não

(...)

CD-ó...eu e minha mulher fomos felizes por vinte anos

HP-sim...aí depois de vinte anos casou

[CD- aí o que aconteceu?...a gente se conheceu...e se casou

HP-então...se conheceu depois de vinte anos e se casou...mas não era feliz

CD-é

HP-((risos))

CD-mas não que ele ficou...eles eram solteiros...tinham vinte anos

HP-mas viviam juntos

CD-não...eram solteiros...por vinte anos

HP-hum

CD-aí eles se conheceram...e se casaram...entendeu?

HP- hum hum...eles eram felizes separados?

CD-é

HP-ah...depois que casaram

(...)

CD-é porque quando ele fala assim...eu e minha mulher fomos felizes por vinte anos...
parece que

HP-foram juntos né?

CD-foram juntos

HP-foram felizes juntos

CD-por vinte anos

HP-mas na verdade...((risos))...depois que casou...legal

(43)

AF-hum...((risos)) ...quando ele casou ficaram inimigos

(...)

AF- por vinte anos mas não tava casado aí casou depois que casou acabou a felicidade

Resultados gerais de cada sujeito afásico em relação à interpretação das piadas

1. Sujeito NS

Na **Piada 1** NS mostrou que reconheceu seus efeitos de sentido ao comparar a palavra vácuo com boi: “*vácuo...então vácuo...não é boi é...não é boi...é diferente né?*” Quando a investigadora tenta mostrar a diferença fônica existente entre “vaco” e “vácuo”, NS parece não ter o conhecimento do significado da palavra vácuo, embora tenha compreendido a chave humorística comparando “vaco” e “boi”.

Na **Piada 2** NS entende o significado de mamadeira, mostra conhecimento de que o bebê gosta da mamadeira, mas não consegue interpretar o significado de má madeira:

NS-má madeira...má madeira ...ah...má madeira é....ai...como chama?...esqueci...ai...((leva as mãos ao rosto e abaixa a cabeça))

CD-a madeira...o que que é a má madeira

NS-mamadeira

CD-a madeira

NS-mamadeira...o homem não gosta de mamadeira...ele gosta é.... carpinteiro...neném...é menina...mulher...não sei...gosta mamadeira...mamadeira é chupar a mamadeira

CD-isso...já o carpinteiro é má madeira...é a madeira ruim...ele não gosta de trabalhar com a madeira ruim...com a MÁ madeira...a madeira que é ruim

Após explicação da investigadora a respeito de que o carpinteiro trabalha com a madeira e por isso não gosta da madeira ruim, NS aceita a interpretação, mas não expressa mais nenhum comentário. Nesse sentido, não fica totalmente claro se NS entendeu ou não o sentido expresso na piada.

Na **Piada 3** NS expressa sua interpretação fazendo uso de exemplificações: “*ah...que nem...eu penso...eu penso...o Vitor...Vitor é neto...Vitor...ce...ce...pequeno...um dia ce vai...ce vai...é...grande...o que? ...o que ce vai...é...aí...vai...vou trabalhar*”. NS tenta explicar, por meio de exemplos pessoais, a conversa que, normalmente, tem com seu neto, realizando a comparação da questão inicial da piada, com a frase cristalizada em nossa cultura: “o que você vai fazer quando crescer?”. Ao final, em seus comentários em conjunto com a investigadora, parece ter entendido o sentido indireto da piada:

CD-é...então por que será que ela falou isso?

NS-ué não sei...pra... emagrecer...emagrecer...não sei emagrecer

(...)

NS-é parece que a menina...é...cresceu...vai é tia também...vai a titia também

CD-é também né?... porque a tia devia ser gorda né?

NS-é...então...bom eu penso né?

Na **Piada 4**, logo após a recontagem NS ri, mostrando que a piada apresenta uma incoerência, um absurdo: “*Nossa Senhora↑ ((risos))*”. Ao longo de sua interpretação mostra que entendeu a ambigüidade gerada a partir da fala do personagem da piada: “*dois anos...essa aqui quinze anos...quinze anos muito↑...essa aqui ((risos))*”.

Na **Piada 5** NS comenta a respeito da leis conversacionais e regras de etiqueta: “*aí a mãe não pode...ah...eu penso...ah...ta cedo...eu penso...ta cedo↑*”; “*é...dá vontade...dá vontade...mas não pode né...ta cedo↑*”. Mostra, portanto, que reconheceu o efeito humorístico da piada.

Na **Piada 6** NS demonstrou certa dificuldade para expressar sua interpretação. Tenta exemplificar seu ponto de vista ressaltando contextos de sua vida, mas não consegue explicar totalmente o efeito de humor da piada: “*Renato...Renato foi embora...tem outra...aí...eu a Gê...Gê...não conheço...ce conhece?... a Gê...não conheço...cê conhece?...não conheço...Renato é...foi embora é a Gê...ce conhece?...não conheço...é a Gê mesmo...eu penso né?...ce não conhece?... não conheço...também não conheço...mas eu penso que conhece....depois vai conhecer...conhecer é a Ge*”. Após sua tentativa de exemplificação, foi importante a co-construção do sentido, isto é, a explicitação dos efeitos de sentido da piada, por parte da investigadora.

Na **Piada 7** NS mostrou em seus comentários que reconheceu pressupostos e implícitos culturais envolvidos na piada: *“ah...depois que...ah...eu penso...vinte anos...solteiro...gosta...depois casou...não gosta...eu penso”*.

Em suma, ao interpretar as piadas, NS compreendeu a maioria delas; lançou mão de exemplos em que fala de suas experiências pessoais, contextualizando e reconhecendo implícitos culturais, leis conversacionais e questões semântico-pragmáticas. Porém, ao tentar interpretar as piadas 2 e 6, apresentou algumas dificuldades próprias de afasia do tipo expressiva, isto é, consegue compreender a piada, porém apresenta dificuldade de acesso lexical, fala tipo telegráfica, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos – o que acaba implicando uma dificuldade de falar sobre a piada, explicá-la ou comentá-la.

2. Sujeito MH

Na **piada 1** a maior dificuldade de MH foi causada pelo não conhecimento da palavra vácuo: *“o que que é vácuo?...mas eu não entendo”*. Depois dos comentários e explicações por parte da investigadora, MH parece ter compreendido os efeitos de sentido da piada.

Na **piada 2** MH parece ter compreendido de imediato a diferença na segmentação e no acento entre mamadeira e má madeira:

MH-*ah...((risos))*

CD-*((risos))*

MH-*a má madeira*

CD-*isso...a criança...a mamadeira...e o carpinteiro...a má madeira*

[MH- *madeira ((risos))*

Na **piada 3** MH não se expressa muito, faz poucos comentários a respeito da piada, mas parece ter compreendido o efeito humorístico ao reagir afirmativamente às questões levantadas pela investigadora.

CD-*porque a tia que fala né?...o que você vai fazer... - quer ler? - ...quando for grandona que nem a titia...então a tia que ta perguntando...quando for grandona igual a titia*

MH-é...((lendo))... ”vai ficar quando for grandona como a titia...um regime” ((risos))

CD-então...provavelmente a tia era gorda...sei lá

MH-é ((risos))

Na **piada 4**, MH logo de imediato mostra sua incompreensão: “*ãh?...essa aí eu não sei não*”. Ao longo da entrevista, numa construção conjunta com a investigadora, MH ainda dava sinais de que apresentava dificuldades: “*não consigo*”; “*mas mesmo assim não deu pra entender*”. Ao final, no momento em que a investigadora explica a chave humorística da piada, MH parece conseguir entender a piada:

CD-por que o que respondeu que ia ficar no máximo dois anos...pensou que a festa ia durar quinze anos

MH-ah tá

Na **piada 5** MH reconhece a presença de leis conversacionais e regras de etiqueta: “*esse aí já...falou já...((risos))*”, demonstrando assim, que compreendeu o efeito de sentido da piada.

CD- porque normalmente a gente fala...normalmente a gente fala o quê pra visita?...ah...fica mais...

MH-é

CD-que mais?...o que a gente poderia dizer pra visita?

MH-...(5s)...aí

CD-já vai...ta cedo

MH-é

CD-não é assim?

MH-esse aí já...falou já...((risos))

Na **piada 6** MH faz comentários a respeito dos implícitos culturais evocados na piada, demonstrando o reconhecimento de seu efeito humorístico:

CD-do marido da mulher que fugiu...como que é esse casamento deles?

MH-não vale nada

Na **piada 7** demonstra sua incompreensão: “*essa eu não consigo não*”; “*esse é...porque eu não entendi nada ainda*”. Após explicitações por parte da investigadora MH parece compreender: “*ah sei...((risos))*”.

Em geral, MH compreende a maioria das piadas com a ajuda da investigadora, porém, apresentou dificuldades para se expressar. Por esse motivo, muitas vezes, fez uso de repetições das principais partes da piada para interpretá-la, ou seja, recontou o momento da “chave” humorística da piada, evidenciando que reconheceu em que momento da piada o efeito humorístico se deu. Também apresenta afasia do tipo expressiva, já que parece compreender a maioria das piadas, porém tem dificuldade para evocar as palavras.

3. Sujeito MN

Na **piada 1** MN entende a comparação estabelecida entre “vaca” e “vaco”, compreendendo a “chave” humorística da piada:

CD-é...((risos))..porque...vaca ((faz um gesto de parecido)).

MN-e vaco

CD-e vaco...é como se fosse o masculino...porque na verdade...qual seria o certo da gente falar

MN-é boi

Na **piada 2** também reconhece o sentido da piada, evidenciando a segmentação da palavra: “*madeira...mamadeira...dá na mesma...ma-ma-deira ...é a mesma coisa...é a mesma coisa*”. Mostra também que reconhece o significado das duas expressões “mamadeira” e “má madeira”.

Na **piada 3** MN também evidencia que compreendeu o efeito de sentido da piada ao dizer: “*é...deve ser grande*”; evidenciando a ambigüidade gerada pela palavras “grande”, que no sentido da piada significou “gorda”.

Na **piada 4** MN apresentou dificuldades para interpretar a piada:

CD-não...era festa de quinze anos...ele tava fazendo quinze anos...era aniversário de quinze anos...né?

MN-hum

CD-ai ele chama de festa de quinze anos

MN-mas e só ia ficar dois anos

CD-ia ficar no máximo dois anos

MN-é porque ele só tinha treze

CD-não

Mesmo após os comentários e explicações da investigadora, não é possível dizer que MN compreende a piada, pois, ao final diz: *“eu não sei...não sei dizer não”*.

Na **piada 5** MN reconhece a presença de leis conversacionais e regras de etiqueta, fazendo alguns comentários, e demonstrando, portanto, o entendimento da piada: *“ah...volta sempre...vai embora tão cedo”; “já estava cheio dela”*.

Na **piada 6** MN demonstra que reconheceu o efeito humorístico, explicando a piada: *“é porque ele (bom) ↓ porque ele andava com ela ...((risos))”*.

Na **piada 7** MN reconhece pressupostos e implícitos culturais e consegue interpretar a “chave” humorística da piada: *“foram solteiros enquanto não tavam ca...foram amigos enquanto não se conheciam...depois casaram...e não foram mais amigos”*.

MN não apresentou muitas dificuldades para compreender as piadas; consegue, portanto, interpretar a maioria delas, explicando, comentando seus sentidos indiretos.

4. Sujeito MG

Na **piada 1** MG demonstrou ter compreendido a relação entre vaca e vaco, comparando as duas palavras: *“vaco...pré...pra...mulher do vaco”*. Mas, no que diz respeito a palavra “vácuo”, MG não explica a relação, somente concorda com a investigadora:

CD-só que a piadinha é vácuo...que é parecido com vaco

MG-hum

CD-que vácuo significa o vazio... o ...né...que tem no espaço...por isso que a gente fala “por que foi pro espaço?”

MG-foi pro...foi pra

**-----→* ((aponta longe))*

Na **piada 2** MG compreende a segmentação estabelecida na piada e também entende o significado de “mamadeira” e “má madeira”.

CD-não...ele não gosta da má madeira

MG-ma-madeira

CD-porque o que que é a mamadeira da criança?

((MG faz o gesto de tomar a mamadeira))

(...)

MG-ele não gosta...ele não gosta de trabalhar com...má madeira

CD-isso...de trabalhar com a má madeira...porque ele trabalha com o que o carpinteiro?

MG-com madeira

Na **piada 3** MG explica o efeito humorístico da piada, mostrando que a personagem da piada era gorda:

“ah...é...é...ce...ce...apo...ela...cheg...ela xingo...não↑...ela vai deixar...porque a outra é gigante ↑

**-----* ((gesto de uma pessoa gorda))”.*

Na **piada 4** MG consegue interpretar a piada ao explicar o que é uma festa de quinze anos, explicitando sua duração: *“ah...são...uma... começa às dez e termina... às quatro”*; e evidenciando a fala do personagem, que disse que ia ficar só dois anos: *“ah...vou ficar um tiquinho só”*.

Na **piada 5** MG realiza uma paráfrase para explicar a fala da personagem e assim interpretar o efeito de sentido da piada: *“ela falou...ai...ainda bem que já foi embora”*. Evidencia também o reconhecimento de leis conversacionais envolvidas na piada: *“ah...foi um prazer te conhecer”*.

Na **piada 6** MG também consegue interpretar a piada, explicando-a:

MG-ah...ele...graças a deus que foi embora... e ficou só o colega ((risos))

CD-isso...((risos))...graças a Deus que a mulher foi embora

MG-é

CD-então não era amigo...mas

MG- tornou amigo

Na **piada 7** MG explica a piada:

CD-por que quando que eles foram felizes...por vinte anos?

MG-quando eles...antes deles...antes de

CD-antes de?

MG-de casar

Demonstra também ter entendido o efeito de sentido da piada ao falar da duração da festa, que dura um dia e não quinze anos.

Na **piada 5** MS comenta o que a personagem gostaria que o filho respondesse: “*ah...não...fica ((faz o gesto de um pouquinho com as mãos))*”, evidenciando o reconhecimento de leis conversacionais; e também repete a expressão final da piada: “*é...graças a Deus ((aponta para longe))*”, demonstrando sua compreensão.

Na **piada 6** MS interpreta a piada evidenciando seus efeitos de sentido: “*é...dupla interpretação*”; repete algumas palavras “chaves” para o efeito humorístico; “*não...é...agora...((gesto de positivo))...maravilha*”; e também comentando a respeito do relacionamento do casal: “*péssimo...péssimo*”.

Na **piada 7** MS apresentou algumas dificuldades para se expressar, porém com gestos demonstrou que reconheceu implícitos culturais a respeito do casamento e conseguiu explicar o sentido indireto veiculado na piada:

CD-a sim...quando casou...aí já

MS-isso

CD-acabou a felicidade

MS-isso...isso

CD-então quando ele fala...nós fomos verdadeiramente felizes por vinte anos....foi

MS-((gesto de acabar))

CD-antes...de

MS-antes de ter casado

Em suma, MS, embora apresente dificuldades para se expressar, consegue interpretar a maioria das piadas, fazendo uso dos aspectos não-verbais, como gestos, expressões faciais *etc.*, e, também, evidenciando palavras-chaves para a compreensão das piadas.

Aspectos lingüístico-interpretativos observados nos dados

1. A interpretação como uma questão sócio-cognitiva

A interpretação, segundo Rosas (2002), constitui elemento chave na decodificação da linguagem humorística. Para ela, quando entra em cena a questão da produção do sentido, automaticamente entra em jogo a da interpretação. A autora admite que a interpretação é condicionada por contingências culturais, econômicas, sociais, ideológicas, históricas *etc.*; fatores que estão em constante mudança e que fazem parte de comunidades interpretativas, baseadas em sistemas de valores, costumes e comportamentos, em que as normas ou incongruências humorísticas podem variar. A autora mostra que, na interpretação, texto, contexto e interpretação emergem de uma só vez, portanto, o receptor (assim como o intérprete ou tradutor) precisa dispor de informações lingüísticas e culturais suficientes para saber por que um determinado enunciado poderia ser considerado engraçado.

De acordo com Morato (1997), a construção do sentido, numa perspectiva enunciativa que põe em relação linguagem e cognição, não se dá de maneira absolutamente subjetivada, administrada pelo indivíduo e seu cérebro. A autora apresenta diversos fatores em jogo na tarefa de significar e compreender o real: as propriedades da língua, da cognição e do inconsciente; a qualidade das interações humanas; as condições materiais de vida em sociedade; o valor intersubjetivo da linguagem; os diferentes universos discursivos, sistemas de referência cultural, que orientam nossas ações; as normas pragmáticas que presidem a utilização da linguagem; os diferentes contextos lingüístico-cognitivos nos quais as significações são produzidas.

Segundo Morato, a significação tem a ver reciprocamente com a comunicação; pois é ela que nos indica que o sujeito tem algo a dizer, ou mostrar; “a significação nos indica que o sujeito mostra explícita ou implicitamente a maneira pela qual ele corre o risco de interpretar e ser interpretado, de representar ou dar ‘representabilidade’ às coisas do mundo” (p. 31).

Morato afirma ainda que não há compreensão sem o risco da interpretação; nesse sentido, a compreensão é vista, pela autora, como “prática no mundo”, já que também diz respeito ao reconhecimento de intenções postuladas ou pretendidas, sendo necessária para que a comunicação se dê (ou não) por parte dos interlocutores. Portanto, a partir dessas reflexões, consideramos para esta pesquisa que a compreensão diz respeito, a um só tempo, a um saber lingüístico, à atribuição de sentido, ao reconhecimento de intenções, a um saber pragmático (aspectos sócio-culturais, interativos, afetivos, contextuais).

2. Explicação

De acordo com Veneziano e Hudelot (2002), a categoria de explicação, para ser implementada, necessita de uma questão ou algo que apresente um problema. Nesse sentido, a interrogação *por quê?* se apresenta fortemente no discurso explicativo, bem como outras questões do tipo *como?* e *O que é?* (apud DEL RÉ, 2003).

Del Ré (2003) ressalta que, para alguns outros pesquisadores, há muitos outros termos que podem ser entendidos ou interpretados como explicação, como as paráfrases, as definições *etc.* A explicação pode, também, ser reconhecida em comentários, argumentações (em que o enunciado conduz o interlocutor em direção a uma ou mais conclusões, é uma espécie de prova dada pelas pessoas para convencer e justificar as decisões tomadas em detrimento de outras) e justificações (em que o locutor deve fornecer um argumento em favor de uma posição, deve responder a pergunta *por que afirmar isso?*). Vale ainda assinalar que, segundo a autora, o discurso explicativo requer provas, debates e princípios, por isso não pode existir isoladamente, fora de seu contexto, ou seja, fora da situação que o determina.

Berthoud-Papandropolou, Favre e Veneziano (2003: p. 40-41) apontam três características que lhes parecem inerentes ao ato de explicar:

- a) a distinção e a relação existente entre *explanans* (aquilo que explica) e *explanandum* (aquilo que deve ser explicado). Considera-se o ato de explicação como um fenômeno interacional do qual o interlocutor identifica um *explanandum*, isto é, a presença de um acontecimento a

propósito do qual é preciso explicar o “porquê” a seu interlocutor e dá um *explanans*, isto é, a causa, a razão ou a justificação desse acontecimento;

b) o componente negativo dos atos de explicação, seja quando surge a necessidade de que algo deve ser explicado, ou quando surge uma dificuldade ou incapacidade, a explicação serve de justificação;

c) a dimensão pragmática dos atos de explicação, ou seja, o modo como o falante considera o outro em suas explicações.

Essas características são capazes de distinguir eventuais mecanismos comuns na construção das explicações. Observam-se, a seguir, alguns exemplos que nos mostram como esses mecanismos se apresentaram nos dados de sujeitos afásicos e não-afásicos.

Sujeitos afásicos:

(44)

CD- a outra é assim...um sujeito encontra uma colega dele e desabafa...a minha mulher fugiu com meu melhor amigo...aí o outro responde...nossa...é mesmo?...quem é o cara?...quem é esse cara?...aí ele fala assim...não...também não sei...mas agora ele é o meu melhor amigo↑

MN-é porque ele (bom) porque ele andava com ela ...((risos))

CD-((risos))

MN- ele estava cheio dela...então

(45)

CD-um amigo chegou pro outro e falou...eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por vinte anos...aí ele fala assim...o outro responde...então...o que que aconteceu?...aí ele fala...bem...nós nos conhecemos e casamos↑

MG-é...ele casou...e continuou aquela mesma porcaria...((risos))...aquela mesma coisa...num...sa...sabe...casou e ficou aquele negócio...ele pego...passou...aí

***-----→* ((gesto de circularidade))**

CD-por que quando que eles foram felizes...por vinte anos?

MG-quando eles...antes deles...antes de

CD-antes de?

MG-de casar

CD-antes de casar...de conhecer...até né?

MG-é

Sujeitos não-afásicos:

(46)

CD-então...**por que que essa piada é engraçada?**

PD-ah...por que que essa piada é engraçada?

CD-é

PD-**porque é um trocadilho né?**

CD-hum hum

PD-entre vaca e vácuo...**que é...é a falta...ausência...falta de gravidade...de ar...de gravidade**

(47)

CD-certo...ah ta...você sabe a diferença entre uma criança e um carpinteiro?

(...)

ML-não

CD-a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira

ML-ah...hum hum...**ta explicado né?...uma madeira ruim...uma má madeira**

3. Fenômenos meta: inserções, reformulações, comentários, recontagens, repetições, paráfrases etc.

A partir da aplicação do Protocolo observamos, também, a presença de processos meta relativamente à linguagem (lingüísticos, enunciativos, pragmáticos, discursivos), pois

os sujeitos, na interpretação e manipulação das piadas, questionaram e reformularam o texto original, ou seja, produziram comentários, reformulações, recontagem, inserções *etc.*

As inserções, parafraseamentos retóricos, correções fazem parte, segundo Koch (2004), das estratégias metaformativas empregadas pelo interlocutor destinadas a atuar na organização do texto a fim de facilitar a compreensão dos enunciados.

De acordo com a autora, as inserções caracterizam-se pela macrofunção cognitivo-interativa de facilitar a compreensão dos parceiros, pelo acréscimo de elementos necessários para esse fim. O locutor poderá demandar explicações ou justificativas, pedindo, por exemplo, um esclarecimento do interlocutor; fazer alusão a um conhecimento prévio, que funciona como um pré-requisito para o pleno entendimento do assunto; apresentar ilustrações ou exemplificações. Além disso, o locutor poderá despertar ou manter o interesse do parceiro, criando uma cumplicidade. Para isso, utiliza estratégias como: formulações de questões retóricas e introdução de comentários chistosos.

A autora afirma que a repetição é uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade, que contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão, auxiliando nas atividades interativas. As repetições e parafraseamentos retóricos têm por principal função o reforço da argumentação. Além disso, podem ter a função cognitivo-interativa de facilitar a compreensão através da desaceleração do ritmo da fala, dando um tempo maior para o processamento do que será dito.

As correções ou reformulações decorrem da necessidade de o locutor solucionar dificuldades detectadas por ele mesmo ou pelos parceiros. Já as repetições e paráfrases podem ser heterocondicionadas, ou seja, provocadas pelo interlocutor. Os locutores realizam as correções interrompendo o quanto antes seu enunciado, para, então, apresentar a forma que se considera mais adequada; ou insere-se um *não*, e corrige-se a seguir. Os interlocutores podem, ainda, mostrar estranheza diante da expressão produzida pelo parceiro, ou sugerir explicitamente a correção.

O locutor pode, também, avaliar, corrigir, ajustar, comentar a forma do dizer, pode refletir sua enunciação, expressando sua posição, o grau de adesão, de conhecimento, atenuações, juízos de valor tanto em relação àquilo que está a dizer, como em relação a

outros ditos. Essas estratégias são denominadas por Koch (2004) como estratégias metadiscursivas, já que atuam no âmbito da própria atividade discursiva, evidenciando a propriedade auto-reflexiva da linguagem.

-COMENTÁRIOS:

Sujeitos afásicos:

(48)

CD-do marido da mulher que fugiu...como que é esse casamento deles?

MH-não vale nada

(49)

CD-é...agora tem a piadinha...tem a brincadeira...que é assim...eu vou contar...a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira

MN-((risos))

CD-((risos))

MN-olha↑

CD-essa a senhora gostou

MN-essa eu gostei

Sujeitos não-afásicos:

(50)

ML-é a visita ta na casa...e ela sai pra ir embora...né

CD-hum hum

ML-aí a filha...a mãe perguntou né...o que a gente fala pra visita quando a visita vai embora...graças a Deus...**não é bem isso né...fala vai com Deus**

CD-mas porque ela falou isso?

ML-a visita era chata

CD-um sujeito encontra com um colega e desabafa...puxa...minha mulher fugiu com meu melhor amigo...aí o cara fala indignado...nossa...jura...quem é o cara?...não sei também...mas agora ele é o meu melhor amigo↑

HP-((risos))...queria ver a mulher longe...

((risos))

HP-tava louco pra se livrar da mulher...essa é boa...legal ↑

-REFORMULAÇÕES:

Sujeitos afásicos:

(52)

CD-é...ainda é cedo...fica mais...aí a garota respondeu...graças a Deus

MN-a garota não...é o garoto ((aponta para o papel))

CD-é o garoto?

MN- “a visita está saindo...a mãe pergunta pro filho”

[CD- pergunta pro?... filho

MN-“que está por perto...e o que a gente diz quando a visita vai embora?...graças a Deus” ((risos))...ai...é

(53)

MG-e o ...ele...não gosta de...brincar...brincar não↓

CD-não...ele não gosta da má madeira

MG-ma-madeira

(54)

MN-ele queria...que que esta pergunta...diz...“um amigo para outro...eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por vinte anos...e então o que aconteceu?...bem...nós nos

conhecemos e casamos”...**quer dizer que foi antes do casamento que eles...que eles foram amigos?**

CD-não...eles não se conheciam

((MN lê))

CD-não só antes do casamento...mas antes de se conhecer...foram felizes por vinte anos...e aí?...nos conhecemos...e nos casamos...e o que aconteceu?...depois que eles se conheceram e se casaram?

MN-não foram mais amigos?

CD-é...não foram mais amigos...não foram mais felizes...então quando que eles eram felizes?

MN-quando eram solteiros

CD-quando eram solteiros...quando não se conheciam...então quando ele fala assim...nós fomos felizes por vinte anos...separados↑...porque parece que é junto...quando ele fala assim...parece que é junto...mas na verdade solteiros...eles foram felizes por vinte anos

MN-então eles tinham vinte anos quando casaram

CD-é...pode ser...é

MN-foram solteiros enquanto não tavam ca...foram amigos enquanto não se conheciam...depois casaram...e não foram mais amigos

Sujeitos não-afásicos:

(55)

CD-é...um amigo chegou pra outro e falou assim...eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por vinte anos...aí ele vira e fala assim..ah é...e o que que aconteceu?...ah a gente se conheceu e se casou

((risos))

HP-ele ficou conhecendo a mulher durante vinte anos pra se casar? ((risos))

CD-não

HP-ué

CD- não necessariamente

HP- pelo jeito

CD-ó...eu e minha mulher fomos felizes por vinte anos

HP-sim...**aí depois de vinte anos casou**

CD- aí o que aconteceu?...a gente se conheceu...e se casou

HP-**então...se conheceu depois de vinte anos e se casou...mas não era feliz**

CD-é

HP-((risos))

CD-mas não que ele ficou...eles eram solteiros...tinham vinte anos

HP-mas viviam juntos

CD-não...eram solteiros...por vinte anos

HP-hum

CD-aí eles se conheceram...e se casaram...entendeu?

HP- hum hum...eles eram felizes separados?

CD-é

HP-ah...depois que casaram

((risos))

HP-depois de vinte anos

CD-é pode ser também né...porque casou

HP-ele foi feliz por vinte anos...mas não falou que tava junto com ela...é isso então

CD-é

HP-**e depois de vinte anos...ele conheceu casou e ficou infeliz**

(56)

CD- a criança adora a mamadeira e o carpinteiro detesta a má madeira

JJ-hum...é...mas não tem nada a ver uma coisa com a outra né...**mamadeira** e um carpinteiro

CD-então...é a diferença

JJ- a diferença né

CD-aí a criança...o bebe adora a mamadeira...e o carpinteiro detesta

JJ-detesta

CD- a má...madeira

JJ-ah...má madeira...**mãmadeira agora que eu entendi...mãmadeira...e ele a má madeira**

-RECONTAGENS:

Sujeitos afásicos:

(57)

MG-é...sendo que...a criança...((se inclina para frente com dúvida))...mas

CD-é o bebe...a criança

MG-adora

[CD-gosta...adora

MG-a mamadeira

CD-isso

MG-e o ...ele...não gosta de...brincar...brincar não↓

CD-não...ele não gosta da má madeira

MG-ma-madeira

(58)

NS-é o dono...eu penso...conversar...ai...como chama?...na rua

CD-hum hum

NS-a mulher foi embora tal...é amigo...não gosta...ele gos...ai como chama?...amigo sabe?...ai

CD-conhecido?...não?

NS-conhecido...conversando aqui...a mulher foi embora tal...eu não conheço

CD-isso

NS-a moça....também não conheço...ele não gosta...é gosta....ele gosta...não...é...fugiu...ai como chama...é ami...como chama....é amigo...amigo...amigo

Sujeitos não-afásicos:

(59)

HP-o Manuel chegou ...não...um amigo do Manuel chegou pro Manuel e disse...Manuel...você quer ir a festa de quinze anos de minha filha?...aí o Manuel respondeu...quero ir...mas só posso ficar dois anos

((risos))

(60)

PD-então...é...qual a diferença entre uma criança e um carpinteiro...então é...que o carpin...que a criança adora uma ma...uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má...madeira

-INserções (PEDIDO DE ESCLARECIMENTOS OU EXEMPLIFICAÇÕES):

Sujeitos afásicos:

(61)

CD- por que que ele respondeu isso?...o que a senhora acha?

MN-já estava cheio dela

CD-((risos))...só que...ninguém diz isso pra visita né?...pode até ta...ta cheio...mas

MN-é

CD-uma questão de educação né?

MN-mas ele...ele tinha coragem de falar

(62)

NS- por exemplo

CD-tá

NS-Renato...Renato foi embora...tem outra...aí...eu a Gê...Gê...não conheço...ce conhece?... a Gê...não conheço...cê conhece?...não conheço...Renato é...foi embora é a

Gê...ce conhece?...não conheço...é a Gê mesmo...eu penso né?...ce não conhece?... não conheço...também não conheço...mas eu penso que conhece....depois vai conhecer...conhecer é a Gê

(63)

CD-que que você ia falar que eu te interrompi?

NS-não...ia falar assim...quinze anos...casou...quinze anos casou...ou casou agora?

CD-depois de vinte anos

NS-é casou...vinte anos casou

CD-isso

(64)

((CD entrega a piada escrita))

MN-ele queria...que que esta pergunta...diz...“um amigo para outro...eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por vinte anos...e então o que aconteceu?...bem...nós nos conhecemos e casamos”...quer dizer que foi antes do casamento que eles...que eles foram amigos?

(65)

NS-ah...que nem...eu penso...eu penso...o Vitor...Vitor é neto...Vitor...ce...ce...pequeno...um dia ce vai...ce vai...é....grande...o que? ...o que ce vai...é...aí...vai...vou trabalhar

Sujeitos não-afásicos:

(66)

CD-aí ela fala um regime...a tia deve ser gorda né

JJ-é deve ser gorda...e ela via a tia fazendo regime

CD-é...é verdade

JJ-e ela vê o adulto fazendo...ele também acha que vai fazer aquilo também né

CD-é...é verdade

(67)

CD- minha mulher fugiu com meu melhor amigo...aí o outro fala assim..ah é...quem que é esse cara?...indignado quem que é?...ele fala...não também não sei...só que AGORA...ele é o meu melhor amigo

JJ-mas como ele poderia ser amigo dele...se ele não sabe quem que era ele?

CD-então

JJ-não conhecia ele

CD- não conhecia

JJ-como poderia ser amigo dele

CD-pois é...não era

JJ-como era amigo...como você tem um amigo se você não conhece?

CD-aí ele falou assim...agora

JJ-agora que ele era

CD-agora

JJ-agora que ele era...depois que levou a mulher dele embora

CD-isso

JJ-ai meu Deus...ai meu Deus do céu...ele não conhecia...mas depois que ele levou a mulher dele embora...aí...que horrível...não era né

-PARÁFRASES:

Sujeitos afásicos:

(68)

CD-a visita ta saindo...aí a mãe pergunta pro filho que ta por perto...ô filho...o que a gente diz quando a visita ta indo embora?...aí ele responde...graças a Deus↑

MG-((risos))...ela falou...ai...ainda bem que já foi embora

-----→((gesto com os braços apontando para longe))

(69)

MS-((gesto afirmativo com a cabeça))...maravilha...é...ah...eu acho que...é...graças a Deus...é...vai embora

-----→((aponta para longe))

CD-é...por favor vai embora logo...não agüento mais...porque normalmente...ela quis educar o filho

MS-isso

Sujeitos não-afásicos:

(70)

HP-ta...a mãe disse pra filhinha...filhinha o que que se diz pra visita hora que está saindo?...aí a filhinha diz...graças a Deus...((risos))...e a visita tava saindo né?...((risos))

(71)

PD-ah...a tia perguntou pra sobrinha...pra menininha...o que você vai fazer quando você crescer...igual a titia?...quando você for igual a titia...o que você vai fazer?...ela falou assim...vou fazer regime

-ATESTAÇÃO OU INSCRIÇÃO DE UM PRÉ-CONSTRUÍDO VEICULADO NAS PIADAS:

Sujeitos afásicos:

(72)

CD-porque se casaram...se conheceram...se casaram...depois que se conheceu acabou a felicidade deles

NS-ah...depois que...ah...eu penso...vinte anos...solteiro...gosta...depois casou...não gosta...eu penso

(73)

CD-vai ficar no máximo

MS-dois anos

CD-dois anos...que que ele entendeu

MS-((ri))...não...ah...Manuel...português

CD-português...que significa que ele não entendeu...que é burro

[MS- ((aponta a cabeça))

Sujeitos não-afásicos:

(74)

ML-aí ele respondeu...não...só posso ficar dois anos...aí ele achou que a festa ia durar quinze anos...nossa...que Manuel heim?

((risos))

(75)

CD-um amigo do Manuel chegou e perguntou pra ele...é...você vai a festa de quinze anos de minha filha?...aí ele falou assim...ah...eu vou...mas só poderei ficar dois anos

(...)

HP- ((risos))...bem de português mesmo...ta então ele entendeu que era pra ficar quinze anos lá né?

-O RECONHECIMENTO DE PRESSUPOSTOS E/OU IMPLÍCITOS CULTURAIS ENVOLVIDOS NAS PIADAS:

Sujeitos afásicos:

(76)

CD-um amigo chegou pro outro e falou...eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por vinte anos...aí ele fala assim...o outro responde...então...o que que aconteceu?...aí ele fala...bem...nós nos conhecemos e casamos↑

MG-é...ele casou...e continuou aquela mesma porcaria...((risos))...aquela mesma coisa...num...sa...sabe...casou e ficou aquele negócio...ele pego...passou...ai

***-----→* ((gesto de circularidade))**

(77)

MN-então eles tinham vinte anos quando casaram

CD-é...pode ser...é

MN-foram solteiros enquanto não tavam ca...foram amigos enquanto não se conheciam...depois casaram...e não foram mais amigos

Sujeitos não-afásicos:

(78)

PD-então...isso aí é o seguinte...o ...a ...mãe...então fala pra filhinha né...a filhinha não falou nada...então a mãe pergunta pra filhinha...filhinha...o que que a gente diz quando a visita ta saindo?...queria que ela falasse...falasse...se despedisse né...da visita...ah...falasse alguma coisa se despedindo da visita...tal...então... e a filhinha fala graças a Deus...porque a mãe costuma falar assim...depois que a visita sai...ela fala graças a Deus que foi embora...então ela...**a criança é íntegra...ela não mente né?**

CD-é verdade

(79)

PD-ó...o que eu posso imaginar que é...que seja isso...a minha interpretação pra isso...é que as pessoas...o indivíduo...tava espe...quando ele falou...que eu e minha mulher fomos felizes por vinte anos...a pessoa pra quem ele falou tava imaginando que deveria haver uma razão pra eles terem sido felizes...e o indivíduo que falou...pelo simples fato de ter conhecido ela e casado com ela é uma expressão...**uma força de expressão...nós fomos felizes...quer dizer...nós vivemos vinte anos né?**

CD-hum hum

PD-então é uma força de expressão

CD-é

PD-que as pessoas utilizam...mas é...eu acredito que a pessoa pra quem ele falou isso queria uma razão pra eles terem sido felizes...**porque as pessoas podem conviver juntos por vinte anos e não serem felizes...sempre com brigas etc...**mas esse fomos felizes por vinte anos significa que simplesmente que eles ficavam juntos por vinte anos

-AJUSTES ENUNCIATIVOS SOBRE OS SENTIDOS VEICULADOS, LEIS CONVERSACIONAIS E REGRAS DE ETIQUETA:

Sujeitos afásicos:

(80)

CD-aí a mãe pergunta pra filha...que que a gente fala quando a visita ta indo embora?...aí a filhinha...graças a Deus↑

NS-aí a mãe não pode...ah...eu penso...ah...ta cedo...eu penso...ta cedo↑

(...)

CD-não vai...fica mais um pouco...só que a filha falou graças a Deus...((risos))

NS-((risos))...**não pode não**

(81)

CD-por que o que a gente diz quando a visita ta indo embora

MN-ah...volta sempre...vai embora tão cedo

Sujeitos não-afásicos:

(82)

CD-porque normalmente como que a gente fala assim...a visita ta indo embora da sua casa...que que a gente fala né

JJ- a gente fala ta cedo né?

CD-é...ta cedo...fica mais um pouco

JJ-aí ...as vezes ele ouviu a mãe falando graças a Deus...né

CD-é ((risos))

JJ-porque as vezes ele viu a mãe falando graças a Deus...né?...pode ser que foi também...ela ter falado...aí ele achou que era assim também né

CD-é...porque criança é assim né

(83)

PD-não...é que a tia esperava que ela fosse falar...é....que ela fosse falar sobre alguma profissão...alguma atividade...e o que ela via a tia fazer...como a tia mencionou ela própria como exemplo

((risos))

PD-então...a criança via ela fazer o quê?...regime...então...ela falou regime...disse que iria fazer regime

4. Marcadores conversacionais

Relevante, também, para análise dos dados foi observar que ao contar as piadas, muitas vezes, foi feito o uso de marcadores lingüísticos da conversação, essencialmente característicos da sequência narrativa (aí, daí, depois então).

É muito importante observar não só os atos dos sujeitos afásicos, mas também a da investigadora na conversação, que pode influenciar a fala do sujeito. Dependendo da

maneira como se comporta o interlocutor, o sujeito pode fazer um reparo, uma auto-correção, pode proceder a uma explicitação do sentido ou a uma explicação, pode focalizar determinado ponto, *etc.*

Sujeitos afásicos:

(84)

CD-aí a mãe pergunta pra filha...que que a gente fala quando a visita ta indo embora?...aí a filhinha...graças a Deus↑

NS-aí a mãe não pode...ah...eu penso...ah...ta cedo...eu penso...ta cedo↑

(85)

CD- quando a gente pergunta assim pra criança...o que você vai ser quando crescer?...a gente não fala assim?

MH-aí a criança...eu vou fazer um regime...((risos))

Sujeitos não-afásicos:

(86)

HP-bom...a titia chegou pra Mariazinha e disse...Mariazinha...o que você vai fazer quando for grande igual a titia?...((risos))...aí a Mariazinha disse...um regime↑

((risos))

(87)

CD-é...um amigo chegou pra outro e falou assim...eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por vinte anos...aí ele vira e fala assim..ah é?...e o que que aconteceu?...ah...a gente se conheceu e se casou↑

5. Aspectos de significação não-verbal

Outro aspecto relevante observado nos dados foi a presença de processos semiológicos co-ocorrentes, como o contexto, o gesto, a melodia, o direcionamento do olhar *etc.*

De acordo com Steinberg (1998), os estudos sobre gestos ligados à fala tomam impulso a partir de 1960; grande parte deles assume que palavra e ação são membros de um só fenômeno lingüístico. Assim sendo, os elementos verbais e não-verbais podem ser intercambiáveis ou complementares, mas não podem ser considerados separadamente.

Os gestos, segundo Steinberg, podem ser executados pelas várias partes do corpo humano, destacando-se os que fazemos com as mãos. Com a cabeça, face, olhos, pés e pernas executamos movimentos e, dessa maneira, ao nos movimentar e assumir posturas, estamos executando gestos comunicativos. A face, com expressões que vão desde um erguer de sobrancelhas ou franzi-las, de uma dilatação de narinas, até de diferentes olhares, abrange numerosos e variáveis elementos não-vocálicos usados na conversação, juntamente com a fala. A autora afirma, ainda, que os gestos variam não só de uma sociedade para outra, mas também de situação para situação, dependendo do grau de familiaridade do encontro, acompanhando a variação do registro da fala.

A autora enumera, do ponto de vista semântico, algumas funções desses elementos não-verbais. Para ela os gestos podem: enfatizar uma palavra; contradizer ou desmenti-las; apontar para algo ou alguém; imitar uma pessoa, animal ou ação; serem feitos para chamar alguém ou a atenção de alguém; transmitir emoções ou sentimentos; mostrar ou exhibir algo; delinear o contorno de algo ou caracterizar alguém; serem empregados em saudações, danças, cerimônias; convidar ou desafiar alguém para uma contestação; denotar vergonha ou constrangimento; manifestar aprovação ou não.

Outros estudos, como, por exemplo, o de Alibali; Kita; Young (2000) mostra que o gesto está envolvido no plano conceptual de fala, facilitando o acesso ao léxico mental e ajudando os falantes a “empacotar” informações espaciais em unidades verbais.

Portanto, o gesto, em constituição com a fala, ajuda a estabelecer o quadro interativo da comunicação, colocando em evidência a produção de diferentes tipos de ações.

No que diz respeito ao contexto, Kerbrat-Orecchioni (1996: p. 16-17) mostra que ele compreende os seguintes elementos:

- a) o quadro espacial, que compreende aspectos puramente físicos, como as características do lugar onde se desenrola a interação (lugar público ou privado, restaurante, loja *etc.*), e o quadro temporal, o qual compreende as características correspondentes ao momento em que se passa a ação.
- b) a finalidade global da interação (ex. visita à casa do médico) e finalidades mais pontuais correspondentes aos diferentes atos de linguagem realizados no curso do encontro.
- c) o número de participantes, suas características individuais (sexo, idade, profissão *etc.*) e suas relações mútuas (grau de amizade, vínculo familiar ou profissional *etc.*).

Além do contexto situacional, como o descrito acima, Koch (2002) ressalta, numa perspectiva sociocognitiva, que o contexto abrange não só o co-texto, como, também, a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sócio-político) e o contexto sociocognitivo dos interlocutores. Essa noção engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos: o conhecimento lingüístico, o conhecimento enciclopédico, o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento sobre variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como, o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura.

Para Goodwin (2000), a configuração contextual, assim como o gesto, também não é um simples fator pressuposto, mas é, ele mesmo, um processo dinâmico e temporal, realizado através de rearranjos da estrutura da fala.

Em suma, o contexto tem um papel decisivo e indispensável na análise dos dados, pois descreve o que se passa na interação entre entrevistadora e sujeito e dessa maneira

identifica outras significações que estariam implícitas. O mesmo acontece com outros aspectos não-verbais, como a vocalização, prosódia, melodia *etc.*, que são também necessários para que se dê a comunicação.

Observam-se, a seguir, alguns exemplos em que os sujeitos afásicos puderam se expressar utilizando-se de elementos não-verbais.

Sujeitos afásicos:

(88)

NS-o vácuo....**((balança a cabeça negativamente))**

CD- a vaca...o vácuo

NS-vacu...então vácuo...não é boi é..não é boi...é diferente né?

(89)

CD-é...porque...vaca **((faz um gesto de coisas que são parecidas))**

MN-e vaco

(90)

CD-isso...era da filha...mas quando ele fala....festa de quinze anos....é como se fosse uma duração...como se a festa fosse durar quinze anos

((MN pensa))

CD-foi isso que o outro entendeu...que a festa ia durar quinze anos...festa de quinze anos...aí ele ia ficar só dois anos...já que a festa ia durar quinze anos

((MN parece não entender))

CD-porque quando a gente fala assim...de...esse de pode indicar o nome da festa

((MN balança a cabeça afirmativamente))

CD-no caso...que é de quinze anos...mas o de pode indicar também duração...não é isso que a gente entende...lógico...mas foi isso que ele entendeu...que a festa ia durar quinze anos

((MN fica em dúvida))

CD-aí ele falou assim...ah...a festa vai durar quinze anos...então vou ficar no máximo dois anos

((MN dá de ombros))

MN-não...essa aí eu não entendi assim não

(91)

CD-é...ainda é cedo...fica mais...aí a garota respondeu...graças a Deus

MN-a garota não...é o garoto **((aponta para o papel))**

(92)

CD-carpinteiro

MG-trabalha...faz...faz...**((gesto indicando a mesa e os armários))**

CD-móvel

MG-movél

(93)

CD- a outra é assim...a tia ela vira pra Mariazinha e pergunta...Mariazinha o que você vai fazer quando for grandona como a titia?...aí ela responde...um regime↑

MG-ah...é...é...ce...ce...apo...ela...cheg...ela xingo...não↑...ela vai deixar...porque a outra é gigante ↑

***-----→* ((gesto de uma pessoa gorda))**

(94)

CD-hum...hum...fica parecendo

MS-é...**((gesto de similaridade))**...vaca

CD-vaca...vaco

(95)

MS-criança adora **((faz o gesto de um potinho com os dedos))**...como chama?...carpinteiro

CD-hum...hum...é assim...a criança adora uma mamadeira

MS-hum

CD-e o carpinteiro detesta

MS-uma má....hum...é **((aponta para CD))**

CD- má madeira

MS-isso

(...)

CD-qual a diferença entre mamadeira e má madeira?

MS-não...não...é...vácuo...não...va-ca

-----→ **((indica uma segmentação e depois uma separação))**

CD-isso...separou

MS-isso...isso

(96)

CD-hum..hum...por que...normalmente...o que a gente pergunta pras crianças?

MS-nhé...nhé...nhé...nhé

*-----→***((imita a fala dos adultos conversando com as crianças e das crianças))**

CD-((risos))

MS-**((gesto de dar tapas))** ((risos))

(97)

CD-a visita ta saindo...aí a mãe pergunta pro filho que ta por perto...ô filho...o que a gente diz quando a visita ta indo embora?...graças a Deus↑

MS-**((gesto afirmativo com a cabeça))**...maravilha...é...ah...eu acho que...é...graças a Deus...é...vai embora

-----→ **((aponta para longe))**

6. O estatuto do riso

Um dos aspectos relevantes do ponto de vista da construção e mesmo da explicitação do sentido observado a partir do material filmado durante a aplicação do Protocolo foi o riso. Assim, procuramos assinalar nos dados os momentos em que o sujeito afásico ria, se ele ria antes da pesquisadora, se ria posteriormente ou simultaneamente a ela. Fundamental não só para analisar a compreensão ou não da piada, estudiosos têm apontado que o riso mostra também que os sujeitos têm certa expectativa quanto à configuração do texto chistoso.

O riso, segundo Steinberg (1988), pode indicar coisas diversas: prazer, humor, ridículo, boas maneiras, dúvida, aceitação *etc.* O riso, então, não deve ser apreendido somente como expressão do prazer, mas também deve ser visto como culturalmente determinado, ou seja, dependendo da sociedade o riso pode retratar amizade ou traduzir o constrangimento, e ainda, hostilidade ou ataque.

Norris e Drummond (1998), em seu estudo a respeito das funções comunicativas do riso, mostram que o riso é usado como uma estratégia para manter uma conversa. Embora entendido como não relativo às habilidades verbais, percebemos que o riso constitui uma estratégia inicial na conversação e seria específico na comunicação de afásicos. As autoras supra-citadas afirmam também em seu estudo que, para os adultos não-afásicos, é fácil repetir a piada por causa de sua proficiência lingüística. Segundo elas, o mesmo não ocorreria com os sujeitos afásicos, que demonstrariam problemas de ordem lingüística (tidos pelas autoras como “óbvios”) quando repetiam a piada, devido à sua comunicação verbal limitada. As autoras concluem seu estudo afirmando que os sujeitos afásicos riam também quando discordavam do discurso de seu interlocutor, quando ele era requisitado a falar (e nessas situações riam mais prolongadamente) e usaram o riso pra acompanhar palavras descritivas. As autoras, que não procedem no texto a uma análise propriamente lingüística, afirmam que o riso é importante e um fator positivo na comunicação dos afásicos e podem compensar sua prejudicada comunicação verbal.

Esse estudo assevera a relação entre fenômenos metalingüísticos e compreensão, negligenciando aspectos lingüísticos outros e situações de interação, em que o riso constitui-se como competência social dos falantes. Na vida prática, cotidiana, observamos que o riso marca a mudança de turno, mantém o ritmo da conversação, ressalta a simpatia dos falantes *etc.* Além disso, como descrito anteriormente, o riso, numa situação de teste poderá significar nervosismo, apreensão, constrangimento *etc.*

Portanto, vinculado a uma competência social, pragmática, o riso, no contexto de reconhecimento de um texto como chistoso, pode não estar relacionado necessariamente ao entendimento da piada. A propósito dessa questão, vale a pena aventarmos alguns exemplos extraídos de contextos afásicos e não-afásicos, tomados no contexto do nosso protocolo de estudos, em que os sujeitos riram da piada mesmo sem compreender seu efeito humorístico.

Sujeitos afásicos:

(98)

CD-então ele convida pra festa de quinze anos...só que ele responde assim...eu vou mas eu só posso ficar dois anos...por que ele respondeu isso?

MH-ia levar dois anos? ((risos))

CD-((risos))...ele achou que ia poder ficar só dois anos...por que?

MH-será que é por que só daqui dois anos que ia funcionar a festa?

Sujeitos não-afásicos:

(99)

CD- a segunda é assim...qual a diferença entre uma criança e um carpinteiro?

AF- qual a diferença de uma criança...

CD- e um carpinteiro

AF- e um carpinteiro...não tenho a mínima idéia

CD-a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira

AF- a mamadeira a má madeira

((risos))

(...) ((AF reconta a piada))

AF-bom a diferença é que o bebê ama a mamadeira né e o carpinteiro...é...não ama a mamadeira né não ama a madeira né ...digo o carpinteiro não ama

CD- não ama

AF- a madeira...

CD-a madeira?

AF-a madeira...ah...não ama a mamadeira aí essa eu não compreendi

(...) ((CD reconta a piada))

AF- que a criança ama uma mamadeira e o carpinteiro...é...não ama a mamadeira

CD-é

AF-não ama a mamadeira

CD-o senhor entendeu?

AF-é entendi

CD- a má madeira

AF- a má madeira

CD- que é a madeira ruim

AF- a madeira ruim..é a má madeira

CD-a má madeira

AF-a má madeira éentão eu não tinha observado isso

(100)

CD-é...um amigo chegou pra outro e falou assim...eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por vinte anos...aí ele vira e fala assim..ah é...e o que que aconteceu?...ah a gente se conheceu e se casou

((risos))

HP-ele ficou conhecendo a mulher durante vinte anos pra se casar? **((risos))**

CD-não

HP-ué ↑

Semelhanças e diferenças entre as duas populações

Observa-se, a partir dos resultados obtidos na aplicação do Protocolo de Estudos de Piadas, que, apesar das dificuldades próprias das afasias, houve poucas diferenças entre as duas populações.

No que diz respeito às questões linguísticas envolvidas nas piadas, ambas as populações conseguiram perceber elementos importantes para a compreensão de seu efeito humorístico.

Tanto sujeitos afásicos como não-afásicos perceberam a semelhança existente entre a palavra “vácuo” e “vaco”, reconhecendo, portanto a “chave” humorística da piada, que é a questão fonético-fonológica. Demonstraram, também, que compreenderam a questão morfológica comparando “vaco” e “boi”.

Da mesma maneira, conseguiram compreender a saliência do componente fonológico e morfológico formado na piada 2, criado pela diferença de acento e pela segmentação da palavra “mamadeira”.

Realizaram também inferências, já que na piada 3 conseguiram interpretar que “grande” significou “gorda”, por causa da palavra “regime” enunciada pela personagem da piada. Em sua maioria, reconheceram a ambigüidade gerada pela preposição “de”, na piada 4, que pode tanto se referir a um ou a outro complemento; ou seja, a expressão “festa de quinze anos” pode ter a função de causa ou de duração.

No que diz respeito aos aspectos pragmáticos, tanto sujeitos afásicos, como não-afásicos não apresentaram dificuldades para reconhecer e interpretar esses elementos presentes nas piadas; reconheceram práticas cristalizadas em nossa cultura, as leis conversacionais e regras de etiqueta.

Reconheceram, também, a inscrição de pré-construídos, como na piada 4, em que o que está envolvido na sua compreensão é o reconhecimento do estereótipo de que os portugueses são burros; o uso de regras conversacionais, ressaltado na piada 5; fatores sócio-culturais, principalmente no que diz respeito ao casamento, evidenciados nas piadas 6 e 7.

As dificuldades apresentadas na interpretação de algumas piadas também foram observadas nas duas populações, como, por exemplo, o não conhecimento lingüístico-cultural de certas palavras como “vácuo”, que causou dificuldades na explicação da piada 1; ou a questão fonético-morfológica envolvida na piada 2; e a questão sintática da piada 4, gerada pela ambigüidade da preposição “de”.

A construção da significação das piadas feita pelos sujeitos afásicos se deu através de vários processos, semelhantes aos sujeitos não-afásicos, sendo que alguns marcados pela especificidade do contexto de afasia. Ambas as populações fizeram uso de repetições de certas “palavras-chave”, enfatizando aspectos lingüísticos importantes no texto chistoso, essenciais para sua compreensão; utilizaram-se de semioses não-verbais, como a gestualidade, a postura corporal, as expressões faciais e também as vocalizações; fizeram comentários e falaram a respeito de experiências pessoais, contextualizando e reconhecendo implícitos sócio-culturais.

Os sujeitos afásicos, apesar da dificuldade lingüística que afeta sua expressão verbal, entre elas a própria capacidade fono-articulatória, não deixaram de compreender as piadas e de produzir linguagem e seu percurso sócio-cognitivo. Nesse contexto, os sujeitos não-afásicos, não inibidos pela complexidade lingüística, tal como os sujeitos afásicos, se serviram mais da comunicação lingüística para explorar as manobras de explicitação e enfrentar dificuldades.

Com isso, podemos entender como margem de diferenças entre ambas as populações, o maior uso de repetições, reparações, semioses não-verbais *etc.*

Uma outra diferença entre as duas populações foi o fato de nas entrevistas com os sujeitos afásicos haver uma maior co-contrução do sentido. A piada, sendo um texto complexo, exige dos sujeitos a coordenação de vários processos em conjunto. Por esse motivo, a maneira de falar dos sujeitos afásicos se deu mais lentamente. Há, então, um engajamento maior, por parte da investigadora, na percepção de que o processamento é, por vezes, demorado e de que, também, muitas vezes, é necessária a explicitação de algum aspecto relevante para a interpretação de uma piada.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relevância das piadas para o estudo das afasias

No campo neurolingüístico, analisar as piadas a partir de um enfoque sócio-cognitivo mostra-se capital não só para a reflexão acerca da relação entre linguagem, cognição e práticas sociais, mas também para a investigação mais pontual da inter-relação dos vários fatores de constituição do sentido nas práticas com a linguagem.

Este estudo revela que as piadas implicam diferentes atividades que os sujeitos fazem com a linguagem e seu funcionamento, sob diversas regras de ordem sócio-cultural. As piadas envolvem fatores histórico-culturais, indicam como as pessoas se comportam e como pensam, como produzem inferências, pressuposições, levando em conta o conhecimento prévio e/ou compartilhado.

Por outro lado, nas piadas segmenta-se alternativamente a cadeia sonora, acionam-se ambigüidades lexicais e estruturais, põem-se em jogo uso e menção no plano enunciativo. Portanto, há, nas piadas, a identificação de um universo cultural, a saliência de certos processos de significação lingüístico-pragmática, bem como de níveis lingüísticos mais ou menos implicados (fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais) que parecem mais relevantes para sua compreensão e expressão.

A partir do protocolo que elaboramos para este estudo, observamos que os sujeitos, em relação à piada 1, tiveram que lidar sobremaneira com a complexidade fonético-fonológica, isto é, com a ocorrência da gradiência fônica das vogais finais da palavra “vácuo”, além de lidar com o conhecimento enciclopédico da palavra em questão. A saliência do componente fonológico criada pela diferença de acento está presente na piada 2, bem como o elemento morfológico, criado pela segmentação da palavra. Já na piada 3, os sujeitos tiveram que lidar com a questão da ambigüidade lexical da palavra “grandona” que, no contexto, significou “gorda”, pelo fato de realizar uma inferência a partir de sua resposta “um regime!”. Na piada 4, os sujeitos tiveram que identificar especialmente a veiculação de determinados implícitos culturais no Brasil a respeito dos portugueses. Além

disso, lidaram com a ambigüidade sintático-semântica gerada pela preposição “de”. O reconhecimento de leis conversacionais, a respeito da etiqueta e da boa educação, foi invocado na piada 5, em relação à qual os sujeitos produziram comentários a respeito do que não devem dizer às visitas. Nas piadas 6 e 7 os sujeitos estiveram às voltas com fatores sócio-culturais e pré-construídos veiculados na forma de estereótipos, explicitando o caráter da mulher e do melhor amigo de um dos personagens da piada, e identificando o ponto de vista segundo o qual as pessoas acabam tornando-se infelizes com o decorrer do casamento; também na piada 7 os sujeitos tiveram que lidar com a questão sintático-semântica gerada pelo verbo “fomos”.

Além dos aspectos lingüísticos, culturais e pragmáticos descritos acima, os sujeitos, na compreensão de piadas, lidaram com seus aspectos textuais: identificaram a narração, os diálogos, a incongruência e sua resolução, reconhecendo características próprias de uma piada, enquanto fato, enquanto gênero textual.

Observamos, também, que os sujeitos afásicos, do ponto de vista do funcionamento da linguagem, assinalaram a complexidade variada da piada, instáveis com relação ao uso e operações metalingüísticas, eles procuraram se acerrar de informações e processos de uma maneira mais lenta. Percebemos também, que, salvo em algumas piadas, usualmente, não nos lançamos nesta tarefa de explicar uma piada. Fazemos isso, em geral, somente quando alguém não a compreende. A tarefa de explicar é, pois, um complicador para ambas as populações consideradas neste estudo.

Notamos, ainda, que os sujeitos afásicos utilizaram-se, de forma mais significativa que os sujeitos não-afásicos, de dêiticos, pausas longas, hesitações, semioses não-verbais. Também, foi mais recorrente a solicitação da repetição das piadas. Longe de significar apenas falta ou entrave, a ocorrência de tais fenômenos são também indícios de movimentos reflexivos, auto-reguladores dos sujeitos, relacionados às exigências da significação e da comunicação.

Além disso, foi importante a participação do interlocutor nas entrevistas com os sujeitos afásicos, já que, após contar uma piada, a investigadora comentava ou explicitava certos aspectos do texto humorístico e, a depender da resposta dada pelos sujeitos, fazia uma pergunta, mais algum comentário ou explicava determinado aspecto que se mostrava

relevante para o entendimento da piada. Nesse sentido, ressaltamos que os enunciados produzidos, tanto pelos sujeitos afásicos, como não-afásicos, foram construídos e interpretados colaborativamente, em conjunto com a investigadora, revelando, portanto, valores e conhecimentos comuns relativos às piadas.

Estudos afasiológicos mais tradicionais, isto é, estruturalistas e cognitivistas, afirmam que os sujeitos afásicos apresentariam dificuldades com os sentidos indiretos, “abstratos”. Porém, no percurso interpretativo, que se deu de maneira interativa, os sujeitos afásicos conseguiram, de forma colaborativa, lidar com essas dificuldades, vindas em parte da complexidade da própria tarefa.

Com os dados obtidos a partir da aplicação do Protocolo, observamos, ainda, nas duas populações, a presença de vários processos meta relativamente à linguagem (lingüísticos, enunciativos, pragmáticos, discursivos), pois os sujeitos, na interpretação e manipulação das piadas, questionaram e reformularam o texto original, ou seja, produziram comentários, reformulações, recontagens, inserções (como pedido de esclarecimentos ou exemplificações), paráfrases; reconheceram pré-construídos, pressupostos e/ou implícitos culturais envolvidos nas piadas; realizaram ajustes enunciativos sobre os sentidos veiculados, leis conversacionais e regras de etiqueta. Assim sendo, com respeito à afirmação corrente de que, por terem dificuldades de realizar operações metalingüísticas, os sujeitos afásicos não seriam mais capazes de interpretar sentidos veiculados nas piadas, observamos que os sujeitos de fato realizaram ações reflexivas relativamente à linguagem e às práticas sócio-culturais a ela afeitas.

A partir dessas considerações, concluímos que, enquanto texto, a piada é sofisticada, os sujeitos afásicos e não-afásicos tiveram que reconhecer suas características específicas, reconhecendo um gênero textual. Igualmente, os sujeitos se depararam com os aspectos lingüísticos, já que demos relevância a um ou outro nível lingüístico (mais fonológico, mais morfológico *etc*). Do mesmo modo, os sujeitos tiveram que realizar inferências, e reconhecer certos aspectos pragmáticos e sociais. Portanto, observamos que a “chave” humorística das piadas não está relacionada diretamente a um ou outro nível, como descrito em trabalhos a respeito de piadas, como os de Possenti (1998), Conde (2005), Raskin (1987), mas, é apenas a “ponta de um iceberg”. Ou seja, as piadas se constituem de diversos

aspectos (pragmáticos, textuais, cognitivos, discursivos *etc.*) que são essenciais para seu entendimento. Com isso, assinalamos que o protocolo de piadas convoca, além de uma competência metagenérica, várias outras competências, como a pragmática e a comunicativa.

Em suma, a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, pudemos observar que as piadas se constituem, bem como outros fenômenos de ordem meta-enunciativa, um interessante expediente para a análise da competência pragmático-textual dos sujeitos para produzir e interpretar linguagem. Observamos essa competência através de manobras lingüísticas e sócio-cognitivas realizadas pelos sujeitos na busca ou na mobilização lingüístico-cognitiva da significação, do conhecimento enciclopédico, da memória cultural e discursiva, de um *savoir-faire* específico.

Finalmente, entendemos essa competência como uma espécie de conhecimento sócio-cognitivo dos objetos e estados de coisa no mundo que se constitui e se revela enunciativamente no decorrer das ações dos sujeitos. A piada, mostra-se, portanto, como pretendemos demonstrar nesta pesquisa, altamente produtiva para o estudo da competência pragmático-textual de sujeitos afásicos. E não só de sujeitos afásicos, cumpre observar.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, R. Verbal humor: its implications for the second language learner and teacher. **Grazer Linguistische Studien** 17/18, 1982 *apud* CHIARO, D. The language of Jokes: analysing verbal play. London, England: Routledge, 1992.

ALIBALI, M. W.; KITA, S.; YOUNG, A. J. Gesture and the process of speech production: We think, therefore we gesture. **Language and cognitive processes** 15 (6), 2000.

ARRIVÉ, M. **Lingüística e Psicanálise- Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros**. São Paulo: Edusp, 1994.

ATTARDO, S. **Linguistic Theories of Humor**. Berlin; New York, Mouton de Gruyter, 1994.

ATTARDO, S. e CHABANNE, J. Jokes as a text type. **Humor** 5 – 1/2, p.165-176, 1992.

AUTHIER-RÉVUZ, C. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos (C.E.L.)** 19, Campinas: UNICAMP, 1990.

BENTES, A. C.; KOCH, I. V.; NOGUEIRA, C. M. A. Gênero, mídia e recepção: sobre as narrativas televisivas e seus espectadores. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 44, p. 265-282, 2003.

BENTES, A. C. e RIO, V. C. A Construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, I. V., MORATO, E. M. E BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral I**. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri (trad.). Campinas, SP: Pontes (3ªed), 1991.

BERGSON, H. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Nathanael C. Caixeiro (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BERTHOUD-PAPANDROPOLOU, I.; FAVRE, C.; VENEZIANO, E. Construção e reconstrução das condutas explicativas. In: Aquisição da linguagem: conceito, definição e explicação na criança. **Série Trilhas Lingüísticas nº 4**. FERNANDES, S. D. (org.). Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

BRANDÃO, H. N. Sobre a noção de interdiscursividade. In: **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

BROWNELL, H., MICHEL, D., POWELSON, J., GARDNER, H. Surprise but not coherence: sensitivity to verbal humor in right-hemisphere patients. **Brain and Language**, **18**, p. 20-27, 1983.

CAZELATO, S. O. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo**. Dissertação de mestrado – UNICAMP, IEL. Campinas, SP, 2003.

CAZELATO, S. O. e DONZELI, C. P. As expressões formulaicas e afasia. In: MORATO MORATO, E. M. *et alli*. **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)**, Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, processo 03/02604-9, 2005.

CHIARO, D. **The language of Jokes: analysing verbal play**. London, England: Routledge, 1992.

CHOBOR, K. L. e SCHWEIGER, A. Processing lexical ambiguity in patients with traumatic brain injury. **Journal of Neurolinguistics**, vol. **11**, nº **1-2**, p.119-136, 1998.

CONDE, G. **Piadas regionais: o caso dos gaúchos**. Dissertação de mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, SP, 2005.

COULSON, S. e WILLIAMS, R. F. Hemispheric asymmetries and joke comprehension. **Neuropsychologia**, **43**, p. 128-141, 2005.

DASCAL, M. (org). **Fundamentos Metodológicos da Lingüística. Vol IV - Pragmática.** Campinas, 1982: p. 81-103.

DEL RÉ, A. **A criança e a magia da linguagem: um estudo sobre o discurso humorístico.** Tese de Doutorado – USP, São Paulo-SP, 2003.

DONZELI, C. **Análise de recontagem de piadas: um estudo de formas meta-enunciativas na linguagem de sujeitos afásicos.** (Projeto de Iniciação Científica orientado pela Prof. Dra. Edwiges Maria Morato, processo número 97/13803-6, FAPESP), 1998.

DUCROT, O. Implícito e pressuposição. In: **Princípios de semântica lingüística: Dizer e não Dizer.** São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

FARIAS JUNIOR, J. F. **Um estudo da arte verbal da performance do cordel do fogo encantado ao ethos da cultura popular do sertão do Moxotó em Pernambuco.** Dissertação de mestrado – IEL/Unicamp, 2004.

FORABOSCO, G. Cognitive aspects of the humor process: The concept of incongruity. **Humor** **5** – 1/2, p.45-68, 1992.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. (1926). Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 2ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1986.

FRANÇOSO, E. **Linguagem interna e afasia**. Tese de Doutorado. UNICAMP/IEL, Campinas, SP, 1987.

FREUD, S. **Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente** (1905). Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GANDOLFO, M. C. **Às Margens do sentido**. São Paulo: Plexus, 1996.

GIORA, R. On the cognitive aspects of the joke. **Journal of pragmatics** 16, p. 465-485. North-Holland, 1991.

_____. Notes towards a theory of text coherence. **Poetics Today**, 6 (4), p. 699-715, 1985 *apud* KOCH, I. Introdução à lingüística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOEL, V. e DOLAN, R. J. The functional anatomy of humor: segregating cognitive and effective components. **Nature Neuroscience**, vol. 4, nº 3, 2001.

GOODWIN, C. Action and Embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics* 32, 2000.

GRAESSER, A., LONG, D., MIO, J. What are the cognitive and conceptual componets of humorous text?. **Poetics** 18, p.143-163. North Holland, 1989.

GRICE, H. P. **Lógica e Conversação**. (1967) In: DASCAL, M. (org). Fundamentos Metodológicos da Lingüística. Vol IV - Pragmática. Campinas, 1982: p. 81-103.

GUIMARÃES, E. O sentido como intenção do locutor. In: **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HEATH, R. L. e BLONDER, L. X. Conversational humor among stroke survivors. **Humor**, 16-1, p. 91-106, 2003.

HOCKET, C. F. Jokes. **The View from Language: Select Essays 1948 – 1964**, Athens, Georgia, p. 257-89, 1977 *apud* CHIARO, D. The language of Jokes: analysing verbal play. London, England: Routledge, 1992.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. (1954). In **Lingüística e Comunicação**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

_____. Lingüística e Poética. (1960). In: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La conversation**. Édition du Seul, 1996.

KOCH, I. V. Estratégias pragmáticas de processamento textual. **Cadernos de Estudos lingüísticos** 30, p.35-42. Campinas, 1996.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. & CUNHA-LIMA, M. L. A. **Do Cognitivismo ao sociocognitivismo**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org). *Introdução à Lingüística: Fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

LEBRUN, Y. **Tratado de afasia**. São Paulo, Panamed, 1983.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MARCUSCHI, L. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade cognitiva. *Veredas, Revista de Estudos Lingüísticos Juiz de Fora*, v. 6, n. 1, p.43-62, 2002(a).

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002(b).

_____. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates 1, 1983, *apud* KOCH, I. V. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARINI, D. **Um estudo das adivinhas: o jogo verbal**. Dissertação de mestrado – UNICAMP/IEL. Campinas, SP, 1999.

MARTIN, I. e MCDONALD, S. Evaluating the causes of impaired irony comprehension following traumatic brain injury. **Aphasiology**, **19 (8)**, p. 712-730, 2005.

MARTINS, H. **Três caminhos na filosofia da linguagem**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

MONDADA, L. Cognition et parole-en-interaction. **Veredas, Revista de Estudos Lingüísticos Juiz de Fora**, v. **6**, n. **1**, p. 9 a 27, 2002.

_____. L'interaction comme négociation : questionner la pertinence de la catégorisation de pratiques interactionnelles en terme de « négociation ». In M. Grosjean, & L. Mondada (Eds). **La négociation au travail**, p. 97-120. Lyon: PUL/ARCI, 2004.

MORATO, E. M. Processos de significação e pesquisa neurolingüística. **C.E.L.** **32**, 1997.

_____. Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos. **Revista de Distúrbios da Comunicação**, vol. **10**, p.5-15, PUC-SP, 1999.

_____. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, **41**, IEL – Unicamp, Campinas, 2001.

_____. O que Ganham Heuristicamente com a noção de referenciação os estudos neurolingüísticos? In: ALBANO, E. *et al.* (org.) **Saudades da Língua**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

_____. O interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org). **Introdução à Lingüística: Fundamentos epistemológicos. Vol. 3**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORATO, E. M. *et alli*. **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)**, Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, processo 03/02604-9, 2005.

MUNIZ, K. **Piadas: conceituação, constituição e práticas: um estudo de gênero**. Dissertação de mestrado. IEL/UNICAMP, 2004.

NORRIS, M. R. e DRUMMOND, S. S. Communicative functions of laughter in aphasia. **Journal of Neurolinguistics**, vol. 11, nº4, p. 391-402, 1998.

ORLANDI, E. P. Em torno do método e do objeto. In: **Terra à vista: velho e novo mundo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PARADIS, M. The other side of language: Pragmatic competence. **Journal of Neurolinguistics**, vol. 11, nº 1-2, p.1-10, 1998.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

POSSENTI, S. Pelo humor na lingüística. **D.E.L.T.A .vol.7 nº2**, 1991.

_____. **Os Humores da língua: análise lingüística de piadas**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

PROPP, V. **Comicidade e riso**. Ática: São Paulo, 1976.

RAIMUNDO, T. W. **Going deep into the right direction: an analysis of figurative language comprehension in right hemisphere damage individuals**. Dissertação de mestrado – UFSC. Florianópolis-SC, 2004.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, 1985.

_____ Linguistic heuristics of humor: a script-based semantic approach. **Int'l. Soc. Lang.** **65**, 1987.

RICKHEIT, G.; SCHNOTZ, W.; STROHNER, H. The concept of inference in discourse comprehension. In: RICKHEIT, Gert; STROHNER, Hans (eds.). **Inferences in text processing**. Amsterdam: North Holland, p. 3-47, 1985.

ROSAS, M. **Tradução do Humor – transcribando piadas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

RUCH, W.; ATTARDO, S.; RASKIN, V. Toward an empirical verification of the general theory of verbal humor. **Humor** **6-2**, p. 123-136, 1993.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas, Revista de Estudos Lingüísticos Juiz de Fora**, v. 3, n. 1, p.61-79, 1999.

_____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

SHAMMI, P e STUSS, D. T. Humor appreciation; a role of the right frontal lobe. **Brain**, 122, p. 657-666, 1999.

STEINBERG, M. **Os elementos não verbais da conversação**. Atual Editora, 1998.

TENANI, L. E. Rindo das piadas, manipulando a língua. **Alfa, São Paulo**, 45, p. 115-127, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela Lingüística. **D.E.L.T.A., Vol. 6, nº 1**, 1990.

VENEZIANO, E. e HUDELOT, C. Développement des compétences prgmatiques et théorie de l'esprit chez l'enfant: le cas de l'explication. In: BERNICOT, J. *et al.* **Pragmatique et psychologie**. Presses Universitaires de Nancy, 2002 *apud* DEL RÉ, A. A

criança e a magia da linguagem: um estudo sobre o discurso humorístico. Tese de Doutorado – USP, São Paulo-SP, 2003.

VISCARDI, J. M. **O estatuto neurolingüístico do automatismo**. Dissertação de Mestrado – UNICAMP/IEL, Campinas-SP, 2005.

WAPNER *et al.* The role of the right hemisphere in the apprehension of complex linguistic materials. **Brain and language** **14**, 15-33, 1981.

WINNER, E. e KAROLY, C. V. Artistry and Aphasia. In: M. T. Sarno (Ed.). **Acquired aphasia**, p. 375-411, 1998.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. Trans. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ANEXO I

Protocolo de Estudos I

1- Fonético-morfológica:

Por que a vaca foi para o espaço?

R: Para se encontrar com o vácuo.

2- Morfo-fonológica:

- Qual a diferença entre uma criança e um carpinteiro?

- É que a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira.

3-Lexical:

A tia vira-se para a Mariazinha e pergunta:

-O que você vai fazer quando for grandona como a titia?

-Um regime!

4- Sintática

Um amigo do Manuel chegou e perguntou a ele:

-Você vai à festa de quinze anos de minha filha?

-Eu irei, mas ficarei no máximo dois anos...

5- Pragmática

A visita está saindo. A mãe pergunta para o filho, que está por perto:

-E o que é que a gente diz quando a visita vai embora?

-“Graças a Deus”!

6- Semântico-sintática

Um amigo para outro:

-Eu e minha mulher fomos verdadeiramente felizes por 20 anos.

-E então, o que aconteceu?

-Bem, nós nos conhecemos e casamos.

Protocolo de Estudos II (Suplentes): grade interpretativa

1- Morfo-fonológica

Você sabe qual a diferença entre a lagoa e a padaria ?

Na lagoa há sapinho, e na padaria, assa pão.

A chave para o entendimento desta piada está situada no nível fonológico já que é necessário compreender que as expressões “há sapinho” e “assa pão” se pronunciam igualmente, o que as diferencia é a maneira como são escritas. Além disso, está presente na piada o jogo entre os elementos morfológicos “-inho” e “-ão”, ou seja, o sujeito deve compreender a questão morfológica de que, geralmente, para diminutivo acrescentamos o sufixo *-inho* , e para o aumentativo o sufixo *-ao* a raiz de uma palavra.

2- Lexical

A professora pergunta:

_Joãozinho, por que seu pai não veio à reunião?

_Porque estava com a canela quebrada, professora.

- _ Não é canela que se diz, é perna. E sua mãe, por que não veio?**
_ Porque ela fez arroz-doce e precisava comprar perna para colocar nele.

Para compreender esta piada o sujeito deve não só ter o conhecimento de mundo de que a canela é uma especiaria e que podemos acrescentá-la à receita do arroz-doce; mas também deve entender a ambigüidade lexical, gerada pelo substantivo “canela”, que pode significar tanto uma parte de nossa perna como o nome de uma especiaria.

3-Léxico-sintática

- O que o senhor acha do sexo antes do casamento?**
_ Nada contra, desde que não atrase muito a cerimônia.

Nesta piada, há uma certa ambigüidade, uma indeterminação quanto à extensão de tempo recoberta pela locução prepositiva “antes de”, que pode referir-se a todo o tempo ou a qualquer instante imediatamente anterior a um evento; são as circunstâncias da enunciação que decidem se se restringe ou não o lapso de tempo, ou mesmo se se trata de um momento muito definido. Além disso, a piada trata de um fator cultural, o tabu relacionado ao sexo antes do casamento, por isso que, ao perguntar “o que o senhor acha do sexo antes do casamento?”, o mais provável é que acionemos “casamento” no sentido de morar junto com uma pessoa, de formar uma família; e não no sentido de “cerimônia”, como foi expresso pelo personagem na última frase da piada.

4- Sintático-semântica

- _ Sua mãe tá aí. Você não vai receber?**
_ Receber por quê? Por acaso ela me deve alguma coisa?

Nessa piada ocorre uma ambigüidade de ordem sintática: primeiramente lemos o texto como se significasse, sem dúvida, “você não vai receber sua mãe?”, e “receber minha

mãe por quê?”, tendo como complemento do verbo “receber”, “a mãe”, já que na primeira frase é dito “sua mãe ta aí”. Depois, com a frase final “por acaso ela me deve alguma coisa”, percebe-se que o verbo “receber” pode ter dois sentidos, ou seja, na segunda ocorrência, o complemento possível é algo do campo dos bens (dinheiro ou objetos que a mãe entregaria/devolveria ao filho). Portanto, deve-se perceber também uma questão semântica, já que o verbo receber admite várias possibilidades de sentido; ao final da piada há a quebra de expectativa ao escolher o sentido menos relevante dentro deste contexto, em que a mãe está presente na casa do filho, visitando-o.

5- Semântica

O sujeito encontra o colega e desabafa:

- A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.**
- Caramba! Quem é o cara? - pergunta o outro, indignado.**
- Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!**

Para compreender esta piada o sujeito deve reinterpretar o sentido inicial gerado pela frase “A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo”. A impressão é a de que se fala de seu amigo de longa data, mas, com a inserção do advérbio de tempo “agora”, na última frase, percebemos que ele só se tornou seu melhor amigo depois que fugiu com sua mulher. A expressão “melhor amigo” leva o ouvinte a perceber o feixe de significações que ela evoca, o melhor amigo é o preferido dos amigos, e nunca o deixaria numa situação como esta. Ao mesmo tempo, o ouvinte deve perceber os fatores sócio-culturais e pré-construídos aí veiculados na forma de estereótipos: primeiramente observamos a idéia de que, em um casamento, geralmente a mulher foge com o melhor amigo do marido; e, segundo, de que ele não é feliz no casamento, e que não suporta mais sua mulher, por isso é agradecido ao homem que fugiu com ela, a ponto de se tornar seu melhor amigo.

6- Sintático-semântica

Dois turistas encontram um cemitério brasileiro. Vêm uma lápide na qual se lê: aqui jaz um político e um homem honesto. E um dos turistas comenta:

_Que estranho. Os brasileiros enterram duas pessoas num mesmo túmulo.

Esta piada veicula fatores sociais e culturais, pois se percebe que a visão que os estrangeiros têm do Brasil é a de que todos os políticos são desonestos. Além disso, deve-se levar em conta a questão sintática: na frase “aqui jaz um político e um homem honesto”, observa-se que a conjunção “e” causa uma ambigüidade, ele pode ser tanto um conectivo como um fator de adição.

ANEXO II

Protocolo de Estudo utilizado no projeto de Iniciação Científica (1998)

1. _ Você sabe a diferença entre uma criança e um carpinteiro?
_ ...
_ A criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira.
2. Um amigo perguntou para o outro :
_ O que que você acha do sexo antes do casamento?
_ Nada contra, desde que não atrase muito a cerimônia.
3. _ Sua mãe tá aí. Você não vai receber?
_ Receber por quê ? Por acaso ela me deve alguma coisa?
4. _ Você sabe o que o carrapato falou pra carrapata?
_ Você não desgruda, heim!
5. A visita tá saindo. A mãe pergunta pro filho, que está por perto:
_ E o que é que a gente diz quando a visita vai embora?
_ Graças a Deus.
6. Um amigo para o outro:
_ Eu e minha mulher fomos muito felizes por vinte anos.
_ E então, o que aconteceu?
_ Bem, a gente se conheceu e se casou.